Número de chamada
Clas. T/UNESP
PHA A 447 r
Tombo nº 1298

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS
Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência

(Re)colorir o presente pela aquarela da memória ambiental: pesquisa-ação-participativa em um bairro de Bauru

BIBLIOTECA - UNESP - CAMPUS BAURU

Isadora Puntel de Almeida

Bauru
2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS

(Re)colorir o presente pela aquarela da memória ambiental: pesquisa-ação-participativa em um bairro de Bauru

Isadora Puntel de Almeida
orientadora: *Marília de Freitas Campos Tozoni-Reis*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência, área de Concentração Ensino de Ciências da UNESP/Campus de Bauru, como Requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

Bauru
2005

COM MUITA GRATIDÃO...

...lembro das pessoas que teceram comigo cada aprendizado deste trabalho de pesquisa:

À Marilia de Freitas Campos Tozoni-Reis que nos ensina a pensar e fazer pesquisa participativa com sabedoria científica e de vida.

À Nadja que participou de cada momento desta pesquisa. Sua presença permitiu acolhimento, ensinamentos e dias mais festivos.

À Graziela e Nadja. Juntas, quisemos "reinventar o mundo", descobrindo meios pela participação na educação ambiental.

Aos meus pais e irmãos que me renovam a cada encontro.

Ao Haroldo por estar sempre ao lado, me incentivando e me ensinando a ver as belezas naturais de nosso Brasil. Obrigado também por, muitas vezes, ouvir minhas leituras, durante as viagens.



SUMÁRIO

I. EDUCAÇÃO AMBIENTAL: uma dimensão da educação 1

II. CAMINHOS DA PARTICIPAÇÃO NA
PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL 12

1) Pesquisa-ação-participativa 13
2) Escolha do campo de pesquisa e dos sujeitos
envolvidos na pesquisa 15
3) Caracterização dos sujeitos envolvidos na pesquisas 16
4) Caracterização do bairro 17
5) Procedimentos da pesquisa-participativa 17
6) Forma de apresentação do trabalho 19

III. NARRATIVA DO ACONTECIDO: relato da experiência 23

IV. NARRATIVA QUE RECRIAM OS RESULTADOS:
encontrando significados para o vivido 123

V. REFERÊNCIAS 161

EDUCAÇÃO AMBIENTAL:

uma dimensão da educação

unesp

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: uma dimensão da Educação

Pensar a Educação Ambiental, hoje, é para mim, sobretudo, inseri-la no horizonte educativo, considerando-a como um fazer pedagógico que vem fortalecendo seus fundamentos teóricos na perspectiva da educação emancipatória, comprometida com a transformação social. Entendê-la diante desta concepção, foi resultado de um movimento reflexivo que procurou contextualizá-la historicamente em suas duas categorias centrais: a questão **ambiental** e a **educação**.

Discutir o contexto no qual se insere a questão ambiental seria identificar, no decorrer da história, as diferentes formas como o homem vem concebendo a natureza e compreender a conseqüente relação que estabeleceu com o ambiente. Para isto, parte-se do pressuposto que, a evolução destas concepções, se explicitam quando acompanhamos a trajetória das diferentes formulações teóricas que o homem desenvolveu para compreensão do mundo e que marcou cada período, como nos mostra a história da filosofia. Podemos dizer que a atuação social humana sobre o ambiente, manifestada em suas mais diversificadas expressões culturais foi, de certa maneira, regida por essas idéias.

Identificar estas concepções no decorrer da história foi o caminho metodológico utilizado por Duarte (1986), na tentativa de investigar qual o significado de natureza para Marx, principalmente em sua obra máxima, o Capital. Desta forma, ele contribui resgatando quatro momentos: "*concepção mágica de natureza*"; "*cosmologia grega*"; "*revolução mecanicista do século XVII*" e "*concepção hegeliana de natureza*".

Outra autora também discutiu a evolução destas concepções no cenário histórico-filosófico, identificando, ainda, uma possível origem do movimento ambientalista. Para Herculano (1992), se formos considerar o embrião do pensamento ambientalista devemos remontar ao século XIII.

Nesse momento o homem passou a desenvolver um novo modo de vida, migrando dos campos para as cidades e incorporando cada vez mais o modo de produção mercantilista, que teve sua maior expressão na revolução industrial; intensificou-se, então, a dicotomia entre o "mundo da cultura" e o "mundo natural". Adquirir cultura significa, neste sentido, civilizar-se, caminhar em direção a uma nova ordem social e ética na relação dos homens entre si e destes com os demais elementos da natureza, revelando uma separação do homem com a natureza.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Este distanciamento, influenciado por um processo iniciado no século XVI e que se tornou mais evidente a partir do surgimento da ciência moderna com Bacon, Newton e Descartes, contribuiu para o fortalecimento da idéia de 'objetificação' da natureza. Esta passa, então, de sagrada a concreta, mecânica, subjugada e dominada pelo homem. Significa dizer que a natureza passa ser considerada como objeto de intervenção econômica do homem, aparecendo somente como um campo para exploração técnica da matéria que se torna objeto.

No entanto, como nos lembra Herculano (1992), este modelo foi contestado, inicialmente, no período Renascentista dos séculos XV e XVI, com o abandono da visão aristotélica que apregoava um retorno à concepção romântica de natureza, à forma simples da vida rural, onde o sentimento maior, o amor, era atribuído às belezas ditas naturais e bucólicas. Este pensamento Romântico e Arcaico, de acordo com a autora, pode ser considerado como os primeiros indícios de um movimento ambientalista.

Vemos que o mundo contemporâneo é pautado na ética utilitarista – de super valorização daquilo que se apresenta útil, prático e imediato - individualista – que visa obter lucro e acumulação de bens – como também e, sobretudo, cientificista, que só vê importância no que apresenta credibilidade científica, defendendo a supremacia da ciência, resultado de uma forma de viver e ver o mundo construída, historicamente, pela humanidade. Esta é uma forma de viver e ver o ambiente como um cenário que nos rodeia, onde não estamos inseridos, que está fora de nós e, ainda, um ambiente que é somente natural e não construído pela cultura, histórica e socialmente.

No século XX, um movimento de descontentamento quanto ao mundo moderno, sua ciência e também sua forma de conceber o ambiente, também teve sua expressão nas questões educacionais. Contextualizar historicamente a concepção da natureza, ou do ambiente, nos indica a necessidade de discutir a educação também neste horizonte, para o tratamento da educação ambiental.

Para isto, retomemos a idéia explorada por Saviani (1997) de que a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos. Dessa forma, entender a natureza da educação pressupõe entender a natureza humana. O homem, como já definia Marx (2003), é um ser natural e social, que se caracteriza como humano, um ser genérico que se legitima tanto nas suas características biológicas, pertencendo a uma espécie determinada, como na característica de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

se autoconceber, de sua autoconsciência. O homem se distingue da natureza por ser o mais rico, o mais geral, o mais pleno dos seres, já que tem a universalidade das coisas inscritas no âmbito de sua própria ação. Em outras palavras, o homem necessita transformar a natureza, ativa e intencionalmente, por meio do trabalho para produzir tanto sua subsistência como o mundo da cultura. "Dizer, pois, que a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos, significa afirmar que ela é, ao mesmo tempo, uma exigência do e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria, um processo de trabalho." (SAVIANI, 1997). Neste sentido, de acordo com esse autor, o fenômeno educativo, de perpetuação e transmissão das idéias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades é trabalho que "produz direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens".

Assim, entender a educação moderna significa compreender que ela foi profundamente influenciada pela forma como os homens vêm concebendo o mundo, a ciência, o ambiente. Segundo Grün (1996), a educação moderna foi mais do que influenciada, ela precisou acompanhar os ditames da ciência, pautada numa ética antropocêntrica. Isto conferiu a educação moderna um currículo escolar que se "esqueceu" da temática ambiental. O autor denomina estas áreas de esquecimento como "áreas de silêncio" no currículo escolar e atribui essa ausência à estrutura conceitual do Cartesianismo. Conclui que a natureza é exemplo desse não dito e, para que seja inserida em quase todas as áreas do conhecimento, é necessário que respeitemos a "outridade da Natureza", ou seja, respeitemos a natureza como o outro ao qual devemos ouvir. Grün (2003) retoma a idéia de que não estamos fora da natureza como apregoava Descartes e também não estamos totalmente imersos nela como implicam algumas leituras da Ecologia Profunda. Ele coloca a possibilidade, por meio da hermenêutica, de uma relação ecológica entre os seres humanos e a natureza e diz:

> Seria uma relação na qual nós participamos na Natureza e a Natureza participa em nós, como dois círculos concêntricos. Esse tipo de compreensão nos permite estabelecer "Tecnologias de Aliança" com a Natureza para nos aproximarmos dela e, ao mesmo tempo, manter sua outridade sempre respeitada. E nesse tipo de encontro saímos ambos modificados, nós e a Natureza. (GRÜN, 2003, p.6).

Discutido, então, sobre as duas categorias centrais que compõem a educação ambiental é importante, agora, contextualizá-la historicamente.

Podemos iniciar esta tarefa, identificando o surgimento da educação ambiental no interior do movimento ambientalista. Este teve como marco inicial, apesar de sua diversidade conceitual e as polêmicas que trouxe, a publicação do Relatório do Clube de Roma sobre o uso dos recursos naturais disponíveis no planeta, na década de setenta, que instaurou um estado de alerta mundial para os problemas ambientais.

Essas preocupações passaram, então, a mobilizar discussões em âmbito global, sobre porque e como o homem vem modificando o ambiente. A ocorrência de subseqüentes reuniões, conferências e seminários para discussão dos temas que envolvem o cuidado com o ambiente marcaram a história do pensamento ambientalista.

A educação ambiental (EA), tendo origem no interior dessas discussões, foi pensada como uma estratégia para contribuir na superação da crise ambiental. Mais do que ambiental, essa crise é para Grün (1996) uma crise epistemológica, ou uma crise de percepção do mundo, segundo Capra (1982), e uma crise civilizatória, segundo Loureiro (2004). Para este último, essa crise civilizatória é antecedida por uma crise ética devido à "ausência de um conjunto de valores que possam balizar as ações humanas dentro de uma visão de maior integração à natureza" (p. 48).

Assim, os princípios norteadores da EA, seus objetivos e sua estrutura, tornam-se atualmente alvo de reformulações e adensamento.

O 'Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global', elaborado no âmbito do Fórum Global, que aconteceu paralelamente à Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento - a Eco 92 -, constitui-se um importante documento que merece destaque. Ele traz propostas para o tratamento da educação ambiental mundial, que foram direcionadas por princípios traçados para a EA e dentro dos quais destacam-se:

> A Educação Ambiental deve ter como base o pensamento crítico e inovador, em qualquer tempo e lugar em seus modos formal, não-formal e informal, promovendo transformação e construção da sociedade; a Educação Ambiental não é neutra, mas ideológica. É um ato político; a educação ambiental deve tratar as questões globais críticas, suas causas e inter-relações em uma perspectiva sistêmica, em seu contexto social e histórico; a educação ambiental deve facilitar a cooperação mútua e eqüitativa nos processos de decisão, em todos os níveis e etapas. (MEZZER & OVALLES, 1995).

Vemos neste documento, que há uma preocupação em firmar a definição de EA como dimensão da **educação,** uma educação emancipatória, que promova a transformação da sociedade. Para isto, o documento ressalta que é preciso considerar a EA como um fazer político e não neutro, ou seja, nesta ótica, o fazer pedagógico deve estar carregado de intencionalidades. Sobre isto Loureiro (2004. p. 23) esclarece: "a questão nuclear é sabermos como, para que e para quem utilizarmos o conhecimento científico e técnico e em que direção, e isto é um processo político de primeira grandeza". Outro ponto importante do documento, segundo Loureiro é "a EA como portadora de processos individuais e coletivos que contribuem com a redefinição do **homem como ser da natureza**, sem que este perca o senso de identidade e pertencimento a uma espécie que possui especificidade histórica" (2004, p. 31).

Esta forma de pensar e fazer educação ambiental não parece muito presente em atividades pontuais que se restringem, por exemplo, a levar informações sobre os processos ecológicos, sobre preservação e conservação da natureza e de espécies ameaçadas de extinção, entre outras. Uma concepção simplificada que imobiliza o fazer pedagógico, embora tão divulgada na mídia em todo o mundo. Sobre o poder dos meios de comunicação, principalmente os de massa, Brügger (2002, p. 154), faz uma engenhosa discussão. Indica, por exemplo, como um dos pontos para análise, a expansão dos "mercados verdes", muito divulgado na mídia e que, para Brügger, é um dos "mais duros golpes desferidos contra as tentativas críticas de transformação dos padrões culturais de nossa sociedade de consumo, uma vez que mantém as mesmas estruturas responsáveis pela degradação do meio ambiente".

Consideremos que na educação há uma grande distância entre informar e formar, transmitir informações sobre o que se "deve fazer" – informações, muitas vezes, desconectadas da vivência das pessoas - e criar condições para que haja apropriação do conhecimento pelo sujeito, contribuindo para a prática social transformadora. Esta concepção, restrita, desconsidera a complexidade inerente à temática ambiental, que exige ser tratada em todos os seus âmbitos como o econômico, o político, o sócio-ambiental, o ético, o psicológico, assim como é restrita a concepção de educação como transmissão de informações e controle de atitudes e comportamentos. Sem a articulação destas vertentes ao questionamento profundo da estrutura societária em que se deu a degradação ambiental dos últimos séculos não é possível contribuir

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

para mudanças. Além disso, esta é uma forma a-histórica e a-crítica de lidar com a problemática ambiental, uma forma pragmática pois:

> caracteriza-se pelo pressuposto teórico e ideológico de que os problemas estão dados e são objetivos e que a gravidade da situação exige atitudes práticas efetivas e exitosas em curtíssimo prazo pela ação conjunta de disciplinas científicas definidas como essenciais à resolução das questões. (LOUREIRO, 2004, p. 40).

Desta forma, a educação ambiental deve ser humanizadora e formadora para que o indivíduo se aproprie de sua condição humana e de todos os valores que tal determinação impõe, de forma a reconstruir em si os valores de civilidade e humanidade construídos historicamente.

Ela pode ser ainda definida desta forma, por ter como objetivo contribuir na formação de cidadãos críticos e reflexivos, capazes de pensar sua própria prática social. A reflexão sobre a atuação de cada indivíduo na sociedade e, portanto, sobre seu papel na contribuição da transformação do ambiente e conseqüente desequilíbrio deste, deve ocorrer por vias da apropriação/transmissão crítica e transformadora.

Ainda sobre este processo, Layrargues, na apresentação do livro de Loureiro (2004, p. 16), diz que o autor:

> Enfatiza que é necessário efetuar uma ação educativa plena, integral e articulada a outras esferas da vida social para que se consolidem iniciativas capazes de mudar o modelo contemporâneo de sociedade. E, para isso, torna-se necessário evitar as leituras superficiais e simplificadoras da realidade, que resultam em práticas incoerentes e inconsistentes. A questão de fundo é que não parece ser possível transformar a relação humano-natureza sem transformar simultaneamente as relações sociais, porque as dinâmicas entre as esferas social e natural estão articuladas na mesma conjuntura societária.

Assim, esse movimento, motivador da construção coletiva de alternativas, para que haja mudanças comportamentais, e mobilizador de uma nova ética ambiental deve, então, partir da reflexão da complexidade da prática social, tendo também como ponto de chegada a prática social, numa perspectiva histórica. Por ética ambiental, entende-se não um conjunto de valores e normas pré-estabelecidos que procura "enquadrar" a sociedade num padrão rígido, impositivo e superior às demais condutas, mas sim, como:

> responsabilidade de construir uma nova ética que possa ser entendida como *ecológica,* desde que esta seja definida no embate democrático entre idéias e projetos que buscam a hegemonia na sociedade e no modo como esta produz e se reproduz, problematizando valores vistos como absolutos e universais. (LOUREIRO, 2004, p. 51).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Sobre isso, o autor conclui:

> Agindo assim, a Educação Ambiental atual com base no princípio da responsabilidade com o outro, do escrúpulo, do bom senso e não no plano da imposição, da normatização e da culpabilidade individual, objetivando a coerência de valores e condutas nas ações que realizamos ao procurarmos viver dignamente e resolvermos os problemas existenciais que nos colocamos. (LOUREIRO, 2004, p. 51-52).

Como proposta de ação educativa ambiental efetiva, destaca-se um modelo de ensino que, para Grün (1996), deveria ser capaz de mostrar como diferentes aspectos do desenvolvimento cultural, a arte, a política, a religião, a tecnologia e as práticas econômicas foram, em sua origem, profundamente influenciados pelas características dos ecossistemas locais, possibilitando assim a confecção das narrativas biorregionais. Dessa forma, o biorregionalismo poderia orientar a construção e o auto-reconhecimento do sujeito e da comunidade por meio de uma compreensão ambiental.

Neste sentido, o autor coloca também, em discussão a questão da ética e da historicidade, por meio de uma proposta baseada na hermenêutica filosófica que considera o passado como um fluxo no qual nos movemos e participamos como seres sócio-históricos. Considera ainda, que a tradição é algo em que estamos necessariamente inseridos e pelo qual existimos, e que o grau de abertura à tradição determina nossa compreensão do mundo. Para este autor, o termo tradição não deve ser associado ao conservadorismo, ao desatualizado e sim a possibilidades futuras. Considera que a tensão entre o moderno e a tradição, entre presente e o passado, permitem "tematizar as áreas de silêncio da educação moderna."

Portanto, a valorização do conceito de tradição, no interior da teoria educacional, poderia nos ajudar a reconstruir tais narrativas biorregionais e essa seria uma das maneiras por meio das quais a educação ambiental poderia proporcionar aos indivíduos uma melhor compreensão de seus modos de inserção na cultura e na linguagem.

A reconstituição histórica, nesta perspectiva, permite dar voz ao personagem, ressaltando as diferentes formas de expressões culturais. Um exemplo disto, é trazido por SATO (s.d.) que mergulha na cultura pantaneira e traz os mitos, lendas, histórias, danças, sotaques, comidas típicas, folclore e artesanato. Ela vai além e traça um paralelo com a educação e com a educação ambiental.

> A Educação Ambiental quer respeitar as diferenças, porque compreende que a maior beleza que podemos ver na Terra ainda está na diversidade dos seres vivos e de todas as manifestações culturais que os seres humanos possuem. A Educação

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> Ambiental, assim, quer abrir um diálogo entre os diversos saberes, pessoas, regionalidade e identidades. (SATO, s.d., p.7).

Portanto, uma reconstituição histórica, a partir de um resgate das tradições e da memória ambiental de um dado local, permite trazer à luz a trajetória da relação do homem com as modificações ambientais que ocorreram ao longo do tempo. Resgata-se também a história de vida do homem e da comunidade nos aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos.

O resgate da memória ambiental dos diferentes espaços sociais tem se constituído num relevante tema de pesquisa em educação ambiental, pois contribui para a compreensão sócio-histórica do ambiente em que vivem as pessoas, proporcionando-lhes oportunidades de enraizamento em seu ambiente transformado, oportunidades de construir, de forma mais concreta, seu pertencer ao ambiente socialmente construído.

Este trabalho teve origem em um estudo do ser humano e seu micro espaço social que realizei como monografia de conclusão do Curso de Ciências Biológicas, na UNESP–Botucatu (ALMEIDA, 1999), que teve como objetivo identificar as transformações no ambiente natural da beira do Rio Tietê. Para isso busquei na memória dos mais antigos moradores, como nos ensinou Bosi (1983), os elementos de análise. Tratava-se de identificar e compreender as relações estabelecidas entre as mudanças no ambiente de uma região que ficou submersa pela águas desse Rio Tietê, a partir da construção da barragem de Barra Bonita, em 1960, e as mudanças no cotidiano e na vida dos moradores expulsos da Vila de Porto Martins. Baseada nos relatos dos antigos moradores, hoje moradores de Rio Bonito, coletados por entrevistas, foi possível uma reconstituição da história dessas modificações no ambiente e na vida dos moradores, confirmando assim o pressuposto de que a natureza está fortemente presente no cotidiano daquela comunidade, e que suas modificações podem trazer mudanças na história de vida de cada pessoa. No entanto, na coleta e análise dos dados para reconstituir a história daquela comunidade, pude perceber e tentar compreender outras questões referentes ao movimento de migração dos entrevistados, que pareciam estar também muito fortes na história individual de cada morador e, conseqüentemente, na história coletiva da comunidade. A expectativa inicial era de que os moradores, ao serem expulsos de Porto Martins, tivessem logo se mudado para Rio Bonito. Houve migração para a cidade e posterior retorno a Rio Bonito, que se localiza à margem da represa do Rio Tietê e é muito próximo à antiga vila submersa. Esse movimento de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

ida e volta me remeteu à questão do enraizamento/desenraizamento. Os moradores parecem ter voltado à procura dos referenciais culturais perdidos, em busca de suas raízes e de sua identidade enquanto participantes de uma comunidade.

Para resgatar a história das modificações ambientais do local onde viviam, entrevistei personagens. Os sujeitos, neste caso, foram tratados como depoentes de suas lembranças, portanto, não participaram do processo de pesquisa como parceiros e agentes de tomada de decisões sobre o caminho que o estudo percorreu. O resultado final foi organizado por mim, pesquisadora, e construído a partir da interpretação e união dos depoimentos individuais. As pessoas implicadas tiveram acesso a essa coletânea de histórias, mas não puderam se apropriar do processo de construção da história coletiva que trouxe aspectos de caracterizações ambiental, social, cultural, econômica e política da vida comunitária daquele local. Essa pesquisa, caracterizada como pesquisa de campo, trouxe reflexões importantes sobre a relação homem/natureza, mas não priorizou a participação efetiva e direta dos depoentes no processo de construção do saber.

A partir dessa análise e pautada na reflexão sobre a importância da ação participativa do grupo envolvido no estudo, para a apropriação de sua história e da história do ambiente em que vivem, realizei agora um trabalho de educação ambiental que considerou a ampliação metodológica e conceitual que julguei necessária, trazendo a dimensão participativa para a nova pesquisa. Defini então como metodologia da ação investigativa, com outro grupo e em outro espaço social, a pesquisa-ação-participativa.

A abordagem que proponho no presente trabalho partiu da história do estudo da memória para uma concepção diferente, procurando uma relação dos indivíduos em questão com o processo de investigação, de forma que puderam participar de todas as etapas da pesquisa e do levantamento dos dados da memória ambiental. Assim, a pesquisa assumiu também um caráter educativo, com o objetivo de contribuir para a construção do indivíduo como ser sócio-histórico, crítico, autônomo para a tomada de decisões e consciente de suas ações, sem perder de vista o caráter de pesquisa, de produção de conhecimentos sobre a história da ocupação ambiental desse espaço social.

Cabe lembrar também que a educação ambiental, como dimensão da educação, traz em seus princípios a transformação do indivíduo, contemplando uma nova ética ambiental de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

responsabilidade com o meio. A pesquisa-ação em educação ambiental, comprometida sobretudo com a transformação social, caminha paralelamente aos pressupostos da educação ambiental.

É nesse sentido que o presente trabalho desenvolveu-se com o objetivo de realizar uma construção coletiva e participante de conhecimentos sobre a memória ambiental do bairro **Nobuji Nagasawa - Núcleo Bauru 2000,** no sentido de recriar o movimento de pertencimento dos sujeitos no ambiente como forma de contribuir para a reconstrução de novos espaços, novos sujeitos e novas relações sócio-ambientais. Para isto, defini como objetivos:

- Contribuir na mobilização de um grupo de moradores do Bairro Núcleo Bauru 2000, organizados na Associação dos Moradores, como parceiros de pesquisa no processo de produção de conhecimento da história das modificações ambientais do local onde vivem, colaborando, assim, para a apropriação desses conhecimentos como condições sócio-culturais concretas para o desenvolvimento de ações educativas ambientais;
- Desenvolver, em conjunto com o grupo de parceiros de pesquisa do Bairro Núcleo Bauru 2000, investigações sobre a história da ocupação urbana do bairro;
- Compreender, pelo estudo dos dados coletados coletivamente, os condicionantes sociais-políticos-culturais da ocupação urbana do Bairro Núcleo Bauru 2000;
- Identificar, nas atividades de pesquisa coletivas, as características biorregionais do ambiente urbano do bairro;
- Divulgar entre os moradores do bairro, os conhecimentos sobre seu ambiente, produzidos no processo de investigação coletiva;
- Construir, em parceria com os pesquisadores comunitários, estratégias educativas ambientais para a transmissão/apropriação dos conhecimentos históricos ambientais do bairro onde vivem, concretizando o processo de formação desses sujeitos como educadores ambientais na comunidade e, em especial, na escola do bairro.

CAMINHOS DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

PESQUISA-AÇÃO-PARTICIPATIVA

Este é um trabalho de caráter **investigativo** da ação educativa ambiental, conformando-se uma pesquisa do campo das ciências sociais e educação e, portanto, uma pesquisa de natureza qualitativa, instrumento metodológico indicado na investigação relacionada ao processo educativo.

Esta concepção metodológica lida com as significações do comportamento humano individual e coletivo, no âmbito sócio-cultural e busca a compreensão real e concreta da realidade a ser estudada. Dessa forma, de acordo com Goldenberg (1999, p.18), as pesquisas de caráter qualitativo, no campo das ciências sociais, lidam com emoções, valores e subjetividade. Segundo esse autor:

> O principal interesse da ciência social é o comportamento significativo dos indivíduos engajados na ação social, ou seja, o comportamento ao qual os indivíduos agregam significados considerando o comportamento de outros indivíduos. (GOLDENBERG, 1999, p. 19).

Nessa linha metodológica da pesquisa qualitativa, este trabalho apóia-se principalmente na metodologia da **Pesquisa-ação-participativa.** Esta pode ser considerada no âmbito das ciências sociais como uma metodologia nova e inovadora. Santos (1995) faz reflexões epistemológicas sobre a história do conhecimento científico, identificando o surgimento de um novo paradigma, emergente na contemporaneidade. Este movimento vem como uma alternativa epistemológica de superação da crise do paradigma dominante moderno que procurava (e de certa forma ainda o faz) tratar as ciências sociais aos olhos e princípios das ciências conhecidas como naturais. Portanto, condicionantes eminentemente complexos que envolvem as relações e comportamentos humanos, vistos sob o prisma positivista, do objetivismo e da quantificação, por exemplo, simplificam, fragmentam e ocultam a realidade. A ciências sociais, pautadas em uma metodologia própria, segundo Santos (1995 op. cit.), contribui para a reestruturação do fazer científico, articulando conhecimento científico e conhecimento do senso comum. Aí, estabelecer-se-ia uma nova racionalidade. Após uma longa e descritiva caracterização do senso comum como transparente e evidente, de visão panorâmica, ou seja, superficial e, portanto, capaz de aprofundar na horizontalidade das relações entre pessoas e pessoas e coisas, Santos (1995) defende o diálogo com o senso comum e vai além, propondo que o conhecimento científico pós-moderno se converta em senso comum. Assim, esclarece: "A ciência pós-

unesp

moderna, ao sensocomunizar-se, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas entende que tal como o conhecimento deve se traduzir em auto-conhecimento, o desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de vida" (p.57).

Dessa forma, a dimensão libertadora de diálogo com o senso comum, característica de um paradigma emergente, permite que o autor se aproxime dos princípios da pesquisa-ação-participativa, que propõe a aliança entre os conhecimentos, acadêmicos e tradicionais, para a busca de profundas transformações sociais. Esta opção metodológica resulta de um claro descontentamento com a neutralidade científica que defende a pesquisa tradicional, descompromissada social e politicamente. Esse descontentamento é abordado também por outros autores.

Thiollent (2000) explora a diferença entre a pesquisa social convencional e a pesquisa-ação-participativa com relação à dinâmica de transformação social. Diz que a primeira focaliza uma situação e não tem instrumentos que permita a compreensão da dinâmica de transformação em uma outra situação desejada:

> (...) pela pesquisa-ação é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação. (THIOLLENT, 2000, p. 19).

Esse caminho metodológico busca contribuir para a transformação social, por meio da participação dos indivíduos no processo de construção do saber. Para compreensão e definição do método, Thiollent (2000) afirma:

> (...) a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2000, p. 14).

Triviños (1987), discorrendo sobre a pesquisa em ciências sociais, mais especificamente sobre as diferentes categorias dentro da pesquisa qualitativa, reflete sobre a pesquisa participante como uma proposta metodológica inovadora, que se caracteriza pela ampliação da equipe de investigação. A ampliação a que o autor se refere é justamente a possibilidade que se abre de envolvimento radical dos sujeitos envolvidos no processo de pesquisa, numa conquista participativa em que haja acesso ao poder de decisão, por estes. Para isto, é preciso a formação de um grupo de pesquisadores parceiros que podem ser as próprias pessoas da comunidade. Neste trabalho, o grupo de pesquisadores comunitários foi formado por membros

unesp

da diretoria da Associação de Moradores do Bairro Nobuji Nagasawa.

ESCOLHA DO CAMPO DE PESQUISA E DOS SUJEITOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA:

A escolha do campo desta pesquisa e dos sujeitos envolvidos remonta à história pessoal do meu envolvimento com a educação ambiental e o ensino não formal. As atividades acadêmicas que antecederam à pesquisa de pós-graduação revelam esta tendência que atribuo à maneira em que venho construindo minha concepção sobre a educação e em especial a educação ambiental.

Valendo-me do que discorreu Tozoni-Reis (2004) sobre o princípio da democratização do ensino, do acesso ao conhecimento e da necessidade urgente de mudança na mentalidade acerca do conceito moderno de progresso, acredito que a educação ambiental deva também atingir as classes menos favorecidas e incluir a parcela adulta da sociedade. O investimento em educação ambiental para crianças e jovens parece ser muito defendido. Este fato pode estar associado, seja por estes estarem ainda em fase de formação, seja pela amplitude, a longo prazo, que o ensino espera alcançar. No entanto, é preciso lembrar que é desejável que as visões mais equilibradas entre o homem e a natureza sejam discutidas, compreendidas, problematizadas e incorporadas em todo o tecido social de forma democrática, exigindo investimento de esforço dos educadores ambientais na abrangência do ensino a todos os grupos sociais e faixas etárias.

Assim, a educação não formal de adultos, além de ser uma forma de contribuir para que estes também sejam incluídos, social, política e culturalmente, passa por uma outra questão que considero importante: a responsabilidade social com a qual a Universidade deve comprometer-se. O conhecimento tem que ser construído não para a sociedade, mas junto a ela, com ela, partindo das necessidades mais locais para alcançar esferas mais amplas.

Outros motivos de ordem mais prática também influenciaram a escolha do bairro em questão. Ao ingressar no programa de pós-graduação em Educação para a Ciência, da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, UNESP de Bauru, em 2003, passei a participar do grupo de pesquisa em Educação Ambiental, coordenado na época pela Profa. Dra. Jandira Líria Biscalquini Talamoni. Este grupo já havia realizado importantes atividades acadêmicas e de extensão universitária. Dentre estas, a promoção de um curso de difusão

cultural oferecido às comunidades escolares de Bauru. Participou do curso a então diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental – Thereza Tarzia, localizada no bairro Nobuji Nagasawa – Bauru 2000. Deste primeiro contato surgiu o interesse, por parte do grupo de pesquisa, mediado pela diretora da escola municipal, em desenvolver um trabalho coletivo de educação ambiental no bairro onde se localiza a escola.

Este fato influenciou imensamente a escolha do campo de estudo onde foi desenvolvida a pesquisa proposta. A idéia era trazer com este estudo, contribuições para o grupo de pesquisa, do qual agora participava. No entanto, tal projeto coletivo não se realizou em função de reformulações do planejamento de ações do grupo, anualmente organizado. Antes da mudança de planos do grupo, houve uma reunião na escola Thereza Tarzia com a então diretora e alguns membros da Associação de Moradores do bairro. Além de o grupo expor as intenções de trabalho, os moradores, representantes da comunidade, apresentaram uma série de propostas de ação para melhoria das condições do bairro. Promoveram também uma visita monitorada em toda a área natural do entorno do bairro. Estabeleceu-se, então, o meu comprometimento e o de Nadja Janke, aluna do mesmo programa de pós-graduação, em desenvolver nossas pesquisas junto àqueles moradores.

Dessa forma, realizaram-se duas pesquisas na área da educação ambiental, que tiveram como temas geradores: a história da transformação ambiental do local onde foi construído o bairro, apresentado neste estudo e um outro, tratando dos indicadores de qualidade de vida mais significativos para a comunidade do bairro, apresentado no estudo de Janke, (2005). É importante destacar que estes dois trabalhos foram realizados articuladamente: compartilhamos dificuldades, soluções, idéias, leituras, interpretações, descobertas, frustrações, alegrias e angústias.

CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA:

Para constituição de um grupo de pesquisadores comunitários, inicialmente convidamos os membros da Associação de Moradores do bairro Nobuji Nagasawa – Bauru 2000. Esta escolha decorreu de dois fatos importantes: o primeiro fato foi que estes moradores já estavam estruturados e organizados em um grupo, o que poderia facilitar na efetivação de uma pesquisa-ação-participativa; o segundo, foi que o grupo representava a comunidade e, como

tal, executava tarefas as quais tratavam de temas muito próximos aos que seriam propostos por nós, pesquisadoras acadêmicas.

CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO:

O bairro **Nobuji Nagasawa - Núcleo Bauru 2000** situa-se em localidade periférica da cidade de Bauru e constitui-se um conjunto habitacional inaugurado no ano de 2000. Hoje, ano de 2005, possui cerca de 1.200 casas construídas, uma escola municipal e outra estadual de ensino fundamental que atendem as crianças e adolescentes do bairro e se caracteriza sócio-economicamente como um bairro de classe média baixa. Existia, em 2003, uma Associação de Moradores que tinha como presidente. O Sr. Joel Isidoro da Silva.

No entorno da área das casas há um ambiente natural, onde ainda não houve ocupação humana. Nesta área é possível identificar árvores esparsas, típicas de áreas de Cerrado, dentre uma grande área vegetal ocupada por gramíneas. Encontra-se também o leito do córrego Barreirinho, que apresenta grandes alterações da sua condição natural. Observa-se a ausência de mata ciliar da margem em praticamente toda a extensão do córrego. Em todo o ambiente, natural e urbanizado, há presença de lixo doméstico e entulhos espalhados, mesmo havendo placas instrutivas com a indicação de "não jogar lixo".

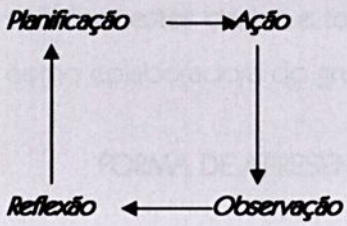
Estas características mostram uma importante característica do bairro: a ocupação urbana é relativamente recente e a área ainda conserva algumas das características naturais do Cerrado. Assim, uma investigação-ação-participativa que proporcionou oportunidades de construção de conhecimentos sistematizados sobre a história das transformações ambientais justificou-se como necessária à identificação sócio-histórica desse espaço urbano e à apropriação, por parte de seus moradores-cidadãos, da história do ambiente em que vivem, sendo esta uma condição desejável para se concretizar um processo educativo ambiental consciente e conseqüente.

PROCEDIMENTOS DA PESQUISA-AÇÃO-PARTICIPATIVA:

A proposta partiu da confluência entre conhecimento científico e saber popular na estruturação dos procedimentos de uma pesquisa. Desta forma, iniciou-se o processo destacando o proposto por Ángel (2000, p. 49-50):

> Como se inicia uma investigação-ação? Pode surgir de diferentes formas.
> [...]
> b- Um investigador ou uma investigadora desenha uma investigação na qual o modelo metodológico que melhor se ajusta é a investigação ação, que para poder colocá-la em prática tem que reunir e conformar um grupo de docentes interessados no objeto da investigação *(tradução livre)*.

A partir do convite para a formação do grupo, deu-se procedimento às etapas seguintes, sugeridas também por essa autora:

Etapas fundamentais da pesquisa –ação-participativa / Procedimentos do trabalho	História das transformações ambientais no Bairro Nobuji Nagasawa Bauru 2000
1) Desenho da Investigação: desenho teórico e metodológico	Incorporação do tema proposto às histórias de vida dos membros do grupo no ambiente do bairro; Escolha de sub-temas para investigação
2) Desenvolvimento da investigação: 	Estudo do método de coleta dos dados sobre a história ambiental; entrevistas com a comunidade; estudo de documentos oficiais; estudo dos condicionantes sociais-políticos-culturais da ocupação urbana do Bairro Núcleo Bauru 2000; análise dos dados para formulação de documento escrito sobre a história do local e das modificações das características biorregionais do ambiente urbano e natural que ocorreram durante esta ocupação; planejamento das ações junto à escola Estadual do bairro
3) Elaboração do Informe final	Envolvimento da direção, coordenação, quadro docente e alunos da Escola Estadual Padre Antônio Jorge Lima de ensino fundamental e médio. Realização de atividades didáticas e para-didáticas a partir do material produzido pelo grupo de pesquisadores comunitários para divulgação do resultado da pesquisa. / elaboração pela pesquisadora, de livro da história da ocupação ambienta do bairro.

Estas etapas, mais práticas, auxiliaram o trabalho de pesquisa-ação-participativa e estão de acordo com a proposta de DEMO (1989). Este traz sugestões para a planificação das atividades, que são semelhantes às apresentadas acima, como o autodiagnóstico e a construção de estratégias de enfrentamento. O autor dá destaque, também, à fase denominada organização política. Esta seria, segundo esse autor, um quarto momento para o planejamento participativo, que pode ser caracterizado pela ação educativa. Nesta etapa a comunidade se

organiza politicamente e para tal são necessárias estratégias para garantir competência no enfrentamento dos problemas, visando uma sociedade democrática, participativa e capaz de construir um quadro tolerável de desigualdades sociais. Assim: "A pesquisa participante exige na mesma pessoa o pesquisador formalmente competente e o cidadão politicamente qualitativo. Esta é a garantia mais efetiva da união entre teoria e prática" (DEMO, 1989, p.239). Este, então, é o lugar do espaço educativo da autopromoção.

Alcançar essa dimensão, de autonomia, participação e autopromoção era o meu desejo, embora pareça apressado dizer que este trabalho conseguiu atingir tal meta. A apropriação qualitativa dos conhecimentos produzidos pela comunidade junto com o pesquisador, sobre as transformações do ambiente do Bairro, além de ações mais imediatas, foram estratégias que se preocuparam em promover mudanças comportamentais efetivas com relação ao ambiente, na tentativa de garantir uma nova ética ambiental, qualidade de vida, equidade social e comprometimento com as gerações futuras. Visou-se também a divulgação dos conhecimentos sobre o ambiente em que vivem, produzidos no processo de investigação, no sentido de socializar estes dados e torná-los acessíveis à comunidade e à escola do bairro que participou como colaboradora do grupo neste trabalho.

FORMA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Dados da pesquisa:

Os dados recolhidos pelas duas pesquisadoras acadêmicas, por meio de registro em gravador, registro das observações, anotações em caderno de campo e registro de percepções realizadas individual e coletivamente, à cerca das reuniões e das atividades do grupo de pesquisadores comunitários, foram apresentados neste trabalho de forma seqüencial, com relação à ocorrência dos fatos. Cada evento foi descrito em um subcapítulo dentro do capítulo **"NARRATIVA DO ACONTECIDO: relato da experiência"**, tentando trazer, além dos dados empíricos e factuais do dia-a-adia, as observações e comentários.

Encontrando significados para o vivido:

A análise deste trabalho, apresentada no capítulo **"NARRATIVA QUE RECRIAM OS DADOS DE PESQUISA"** foi realizada a partir do exercício de reflexão durante e após a experiência vivida

unesp

e relatada, destacando as possibilidades de discussão que se explicitaram e se fizeram perceber neste processo. Assim, todo o desenvolvimento do grupo e seu envolvimento com os processos da pesquisa, realizada de forma coletiva, inventiva e participativa, para resgatar e reconstruir a memória ambiental e contribuir para compreensão dos atores sócio-históricos, das relações sociais tecidas no tempo e no espaço que hoje vivenciam, foram assuntos para compreensão. Numa tentativa de transitar inicialmente entre uma releitura do que "aconteceu" passando ao que "me aconteceu" como pesquisadora e cidadã nesta experiência vivida em campo, trago reflexões, apresentadas e recriadas em forma de uma narrativa mais solta, mais pessoal, mais entrecortada e metafórica, acompanhada de um aprofundamento teórico que se entrecruzam à narrativa escrita. Foi uma tentativa de dar a este estudo uma abordagem alternativa, viva, às descrições "objetivas" que muitas vezes enrijecem os relatos em busca de uma cientificidade artificial e desnecessária à compreensão do vivido.

Procurei traçar neste capítulo, uma linha de análise dos temas pontuados em forma de itens. Cabe lembrar que, o grau de aprofundamento das reflexões, se diferenciam de acordo com a importância e relevância para esta pesquisa.

Nós e o outro, nós com o outro:
reflexões sobre a universidade e a sociedade.

Neste item apresento minha trajetória como educadora ambiental, a partir de minha formação acadêmica, trazendo uma discussão teórica sobre a pesquisa tradicional e a pesquisa qualitativa e enfocando a necessidade de metodologias participativas para que a universidade se fortaleça como instituição socialmente comprometida. Assim, demonstro as angústias e preocupações com relação à execução prática da pesquisa-ação-participativa que exige coerência teórica, para que haja conquista da participação por parte dos sujeitos diretamente envolvidos, cuidando para que o processo não corra o risco de ser manipulatório.

Quem são os outros:
identificando a natureza do grupo de moradores do bairro

Para compreender o processo de formação do grupo de pesquisadores comunitários, pretendi levantar, neste item, as características internas da Associação de Moradores do Bairro.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Para isto destaquei momentos importantes que precederam à criação do Grupo de Pesquisadores Comunitários (GPC) para tentar identificar as expectativas criadas pelos moradores em relação a nós, pesquisadoras acadêmicas. As relações que se estabeleceram nas primeiras reuniões do grupo entre os pesquisadores-comunitários e as pesquisadoras-acadêmicas, também foram analisadas.

O que implica participar:
condição construída ou imposição?

A necessidade de aprofundar a análise para melhor entendimento da formação do grupo de pesquisadores comunitários, indicou a importância de um estudo sobre os conteúdos teóricos e práticos da participação. Assim, neste item, alguns autores ajudaram a construir um caminho para a compreensão do tipo, grau e qualidade de participação que estão impostas a qualquer forma de organização grupal. Além disto, identifico no processo grupal quatro momentos, que revelam níveis diferentes de participação.

Reflexão sobre o que fomos ou... o que somos:
participantes, pesquisadoras ou educadoras?

Todo o trabalho realizado pelo grupo de pesquisadores comunitários, somados às análises das pesquisadoras acadêmicas, tanto individuais como aquelas compartilhadas entre as pesquisadoras, durante o procedimento do trabalho, serviram para contribuir na formulação de um entendimento sobre o processo educativo desta pesquisa-ação-participativa. Esta análise da dimensão pedagógica, trouxe discussões sobre: os processos dialógicos que estiveram presentes nesta experiência de ensinar e aprender; o papel do professor/mediador entre o conhecimento popular e o conhecimento científico e sobre os processos cognitivos que estão envolvidos na apropriação de novos conhecimentos. Esta discussão também apontou a necessidade de indicar algumas considerações sobre educação pela pesquisa.

unesp

Aprender a pensar na esteira deixada pelo pensamento do outro: memória do ambiente

O objetivo desta análise foi trazer uma reflexão sobre o processo de resgate da memória ambiental do bairro, realizado pelo grupo de pesquisadores comunitários e suas implicações para a comunidade que recentemente ocupou este ambiente. Neste sentido, ressalta-se a importância de se reviver a história que fora do outro, apropriando-a para se identificar nesta narrativa como personagem ativo que pode refazer o passado e recriar o presente. Além disto, pretendeu-se explicitar as contradições passado-presente e presente-passado, ou seja, as mudanças ambientais que aconteceram, o contraste entre o antes e o agora, para uma compreensão do processo de ocupação desta região. Pelo horizonte da historicidade, no tratamento da educação ambiental, discutiu-se a construção de narrativas biorregionais que permitem o reconhecimento da responsabilidade pela construção de novos espaços, novos sujeitos e novas formas de se relacionar com este ambiente.

E então... o que fica?

Este foi um momento de balanço final, onde são apresentadas considerações pessoais sobre a experiência vivida em campo e sobre a abordagem participativa da educação ambiental.

NARRATIVA DO ACONTECIDO:

relato da experiência

NOSSO PRIMEIRO ENCONTRO:

convite para criação de um grupo de pesquisa

01 DE NOVEMBRO DE 2003

Os moradores representados por aqueles que compunham a Associação dos Moradores do Bairro Nobuji Nagasawa, foram as pessoas convidadas para participar de um primeiro encontro. O convite, confeccionado por Nadja e por mim, foi entregue pessoalmente a cada membro da associação e tinha como título "Criando um grupo de pesquisadores comunitários".



Neste convite, mencionamos nossa intenção de criar um grupo com o objetivo de organizar estratégias para conhecer melhor a história do bairro e buscar melhores condições de qualidade de vida para todos. Esse convite foi uma "chamada" à participação, e esperávamos o envolvimento das pessoas e o comprometimento das mesmas na busca organizada e sistematizada do conhecimento de suas próprias realidades.

Compareceram seis pessoas, das treze que compunham o quadro da diretoria da Associação. A curiosidade aparecia como principal motivação nos primeiros momentos do encontro e aqueles homens (homens aqui, do sexo masculino, pois todos moradores do bairro que compareceram eram homens) que ali estavam foram, aos poucos, informados sobre a natureza do trabalho. Assim nos apresentamos, contanto um pouco da nossa trajetória universitária no Curso de Ciências Biológicas na UNESP de Botucatu, nosso envolvimento com a Educação, com as aulas de licenciatura e como isso nos levou para a área da Educação Ambiental. Este movimento acadêmico – discursávamos - fatalmente culminou no nosso envolvimento com projetos comunitários em educação não-formal, o que sofreu amadurecimentos posteriores quando buscamos a pesquisa-ação-participativa como metodologia para nos orientar nesta etapa de nossa formação pós-graduada. Apresentar a pesquisa-ação-participativa era explicar tudo o que a cercava e, principalmente, a necessidade da criação do "Grupo de Pesquisadores Comunitários". Se nosso objetivo principal era contribuir para as mudanças em prol de melhorias para o bairro, fazia-se essencial e primordial este casamento entre o conhecimento que trazíamos da universidade, o saber popular e a participação dos moradores do bairro, para juntos, então, traçarmos estratégias de enfrentamento dos problemas. Já tínhamos claro que o papel da Universidade para com a sociedade era o ponto principal de nossas ações numa primeira tentativa de aproximação, mas depois percebemos ser este um movimento ainda unilateral. O relato de um parceiro de pesquisa, em um momento bem mais avançado de nossos encontros, ilustra o distanciamento inicial do nosso discurso ao apresentarmos a proposta:

> *"Agora sim entendo como podemos participar, antes, quando apresentaram a proposta pela primeira vez, sinceramente eu não entendi nada"*

Esse comentário vem reforçar nossa percepção de que a dimensão participativa da pesquisa-ação-participativa é gradativa e vai se construindo conforme a ação educativa/participativa vai se fazendo. Notemos aqui que a ação educativa é de "mão dupla";

pudemos vivenciar uma das idéias mais importantes da pesquisa-ação-participativa num projeto educativo, a de que o pesquisador acadêmico é educador e educando ao mesmo tempo (FREIRE, 1983). Desta forma, na primeira reunião, no convite à comunidade do bairro, enfatizamos o princípio da participação de forma que a adesão acontecesse o mais espontaneamente possível.

No início era tudo, realmente, muito novo e confuso, também para nós, pesquisadoras acadêmicas, que até então éramos estranhas ao bairro e àquelas pessoas. Além de desconhecer aquela realidade e as expectativas que se cercavam ao entorno de nossa proposta, passaríamos a experimentar uma nova forma de trabalhar, de trocar vivências, de fazer pesquisa e educar. Assim para evitar confusões nos encaminhamentos da pesquisa, trouxemos também para discussão no grupo, o caráter deste novo trabalho, diferenciando-o das ações que permeavam, por exemplo, o fazer político da Associação de Moradores do Bairro. Nosso Projeto partira deste grupo já organizado, mas deveria se constituir em um novo grupo, independente, que poderia até mesmo, caso fosse a vontade de todos, contar com a participação de outras pessoas do bairro. O assunto sobre a necessidade de estender o convite a toda a comunidade provocou grande discussão, trazendo à tona todo o descontentamento dos participantes da Associação com relação ao envolvimento dos demais moradores nas atividades no bairro; diziam haver pouco comprometimento por parte dos membros da comunidade quanto à manutenção da limpeza dos terrenos e ruas do bairro, quanto ao cuidado com as áreas públicas e, principalmente, com o grau de participação dos moradores em projetos coletivos, como foi o caso da construção da ponte de madeira sobre o córrego Barreirinho, ligando o Bauru 2000 ao Bairro Nova Flórida, segundo o relato dos participantes do grupo.

Ficava clara então, para nós que mediávamos a reunião, a necessidade de desvincular o Grupo de Pesquisadores Comunitários do grupo da Associação dos Moradores, já que era vontade de todos provocar e incentivar a participação dos demais moradores.

A reunião foi finalizada com a apresentação eletrônica de uma seqüência de imagens e música, (Anexo, em mídia eletrônica de arquivo Power Point, apresentado neste trabalho) o que me inspirou na criação deste poema. Parafraseando Caetano Veloso na música Terra:

"Um planeta azul, a Terra!
Nossa Terra, o errante navegante
e tripulantes dos mais diversos.
Entre eles... nós, vocês, eu
e nossa vida, sua vida como a deles
num lugar, o meu estar e bem
querer-te bem e eu também
Terra, quem jamais te esqueceria."
Isadora Puntel

As imagens da apresentação partiam do planeta Terra visto do espaço e avançavam para a particularidade, como se entrasse no planeta. Do mundo ao Brasil, do Brasil a São Paulo, de São Paulo à Bauru e dentro da cidade o Bairro Nobuji Nagasawa e seus elementos naturais, urbanos e humanos. Deste ponto as imagens evoluíam para um apresentação de um conjunto diversificado de homens, mulheres, adolescentes, crianças e velhos brasileiros em diferentes espaços sociais. Por fim, em um movimento que simulava a volta ao estágio inicial (*zoom out*), a imagem do planeta aparecia girando no espaço. Esta foi a estratégia criada para demonstrarmos nosso primeiro olhar sobre aquele bairro, antes mesmo de conhecer suas peculiaridades e sua realidade.

Finalizo o relato do primeiro dia, lembrando que este foi somente o início de uma história de experiências vividas que pretende não ter fim.

CONVITE AOS DEMAIS MORADORES:

organizando o conteúdo do evento

15 DE NOVEMBRO DE 2003

Cartolinas, pincéis atômicos, tarjetas, fitas adesivas e idéias no quadro de giz da escola. Essa foi a dinâmica do segundo encontro com os membros da Associação de Moradores do bairro. Desta vez percebíamos a significativa redução do número de participantes. Daquelas seis pessoas que compareceram no primeiro dia, somente duas voltaram a nos encontrar num sábado, em uma sala da Escola Estadual Padre Antônio Jorge Lima. O grupo então começava com o Joel, o Ricardo, a Nadja e eu.

Compartilhando a necessidade, já colocada no primeiro encontro, de agregar novos participantes àquele grupo que começava a se constituir decidimos, juntos, organizar um evento para estender o convite à comunidade.

Como organizaríamos este evento? Aonde seria realizado? Qual seria o conteúdo para apresentarmos nossas propostas? Como convocaríamos os moradores? Quais recursos utilizaríamos? Estes foram os questionamentos que nos impulsionavam a organizar um primeiro esboço sobre o conteúdo deste evento.

Confirmado o objetivo de agregar novos participantes, a discussão agora mergulhava nas necessidades, nos problemas daqueles que moravam no Bauru 2000. Conforme os temas iam surgindo, os próprios participantes os transcreviam para tarjetas de papel que eram dispostas no quadro, formando um esquema ainda não diagramado.





Logo, as primeiras idéias foram tomando forma e tínhamos, a princípio, uma lista de problemas levantados e identificados como prioridades de ação no bairro. Sobre a segurança, falamos das casas abandonadas e do mal uso das áreas verdes que serviam de local de esconderijo para "malfeitores"; sobre a saúde, identificamos a inexistência de creches e posto de saúde; foram colocados os problemas relativos à falta de local de lazer, ao péssimo estado de conservação das ruas do bairro e ainda ao grande volume de lixo depositado nos terrenos baldios. Desta forma, esses seriam parte dos conteúdos de nossa apresentação para os demais moradores desta comunidade. Os problemas levantados poderiam ser apresentados como um dos principais pontos de discussão em nossa pesquisa.

Em seguida, sentimos a necessidade de sistematizar, de dar uma seqüência mais organizada para a apresentação da nossa proposta, identificando outros temas como conteúdos. Surgia então, um primeiro desenho, construído coletivamente, na forma do quadro a seguir:



1 - Apresentação do grupo de pesquisadores.

2 - Como surgiu o idéia de se trabalhar no bairro

3 - Qual o objetivo do grupo.

4 - O que seria a pesquisa.

5 - Caracterização física, econômica e ambiental do bairro.

6 - Em quais áreas poderíamos estar pesquisando:

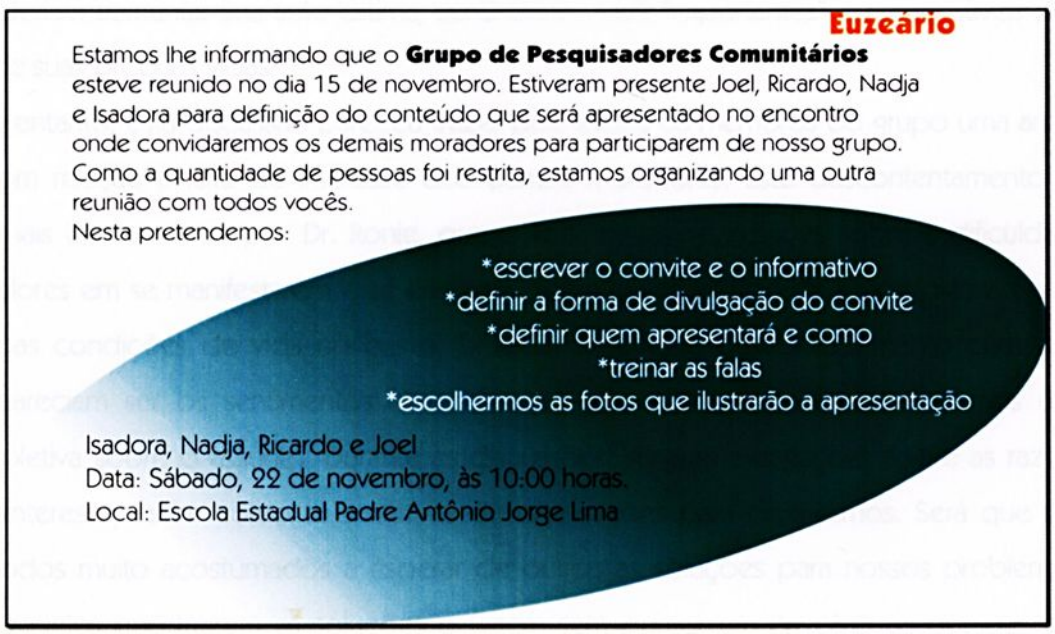
- *Saúde*
- *Ambiente*
- *Educação*
- *Lazer*
- *segurança*

PARTICIPAÇÃO POPULAR:

refletindo sobre o envolvimento dos moradores

22 DE NOVEMBRO DE 2003

Decidimos, no final da reunião anterior, informar os demais membros da Associação que não estavam presentes, sobre as atividades que realizamos no encontro e convidá-los para a próxima reunião. Coletivamente, decidimos que esta estratégia, além de colocar todos a par dos acontecimentos, seria uma forma de reforçar o convite à participação do grupo e estimulá-los ao comparecimento. Desta forma, destacamos os itens sobre a ata da reunião anterior para que constasse no "convite informativo" e ainda determinamos datas para o próximo encontro. Todo o conteúdo do convite foi elaborado pelo grupo, mas a criação e finalização da arte foram realizadas por Nadja e por mim. Já impresso, dividimos o trabalho da distribuição dos mesmos entre os participantes do grupo, para que estes chegassem diretamente às mãos de todos os membros da Associação.



A estratégia do informativo atingiu seus objetivos de atrair mais participantes. A reunião do dia 22 de novembro começou com a presença de mais dois membros da Associação: o Dr. Ronie e o Sr. Pedro. Éramos, então, seis participantes para preparar o Evento para o qual convidaríamos mais moradores do bairro a unirem-se ao nosso grupo. As atividades previstas eram de rediscutir a organização do conteúdo do evento a partir do quadro diagramado, para que os temas fossem capazes de apresentar todas as intenções deste grupo.

O principal ponto deste encontro foi a discussão sobre as formas de motivar os demais moradores para que se sentissem pessoas responsáveis pelas melhorias daquilo que desejavam para o bairro. O que o grupo colocava era que inicialmente seria preciso uma boa articulação para que as nossas intenções enquanto grupo, no trabalho no bairro, fosse de conhecimento de todos, para, então, tentarmos agregar novos participantes. Estes poderiam ajudar tanto na pesquisa diretamente, como pesquisadores comunitários, como serem colaboradores nas atividades que deveriam acontecer no decorrer do trabalho. Os integrantes do grupo se manifestaram quanto a esta discussão; Ricardo dizia que era preciso uma participação efetiva de todos colocando que não adiantava fazermos tudo por todos, não adiantava "dar o peixe pronto, era preciso ensinar a pescar"; Dr. Ronie se fixava no tema da motivação, tentando levantar idéias de como poderíamos incentivar as pessoas a participar. Para ele, o que poderia ser um ponto forte para a motivação era demonstrar aos moradores que fazendo parte do grupo poderiam aumentar sua auto-estima, sentindo-se mais "importantes" e responsáveis pela melhoria de suas próprias vidas.

No entanto, esta discussão pareceu trazer para todos os membros do grupo uma antiga "cisma" com relação à falta de interesse dos demais moradores. Este descontentamento foi revelado mais intensamente por Dr. Ronie, que colocou suas impressões sobre a dificuldade dos moradores em se manifestarem e se envolverem em qualquer tipo de ação coletiva para a melhoria das condições de vida no bairro. Desapontamento e descontentamento com essa situação pareciam ser os sentimentos de todos do grupo. Foi então que orientamos uma reflexão coletiva sobre o assunto. Durante as discussões, surgiam indagações sobre as razões deste desinteresse, assim como as tentativas de explicações para os mesmos. Será que não estamos todos muito acostumados a esperar de outros as soluções para nossos problemas? Será que aqueles que trazem as soluções o fazem sem pensar em envolver as pessoas que

unesp

estão diretamente vivendo esta situação? Será que as atividades políticas da Associação também não são muito unilaterais, sem esforço à convocação das pessoas para a ação? Será que o contexto histórico, cultural e social que vivemos não contribui para que sejamos cada vez mais individualistas e menos cooperativos? Essas idéias foram debatidas e nos ajudaram a pensar estratégias mais eficientes de intervenção na comunidade.

Iniciamos então a definição coletiva das formas de divulgação do Evento, avançando várias estratégias.

Ao final da reunião, Nadja e eu exibimos um vídeo de cinco minutos de duração, produzido pelo FAÇA PARTE – Instituto Brasil Voluntário e pela Fundação Educar para o Programa Escolar da Família. Esta é uma organização social sem vínculos político-partidários ou religiosos, nascida em 2001, Ano Internacional do Voluntário, com a missão de promover o voluntariado no Brasil em todas as esferas sociais. Seus objetivos são: promover o crescimento quantitativo e qualitativo do voluntariado jovem, tendo em vista contribuir para o desenvolvimento social do país; aumentar o reconhecimento da importância do trabalho voluntário nos diversos setores sociais; construir uma rede de organizações comprometidas com o voluntariado.

Após entrarmos em contato com este material por meio da indicação de Graziela, uma outra aluna do mestrado do mesmo programa de pós-graduação, verificamos que seu roteiro continha ricas informações que poderiam nos auxiliar na formação do grupo de pesquisa e planejamento das ações que, embora mesmo não sendo especificamente um projeto de voluntariados, tinha muita semelhança com os nossos objetivos. O vídeo fora produzido para auxiliar na construção de um projeto de voluntariado, portanto é um material didático, lúdico e a personagem que apresenta as falas é um giz animado. Está organizado em sete etapas para criação de um projeto de voluntariado: convocação; diagnóstico; projeto; ação; reflexão; registro; reconhecimento (Anexo 1).

A discussão que o vídeo provocou no grupo foi exatamente a confirmação de que as propostas do FAÇA PARTE eram muito próximas dos objetivos que o grupo buscava alcançar. As dicas, em forma de passos que devem ser seguidos para se construir um projeto coletivo de voluntariado, nos auxiliaram a pensar e criar etapas a serem cumpridas e, assim, sistematizar nosso trabalho.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

MAIS UM PASSO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO GRUPO:

nosso logotipo e "slogan"

20 DE FEVEREIRO DE 2004

O ano começava e era preciso retornar às atividades no bairro. As festas do final de ano e as férias escolares nos distanciaram por aproximadamente três meses. Em final de fevereiro o grupo voltou a se encontrar e a se reorganizar. O conteúdo de nossa apresentação foi retomado e assim conseguimos concluir as idéias do quadro que havíamos construído. A apresentação seria constituída dos seguintes temas: apresentação de nosso grupo; como surgiu a idéia de nos envolver com o bairro; quais eram os principais objetivos de nosso grupo; nosso trabalho de pesquisa; identificação das características física, econômica e social do bairro; e caracterização das áreas potenciais para o desenvolvimento da nossa pesquisa (saúde, segurança, educação, lazer, ambiente, etc). Esses temas foram organizados de uma forma que cada participante os apresentassem aos convidados. Depois de uma apresentação inicial, ficamos responsáveis, Nadja e eu, por falar sobre nossas trajetórias pessoais até o envolvimento com o bairro, e sobre os objetivos que procurávamos alcançar em conjunto com o grupo. Aos demais participantes, pesquisadores comunitários, caberia a explicação de como faríamos este trabalho: ao Ricardo, a apresentação das características do bairro; sobre as áreas em que poderíamos trabalhar, foi tarefa atribuída a todos nós, para que juntos colocássemos como víamos as necessidades do bairro, esperando que isso tudo motivasse a participação de todos.

Muitas decisões precisavam ser tomadas sobre a divulgação do evento. Elencamos diversas formas para convidar a comunidade e informá-la sobre a data e o local do encontro. Entre elas, escolhemos como veículos de divulgação o "carro de som", a exibição de faixas, a distribuição de panfletos informativos nas escolas e a fixação de cartazes nos veículos de transporte coletivo que cobriam as linhas locais. Todas essas formas de divulgação, e suas potencialidades informativas para aquela comunidade, foram avaliadas pelo conjunto dos participantes. Estávamos aprendendo, então, um pouco mais sobre a dinâmica do bairro!

Percebemos que os textos a serem utilizados para cada uma das formas de divulgação deveriam ser criados coletivamente, e também sentimos necessidade de dar um nome para o grupo, um nome que nos identificasse. Partimos do nome "Grupo de Pesquisadores



Comunitários", denominação que Nadja e eu usávamos desde o início dos encontros, quando nos referíamos ao grupo. Percebemos que esse nome foi sendo incorporado espontaneamente pelos participantes que passaram, inclusive, a auto qualificarem-se como **pesquisadores comunitários**. No entanto, nós, pesquisadoras acadêmicas, notamos que apesar do grupo assumir essas idéias, os participantes não tinham compreendido ainda com mais profundidade o significado dessas formas de identificação: pesquisadoras acadêmicas e pesquisadores comunitários. Isto porque ainda parecia superficial o entendimento da dimensão da pesquisa neste trabalho, já que não havíamos começado efetivamente a coletar os dados na comunidade. Também pelo fato de que, por ainda não se perceberem como participantes radicais nas tomadas de decisões, pareciam sempre esperar por soluções vindas da Nadja e de mim, atribuindo a nós um papel de maior importância, de professoras e até de responsáveis pelo andamento e planejamento de todas as atividades. Por outro lado, sabíamos que a intensidade do envolvimento dos participantes deveria ser algo progressivo, e nos esforçávamos para caminhar nesta direção.

Dessa forma, o nome "Grupo de Pesquisadores Comunitários", já escolhido formalmente, de acordo com a vontade coletiva, deveria sofrer simplificação em siglas para então compormos um logotipo. Esta marca deveria também conter uma imagem e assim juntos chegamos ao seguinte ícone, que configurasse união e coletividade:

Esta figura já havia aparecido no convite que Nadja e eu formulamos para convocar os moradores para a primeira reunião.
O grupo, então, lembrou-se da imagem e a elegeu como símbolo para criação de nosso logotipo.



Assim, com as idéias iniciais que juntos discutimos, criei, num segundo momento, alguns modelos de logotipo em software específico para o trabalho com imagens. Esses deveriam ser apresentados para que o grupo escolhesse aquele que mais agradasse. Outra produção coletiva foi um slogan que usaríamos nos textos para convocar os moradores para comparecerem ao evento. A idéia final deste texto foi concluída na reunião seguinte.

INVESTINDO NA AMPLIAÇÃO DO GRUPO:

escolhendo as imagens, textos e formas de divulgação da reunião

12 DE MARÇO DE 2004

Nos encontramos numa manhã de sábado, na escola Estadual Padre Antônio Jorge Lima. Com a iniciativa do Programa Escola da Família, mais de 6 mil escolas da Rede Estadual de Ensino abrem suas portas das 9h às 17h aos jovens e pessoas da comunidade, transformando o espaço escolar em um centro de convivência. Esse Programa promove atividades voltadas às áreas esportiva, cultural, de saúde e de qualificação para o trabalho, envolvendo profissionais da educação, alunos universitários e voluntários. Foi neste contexto que encontramos um espaço para nossas reuniões aos sábados. O principal objetivo deste encontro era escolher uma marca que nos representasse para servir como assinatura nos materiais de divulgação impressos. Dois modelos foram apresentados para escolha. Decidimos escolher por votação:









O modelo da marca com as iniciais GPC foi o escolhido para representar o grupo. Criamos também um slogan para compor este cartaz:


Facamos do Nobuji Nagasawa-
Bauru 2000 um lugar
melhor para se viver !
Moradores, isto depende de vocês.
Encontro do GPC
Dia 27 de Março,
às 20:00 h na EMEF,
Thereza Tarzia
Participem !!!
GPC
Grupo de Pesquisadores Comunitários

Os cartazes seriam fixados em veículos de transporte coletivo e para tal um dos pesquisadores comunitários, o Joel, que trabalhava como motorista de ônibus, solicitaria permissão da gerência da empresa.

As informações do cartaz também compuseram duas faixas produzidas para serem exibidas e fixadas em pontos estratégicos do bairro, locais de maior circulação de pessoas e de melhor visualização, para que atingissem o maior público possível. Os locais de fixação foram determinados pelos participantes-moradores, após estudo da trajetória que o ônibus urbano fazia entre o bairro e o centro da cidade. Dessa forma, decidiu-se pela entrada do bairro, próximo à Escola Municipal de Ensino Fundamental – Thereza Tarzia e por uma via de acesso ao bairro.

O mesmo texto foi usado no anúncio do "carro de som", que circulou durante uma hora nas ruas do bairro no dia 26 de março, ou seja, no dia anterior ao evento. Panfletos também foram distribuídos nas escolas, para que os alunos levassem aos pais.

BUSCANDO A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE:

o evento

26 DE MARÇO DE 2004

O evento que preparamos para convidar mais pessoas da comunidade a integrar o GPC aconteceu em uma sexta-feira, às 20h, em uma sala da Escola Municipal de Ensino Fundamental – Thereza Tarzia, depois da permissão da diretora da escola, Profa. Rosangela Redondo Ribeiro, que se mostrou muito disposta a nos ceder o espaço escolar para as reuniões do grupo.

Nossa expectativa inicial relacionava-se a nossa capacidade de atingir a maior parte da comunidade, convidando-a para o evento. Nos momentos que antecederam a hora marcada para o início de nossa apresentação, os moradores foram chegando e se acomodando nas carteiras dispostas em círculo numa das salas da escola. Um bom número de participantes, jovens e adultos, esperava que explicássemos o motivo do encontro.



MoradMoradores do Bairro Nobuji Nagasawa – Bauru 2000, participam do eventoores.

Conversamos com aqueles que iam chegando sobre como tinham tido acesso ao nosso convite e descobrimos coisas curiosas, como o caso de uma senhora que se enganara sobre a natureza do encontro, pois esperava que fosse regularizar seus documentos pessoais em um daqueles programas de atendimento popular. Estavam presentes também duas senhoras da assessoria de um vereador, que buscavam informações sobre as necessidades do bairro e imaginaram que seriam esses os temas discutidos. Desconhecemos a forma como elas foram informadas sobre o evento. Os demais eram moradores de diferentes faixas etárias e alunos do curso de alfabetização de adultos da mesma escola, que foram dispensados das aulas para assistirem nossa apresentação.

A intenção do grupo era mesmo de apresentar os temas do conteúdo, discutidos e organizados, mas também conversar com aquelas pessoas que estavam ali presentes. Dessa forma, agradecemos a presença de todos e com o auxílio de um aparelho de multi-mídia eletrônico fomos apresentando imagens e textos e contando um pouco sobre a história da criação do Grupo de Pesquisadores Comunitários, o GPC. Demonstramos qual era a dinâmica de nosso grupo, reforçando o caráter participativo que sempre buscávamos em nossas ações. Assim, falamos para aqueles moradores do bairro da vontade de todos nós em convidá-los para se juntarem aos pesquisadores comunitários, em busca da compreensão de suas próprias vidas naquele espaço urbano. Lembramos também que o nosso grupo não tinha vínculos com a Associação de Moradores do bairro e que a iniciativa de convidar primeiro os seus membros, aconteceu por razões práticas. Partimos, então, para a apresentação dos temas que propusemos para a pesquisa e falamos sobre a história das transformações ambientais do bairro e sobre os indicadores de qualidade de vida que pretendíamos compreender. O resultado de nossas pesquisas sobre estes temas, ou seja, as informações geradas por nós sobre como se vive e o que se quer no bairro, discutidas, serviriam como ponto de partida para a organização de ações futuras. As ações que poderiam ser realizadas, a partir da compreensão da história das transformações ambientais do bairro, foram exemplificadas como: a produção de diferentes materiais, como cartilha, livro e revista; exposição da história ilustrada ou escrita em eventos comunitários e até a edição de um vídeo documentário com os depoimentos dos antigos moradores. Sobre o levantamento dos indicadores de qualidade de vida teríamos, por meio do estudo, um apontamento das prioridades dos moradores nas áreas de saúde, educação, lazer,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

segurança, etc. Assim, as ações deveriam ser dirigidas para o enfrentamento daquelas necessidades apontadas.

Além de contarmos sobre o trabalho que gostaríamos de desenvolver durante todo o ano junto com a comunidade, fizemos a apresentação de nosso olhar sobre as características física, comercial e natural do bairro. Este tema foi exposto pelo Joel e pelo Ricardo, que já tinham realizado um levantamento detalhado do número de casas, dimensões do bairro, número de ruas, especificação de todo o setor comercial local e ainda uma caracterização das áreas naturais. Naquele momento incentivamos a participação dos que nos assistiam e muitos deles passaram a colaborar completando esse levantamento, lembrando, principalmente, das atividades comerciais do bairro. Ressaltamos que este levantamento já era o resultado de um estudo feito pelos pesquisadores comunitários e que tínhamos a intenção de continuar a pesquisa, conversando com os demais moradores. A apresentação terminou com o convite a participarem de nossa próxima reunião, que aconteceria no dia 02 de abril, quando começaríamos a desenvolver as estratégias para o desenvolvimento da pesquisa.

Após este contato próximo com alguns moradores do bairro, sentimos que as relações entre nós, os participantes iniciais do GPC, estavam mais fortalecidas e coesas, embora ainda fossemos poucos. Parecia termos agora uma identidade, o que nos impulsionava a continuar o trabalho com o qual havíamos nos comprometido.



Integrantes do GPC -"Grupo de Pesquisadores Comunitários". Da direita para a esquerda: Joel, Nadja, Isadora, Ricardo e Ronie.

MATERIAL EXIBIDO DURANTE A REUNIÃO
COM OS MEMBROS DA COMUNIDADE PRESENTES

AGREGANDO PARTICIPANTES AO GRUPO DE PESQUISADORES COMUNITÁRIOS

APRESENTAÇÃO DE SLIDES

NOSSA MARCA

Criaçao do GPC

QUEM SOMOS

Como surgiu a idéia de trabalhar no bairro



COMO FUNCIONA O GRUPO

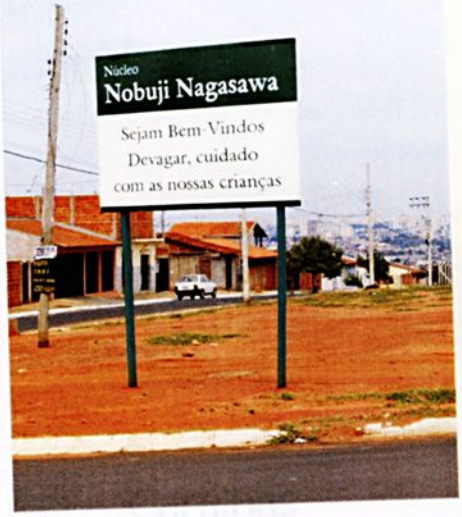
Participação dos envolvidos
Pesquisa
Ações futuras

TEMAS DE PESQUISA

História da ocupação do bairro

Qualidade de vida

CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO



FÍSICA

Número de casas
Número de ruas
Tamanho
População

COMÉRCIO



BARES BRECHOS CABELEREIROS
CARRINHO DE LANCHES
CIRURGIÃO DENTISTA CURSOS
COSTUREIRAS DECORAÇÕES
DEPÓSITO DE MATERIAIS
ESTOFADOS FÁBRICAS GAMES
GRÁFICA LANCHONETES
LOJAS SORVETERIA
MARMITARIA MASSOTERAPIA
MERCEARIAS QUITANDAS
PADARIAS SERRALHERIA

AMBIENTE NATURAL

Áreas verdes
Córrego
Minas

AÇÕES QUE PODEM SER RESULTANTE

SAÚDE EDUCAÇÃO
SEGURANÇA LAZER

PRODUÇÃO DE MATERIAL

Cartilhas
Livros
Revistas
Exposições
Vídeos



PARTICIPEM TAMBÉM !

Próxima reunião, sexta-feira, dia 02 de abril
EMEF, THEREZA TÁRZIA

A PESQUISA:

como investigar para conhecer

02 DE ABRIL DE 2004

Este foi o dia em que esperávamos que mais alguns moradores interessados em participar de nosso Grupo de Pesquisadores Comunitários viessem à reunião. Já percebíamos, de antemão, a dificuldade para agregar novos participantes. Talvez pelo fato de já sermos um grupo constituído, com uma forte identidade que nos aproximava à Associação de Moradores do Bairro; talvez pelo fato de um histórico desinteresse das demais moradores daquela comunidade em se envolver com qualquer forma de atividade coletiva; talvez por percebermos que não tínhamos conseguido motivar as pessoas a participar do encontro que realizamos para convidá-los, ou ainda por outros motivos que fugiam à nossa compreensão.

Nossas preocupações se confirmaram e nenhum novo membro da comunidade apareceu. A reunião começou com as presenças de Ricardo, Joel, Dr. Ronie, Nadja e eu. Mesmo sendo um pequeno grupo, de apenas cinco integrantes, já havíamos conversado sobre a responsabilidade que deveríamos assumir para que houvesse continuidade das atividades com as quais estávamos comprometidos. É claro que nosso trabalho deveria se adaptar a esta situação, tanto com respeito ao tempo de execução, quanto ao resultado final de nossa pesquisa-ação-participativa. Deveríamos nos esforçar para obtermos o melhor resultado sobre a história das transformações ambientais do bairro e sobre o levantamento dos indicadores de qualidade de vida daquele local para que, então, conseguíssemos organizar alguma ação coletiva.

Motivadas a dar início ao levantamento dos dados sobre a história da construção do bairro e sobre os indicadores de qualidade de vida junto àquela população, Nadja e eu organizamos os temas que pretendíamos levar para discussão na reunião. Para a primeira parte da reunião, pensamos em esclarecer o significado de se fazer pesquisa, quais as etapas de uma investigação, como a pesquisa permite que conheçamos mais profundamente nossa realidade e outros aspectos referentes à natureza das investigações. Para a segunda parte, faríamos uma revisão das atividades realizadas pelo grupo de pesquisadores comunitários até o momento, na tentativa de avaliar nossa produção e ainda registrar os eventos antecedentes. Contamos com a

transcrição da reunião registrada em gravador, o que me permite, agora, descrevê-la, em parte, aqui.

UM EXEMPLO DE COMO ACONTECEM AS REUNIÕES:

Participação em programa da rádio UNESP

Logo no início da reunião um dos integrantes do GPC, o Ricardo, trouxe a idéia de participarmos do programa "*Opinião*" da rádio UNESP. Este espaço fora reservado para a apresentação de "*trabalhos comunitários*" de extensão universitária das Faculdades do Campus. Ricardo, conversara com a direção do programa, para inclusão de um espaço para divulgação daqueles trabalhos que estavam sendo desenvolvidos no bairro. Segundo Ricardo, além do nosso, estavam sendo desenvolvidos vários outros trabalhos no bairro envolvendo diferentes profissionais e alunos da UNESP. Havia um grupo da Faculdade de Arquitetura da UNESP que desenvolvia um projeto arquitetônico para a área da praça central do bairro, além do envolvimento de alunos do Curso de Jornalismo da UNESP, que auxiliavam na produção do jornal comunitário do bairro, o "Comunidade Ativa", e ainda o desenvolvimento de uma pesquisa por uma aluna da Biologia da UNESP, que realizava um levantamento das doenças veiculadas pela água, tomando o córrego Barreirinho e os afloramentos de água localizados em suas margens, como objetos de estudo.

Diante destas possibilidades, o grupo passou a estudar os efeitos desta provável entrevista na rádio, chegando à conclusão de que a única vantagem seria a divulgação do que estávamos propondo desenvolver, já que o grupo ainda não produzira nenhum resultado de pesquisa ou ação. Este foi o ponto da discussão que convergiu para a resolução de que não era necessário fazermos mais uma vez divulgação, se ainda não havíamos progredido com a pesquisa sobre a história do bairro e sobre os indicadores de qualidade de vida. Avaliamos que seria melhor investirmos esforços no desenvolvimento da coleta de dados, em vez de usarmos o tempo de nossas reuniões no planejamento da apresentação do GPC para a rádio, como expressa o diálogo a seguir entre os integrantes do grupo:

Joel: *"Porque eu acho o seguinte... a gente vai falar alguma coisa do GPC que estamos formando ainda? Que a gente vai dar início ainda?"*
Nadja: *"...que na verdade a gente não tem nada ainda."*
Joel: *"Mas se perguntarem se já fizemos alguma coisa de imediato?"*
Isadora: *"Alguma coisa de imediato, é só a criação do grupo..."*
Joel: *"Exatamente"*
Isadora: *"e propostas, nós não fizemos as ações ainda"*
Joel: *"Correto"*
Isadora: *"mas a gente pode falar das propostas também."*
Joel: *"Pode, é claro"*
Nadja: *"Mas não precisamos fazer isto agora."*
Joel: *"Eu acho que nós temos que fazer uma tarefa, uma tarefa bem grande para a gente divulgar depois."*

Portanto, ficou decidido que era necessário começarmos a coleta de dados para nossa pesquisa.

Falta de participação popular

Nessa conversa avaliamos o grau, muitas vezes nulo, de participação popular nas atividades que eram realizadas no bairro. Um outro integrante do GPC, Dr. Ronie, se mostrou muito incomodado com o aparente comportamento de desinteresse e descompromisso por parte dos demais moradores do bairro com relação as questões de interesse comum a todos. No entanto, essa fala do Dr. Ronie provocou um certo conflito entre ele e o Joel.

Discussão sobre a participação da comunidade:

"... o que é Dr. Ronie, é o seguinte... aquela coisa que a gente discute sempre, o senhor mesmo falou aqui em reuniões, em várias reuniões. Os moradores do bairro não são mesmo interessados em arregaçar a manga, em trabalhar, no que a gente faz. O senhor pode fazer divulgação aqui o dia inteiro, segunda, terça, quarta, quinta e sexta, por outro lado é só o senhor marcar um boi aqui no rolete pro senhor ver! O quê que acontece?Fala pra mim!"

A discussão continua:

Isadora: *"Olha esta é uma questão que não pode ser imobilizadora de nossa ação, sabe a gente parar de fazer tudo porque não há participação. A razão disto parece ser histórica".*
Nadja: *"E ainda, ninguém tem obrigação de fazer nada."*
Isadora: *"... obrigar as pessoas, é muito difícil. E não é assim que conseguimos as coisas."*
Isadora: *"Uma alternativa é a gente conseguir grupos para trabalhos específicos, durante o ano, por exemplo: precisamos fazer um censo sobre tal coisa, então a gente convida umas pessoas de novo, vai na casa, faz divulgação. Por exemplo, para um trabalho, eu falo: olha, eu tenho que conseguir uma pessoa, meu parceiro de trabalho, que vai me ajudar.... então o senhor chama sua mulher ou um colega, entendeu. Cada um do grupo é responsável por conseguir mais uma*

para ajudar."
Nadja: *"Esta pessoa pode trabalhar em atividades"*
Isadora: *"Mudou a atividade, muda o grupo."*
Nadja: *"E também dessa forma a pessoa que está trabalhando em atividade assim, ela acaba também de certa forma se integrando, quem sabe até elas continuam."*
Isadora: *"Mas a gente não precisa ficar esperando que as coisas aconteçam."*
Joel: *"Temos que correr atrás né."*
Nadja: *"Se a gente conseguir pelo menos uma pessoa para trabalhar com a gente em alguma atividade, já é muito bom."*

Entendendo o que é a pesquisa

O tema da pesquisa foi lançado para que começássemos a pensar sobre como planejaríamos nosso trabalho de levantamento da história das transformações ambientais que aconteceram no local onde foi construído o bairro, e também de levantamento dos indicadores de qualidade de vida referentes àquele local. Nadja e eu iniciamos este debate expondo os procedimentos de uma pesquisa e dividindo-a em etapas de execução. Colocamos que, após termos problematizado nossos temas de pesquisa e definido nossos objetivos, necessitaríamos planejar a coleta de dados, analisando as possibilidades metodológicas que melhor respondiam as nossas indagações. Deveríamos então definir, previamente, a melhor forma para coletarmos as informações que estavam diretamente relacionadas à natureza e objetivos de nossa pesquisa, ou seja, relacionadas com aquilo que queríamos conhecer.

Isadora: *"Então o que queremos conhecer? Como era aqui antes? E o que mais?"*
Ricardo: *"Qual foi a construtora que construiu o bairro..."*
Isadora: *"Isto, então o quê que a gente está falando? De história?"*
Joel: *"Quem era o dono daqui..."*
Isadora: *"Então qual é o nosso objetivo, qual é o nosso objeto de estudo? O que é aquilo que a gente quer conhecer de forma mais geral?"*
Nadja: *"É, por que será que a gente está reunido aqui? A gente está buscando alguma coisa."*
Isadora: *"Vamos ver se a gente consegue levantar mais coisa. Então como começou aqui, a gente quer saber sobre a história."*
Joel: *"Isto, a história do bairro, como foi fundado, dados em termos de terraplanagem. O que mais..."*
Ricardo: *"Há quanto tempo foi isto... quem é o Nobuji Nagasawa."*
Joel: *"Porque foi dado este nome para o bairro, porque surgiu este nome... por que Bauru 2000..."*
Isadora: *"E porque que a gente quer saber esta história?"*
Joel: *"ah, a gente quer saber porque... o objetivo para os pesquisadores comunitários.... é uma pesquisa sobre o bairro."*
Ronie: *"O objetivo qual é?"*
Joel: *"O objetivo é uma pesquisa sobre o bairro."*

Ricardo: *"É... saber as prioridades da comunidade."*
Joel: *"Pesquisar porque tem uma escola aqui e outra estadual. Porque tantas casas foram construídas. Qual foi o objetivo. Porque que atende esta faixa da sociedade: média, baixa, alta, você entendeu. O que foi entregue, por x, y, z"*

Delineando a pesquisa

Discutido sobre as informações que desejávamos obter, passamos a conversar sobre o que faríamos após esta coleta de dados.

Isadora: *"E o que vamos fazer com todas estas informações?"*
Joel: *"Primeiro nós vamos coletar e depois pretendemos fazer futuramente um livro no caso, né, fazer como vocês citaram, um vídeo, uma revista, o próprio jornal."*
Isadora: *"E será que nós conseguimos com essas informações mudar alguma coisa do bairro?"*
Joel: *"Ah, com certeza."*
Isadora: *"Porque você acha?"*
Joel: *"Eu acho porque, essa coletas de informações, a gente pode até.... ser bem divulgadas né. Aí quando a gente estiver quase na etapa do meio para o fim, a gente começa divulgar."*
Isadora: *"Pra que, a divulgação?"*
Joel: *"A divulgação pra..."*
Ronie: *"Para o poder público."*
Joel: *"Para o poder público... prefeitos, vereadores... aí cai naquela parte política... então este grupo GPC começou quando? Ah, tal... é mas está fazendo o quê? Daí eu me corrijo né, se a gente colher as informações agora, porque, é ano político, outubro está aí. Aí depois que a gente estiver do meio para o fim, a gente vai começar já a fazer folhas, livro, aí a gente vai para a Prefeitura, vereador, câmara legislativa, moradores."*
Isadora: *"E o quê que os moradores podem fazer, já que você citou os moradores?"*
Joel: *"Ah os moradores podem tomar uma iniciativa."*
Isadora: *"Olha vamos imaginar. A gente conhece tudo isto que vocês falaram. A gente já conhece, já organizou, a gente tem isto em forma de livro (que é uma etapa mais final), mas a gente já organizou isto tudo e tendo isto nas mãos como é que a gente pode transformar este conhecimento em alguma ação para o bairro?"*
Joel: *"Você fala para cada morador ou para o bairro em geral?"*
Nadja: *"Geral."*
Ronie: *"É ao todo."*
Joel: *"É você fazer uma quantidade grande de livro que a gente vai escrever, colocar na biblioteca, um exemplo né, divulgar, na praça, para a escola, divulgar: oh hoje chegou um caminhão aí e vai ser distribuído livro para o bairro."*
Isadora: *"Agora vamos ser mais objetivo: eu sei que o bairro tem uma prioridade de se fazer uma praça, eu sei isto, eu tenho o conhecimento disto. Eu posso transformar isto em alguma ação, pro bairro? Não só esperando o poder público saber de alguma forma que o bairro precisa. Eu tenho como reivindicar? Eu tenho como mobilizar a comunidade para fazer isto, nós mesmos?"*

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A divulgação dos resultados

Essa discussão enveredou para a possibilidade de organizar ações a partir de iniciativas locais, da própria comunidade; lembramos do caso da construção de uma ponte sobre o córrego Barreirinho, ligando o Bauru 2000 ao bairro Nova Flórida. Os moradores contaram como foi a mobilização popular, já como parte da história de ocupação do bairro.

A história da ponte

Discutimos também formas de patrocínio para as ações pretendidas.

Isadora: *"Como vocês souberam que era preciso fazer a ponte lá? Como é que foi este processo?"*
Ricardo: *"O processo da ponte a gente, através de um ofício a gente..."*
Joel: *"Bom este processo da ponte começou assim: minha filha, seu filho, estudam lá no Pagani, passavam por baixo com os pés dentro d'água. Daí colocaram lá umas tabuazinhas, daí vinha aquela chuvona e levava embora. Aí o quê que surgiu."*
Ricardo: *"Aí nós entramos com o pedido..."*
Joel: *"Chamou os vereadores..."*
Ricardo: *"Aí a gente solicitou... aí a gente conseguiu né. Quem que conseguiu?"*
Joel: "O Márcio foi até o Paulo Madureira que deu os dois postes... porque Paulo Madureira. Paulo Madureira que tinha o intuito... ele deu mas não era obrigação dele, ele era o vereador da cidade."
Joel: *"Ele deu os dois postes. Da casa dele. A gente foi retirar com o caminhão lá."*
Joel: *"Aí nós colocamos os dois postes. Eu o Ricardo, várias pessoas. Igual formiguinha carregando, colocamos lá. Aí depois a etapa final foi eu e o Márcio pregando tabuazinha."*
Isadora: *"Então vocês perceberam que tem uma história isto tudo, primeiro vocês conheceram as necessidades de se fazer a ponte, porque vocês viviam aquilo, então vocês conheciam aquilo. E a partir desse conhecimento vocês organizaram uma forma de agir."*
Nadja: *"É mesmo não contando com nada a favor vocês conseguiram fazer alguma coisa, né."*
Isadora: *"E eu acho que as nossas ações... se a gente esperar muito do poder público, a gente imobiliza também. Como estávamos falando da participação, esperar as pessoas participarem pode ser imobilizante, porque você só fica esperando aquele momento acontecer. Talvez nosso papel seja de reivindicar."*

Pensando nos recursos

A conversa sobre a nossa pesquisa, os nossos objetivos e então os métodos de coleta de dado se restabeleceu:

Nadja: *"E existem outras formas de conseguir esta ajuda maior. Com outras instituições. A UNESP, por exemplo, tem tanta gente que gostaria de fazer tanta coisa. Tem empresas que gostariam de ajudar, porque a responsabilidade social é uma vertente nova das empresas hoje."*
Isadora: *"A empresa destina uma parte do dinheiro que poderia ser arrecadado como imposto, para ações de responsabilidade social. E daí ela fica isenta do imposto. Então é uma vertente nova mesmo."*
Nadja: *"Ela ganha é claro, mas a comunidade ganha também."*

Métodos de coleta de dados

Isadora: *"O que seria a coleta de dado? A coleta de dados, então, no caso da ponte seria recolher as informações sobre as necessidades, os problemas. Levantar, por exemplo, o problema que causava a falta de uma ponte sobre o córrego. É esta etapa de conhecer aquilo, de ir atrás daquilo que se quer conhecer."*
"No nosso caso é conhecer a história: como este espaço era antes e como ele foi se modificando, quando aconteceram estas ações, quando é que veio a escola, quando é que veio o asfalto das ruas, como vocês citaram. E como a gente vai recolher estas informações?"
Existem algumas formas, e a gente chama isto de método, é um instrumento. Então vou dar um exemplo: faz de conta, que a gente quer pesquisar sobre... vamos imaginar uma sala de aula de adolescentes. Então a gente quer saber quem sabe escrever exceção. Estou só dando um exemplo pra ficar mais fácil de entender. Então o quê que a gente vai ter que fazer: um teste para saber quantas pessoas sabem escrever exceção. Esta é a nossa pergunta e a gente tem que ir atrás da resposta. O que vocês sugeririam? Como a gente faz para descobrir isto?"
Joel: *"Para descobrir?"*
Joel: *"Ué a gente os espera escrever e faz a pesquisa. Pega folha por folha e pede para escrever."*
Isadora: *"Então é simples dá uma folha para cada uma e pede para cada um escrever. Pega tudo, recolhe e conta. Quantas pessoas sabem escrever corretamente exceção. Sabendo isto, a gente pode fazer outras perguntas. Mas, porque será que estas pessoas que não escreveram corretamente, não sabem escrever exceção corretamente? Por que? Então a gente pode começar a fazer relações para saber outras coisas, como por exemplo: aonde estas pessoas estudaram... ou simplesmente a gente pode ir lá e perguntar para a pessoa."*
Ricardo: *"E ela pode falar, ah é porque eu detesto português."*
Isadora: *"A outra forma seria fazer uma investigação por números, relações e o diabo a quatro.E o método de coleta de dado que será escolhido dependerá do objetivo da pesquisa."*
Nadja: *"Na verdade o quê que a gente tem que discutir então agora, depois disso que a Isadora falou... É, como que nós vamos transformar o nosso objetivo em dados da nossa pesquisa. Como é que nós vamos fazer para coletar esses dados, que método nós vamos usar?"*

A relação entre os objetivos da pesquisa e a forma de coletar os dados já parecia estar entendida por todos, então, lembramos que pretendíamos estudar não somente a história, mas também os indicadores de qualidade de vida significativos para esta comunidade. Assim, estabelecemos a relação entre esses dois temas de pesquisa:

Continuamos descrevendo a natureza de nossas pesquisas e apontamos para um método de coleta de dados:

Isadora: *"Agora... lembrando que o objetivo não é somente da história, não é Nadja."*
Nadja: *"É que uma coisa que nós temos conversado bastante, eu e a Isadora, é que uma coisa acaba levando à outra. Que conhecer a história é conhecer também nossas necessidades. Como a gente constrói a história e a gente constrói o que a gente quer para o nosso futuro, então nossa história significa conhecer também nossas prioridades e nossas atividades que vão gerar a questão da qualidade de vida, que é super complexo, para cada um tem.... então eu acho melhor a gente falar primeiro da história para então de outras coisas."*

unesp

Isadora: *"A História e a qualidade de vida são então dois grandes temas e a pesquisando sobre qualidade de vida é que vamos poder saber as prioridades para então poder mudar alguma coisa, né. E sabendo não só de você. Sabendo de seus vizinhos, de toda a comunidade, os moradores do bairro."*
Isadora: *"Como eu e a Nadja já temos uma certa experiência de pesquisa nesta área, podemos dizer que esta é uma pesquisa que a gente pode chamar de pesquisa social. Porque existem pesquisa em diversas áreas e de diversas naturezas. Existem aquelas que a gente vê na televisão dos cientistas em laboratórios... o Dr. Ronie deve ter visto isto na universidade. Você é formado né, em Odontologia? Os cientistas além de usarem o laboratório também fazem observações dos fenômenos que acontecem no dia-a-dia para entendê-los, podendo chegar a descobrir coisas novas... A gente também está querendo descobrir coisas novas, mas nossa área lida mais com as pessoas. A gente não está trabalhando com nenhum bicho, nenhum número, nenhuma teoria abstrata... então é na área social."*
Ricardo: *"Pesquisas eleitorais também. Os candidatos usam pesquisas para..."*
Nadja: *"Eles aproveitam aquilo que eles conseguem coletar de dados na população e trabalham com aqueles dados, né."*
Ricardo: *"Eles vêem um candidato que está se dando bem naquela região."*
Isadora: *"O IBOPE é um exemplo deste levantamento."*
Isadora: *"Tudo é pesquisa. A gente faz pesquisa no nosso dia-a-dia, investigando as coisas. Saber sobre a ponte lá também é uma forma de pesquisa. No nosso dia-a-dia a gente pergunta muitas coisas. Ah, como aquilo funciona, você vai lá e testa e vê."*
Nadja: *"É surge de nossa curiosidade de como a gente vai fazer para solucionar aquele problema que a gente tem... a pesquisa é isto."*
Isadora: *"Então quais são os métodos, os instrumentos de coleta de dados na pesquisa social?"*
Nadja: *"Como a gente vai trabalhar com pessoas... a gente quer coletar dados sobre a vida delas, da experiência delas. E como que a gente faz? É só observando ou perguntando para as pessoas para conseguirmos estes dados. Observando... devem existir muitas formas de observação. No nosso caso, no caso de nossos temas, entrevistar as pessoas é o modo mais eficiente da gente conseguir estes dados. Porque a gente vai conversar com as pessoas, então para saber a história que elas viveram, qual é a história delas. Então a entrevista é o mais eficiente no nosso caso."*
Isadora: *"Bom, vamos pensar em uma coisa. Se a gente quer saber quando é que foi feito o asfalto aqui, será que é mais fácil a gente ir na Prefeitura perguntar, procurar documentos oficiais, ou perguntar para as pessoas?"*
Joel: *"Bom eu tenho dados aqui para vocês que é empreiteira.... a gente vai lá conversa com o Marcelo e coleta esses dados."*
Isadora: *"Neste caso, nós vamos estar querendo saber coisas mais objetivas, por exemplo: quero saber em que ano que foi construído o bairro."*
Nadja: *"Diferente de a gente querer saber quais eram as situações daquele momento... que eram vividas no bairro quando o bairro foi construído."*
Joel: *"Então tem duas pessoas: tem uma pessoa e outra pessoa que vinha aqui, chupava manga... é mais ou menos por aí?"*
Isadora: *"Isto"*
Nadja: *"É."*
Joel: *"Que nadava no rio que não era poluído...eu bato um papo com ele e ele diz: aqui, eu nadava no rio, não era poluído. Ta vendo este pé de manga aqui, este pé de jaca. Se pegar aqui antes, isto era uma fazenda, tinha bois, essas coisas. Acho que é esta parte aí."*
Isadora: *"Joel, você chegou num ponto muito legal."*

A conversa foi interrompida pela chegada de uma jovem que apareceu com a intenção de participar de nosso grupo. O nome dela é Rosana e se apresentou como moradora do

bairro e aluna do curso de alfabetização de adultos que era realizado na Escola Thereza Tarzia, local onde passamos a fazer nossas reuniões, no período noturno. Depois de nos apresentarmos, explicamos sobre o que estávamos discutindo:

> **Isadora**: *"Rosana então nós estávamos conversando aqui, você vai pegar a conversa já andando e como este grupo já tem alguns dias a mais de encontro, talvez neste momento agora você se sinta um pouco perdida, mas isto é natural... se você quiser participar mesmo de todos os dias que nos encontrarmos, você vai se interar rapidamente do quê que é nosso grupo. Hoje a gente preparou para o final deste encontro, uma retrospectiva de tudo que a gente já fez, então é uma hora que você vai poder entender um pouquinho mais."*
> **Nadja**: *"Neste momento a gente está pensando em como que nós vamos fazer nossa pesquisa."*
> **Isadora**: *"Nosso grupo é um grupo de pesquisadores comunitários, então nós estamos falando mais diretamente sobre a pesquisa que vamos começar a fazer já na próxima reunião."*
> **Isadora**: *"A gente está falando agora, neste momento, sobre coleta de dados..."*

E assim continuamos:

> **Isadora**: *"Então, claro que vocês são os moradores daqui, vocês conhecem muito da história também né, sabem bastante. Mas isto tudo deve ser organizado, e como a gente vai organizar todos estes dados é o que a gente precisa saber. Quem conhece a história do bairro contada? São os moradores mais antigos? Vamos voltar àquilo que o Joel falou sobre as coisas objetivas e subjetivas. Saber objetivamente seria irmos lá na Prefeitura e coletarmos os dados. Para sabermos a história das pessoas... como foi a história dessas pessoas com relação ao bairro? Quando eu cheguei aqui, o que eu fazia? Como eu cheguei aqui.? Como era? Tinha escola? Não tinha escola? O que eu sentia?"*

Rosana passou a participar, contando um pouco sobre suas experiências no bairro e Ricardo também completa:

> **Rosana**: *"Há três anos que eu moro aqui, daí quando começou a construir a gente não imaginava que teria escola para eles... aí elas vieram e foi uma beleza, pertinho de casa aqui. Foi ótimo."*
> **Isadora**: *"Bom então a Rosana tem muita história pra contar! Você tem muita história pra contar... o bairro todo tem história pra contar e essas são objetos de nossa pesquisa."*
> **Ricardo**: *"Eu tenho uma história antes de eu vir para cá que era a seguinte: eu morava em outro lugar e aí minha esposa não gostava de lá, detestava lá o lugar. Aí a minha mãe mora aqui no Godoi e eu sempre vinha para cá de carro, eu tinha carro na época, e a gente vinha pela Marechal Rondon, e de lá da Marechal Rondon, dá para ver aqui. Aí ela olhou e disse: olha que lugar legal pra morar! Aí eu comecei a apelidar aqui que era o sonho do 2000, porque ela queria vir pra cá. Daí tinha uma pessoa no Geisel que tinha uma casa aqui, aí a gente tentou negociar, mas a pessoa não aceitou. Aí a gente conseguiu através da imobiliária e ela descobriu: Olha tem uma pessoa que mora lá e que a mãe dela mora aqui e ela quer morar perto da mãe*

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

dela e nós queríamos ir pra lá. Daí deu certo. O cara da imobiliária falou assim: oh vocês querem mesmo fazer a troca, a permuta? A gente quer claro. Daí a gente demorou e o cara da imobiliária falou: oh se vocês não forem rápido, vocês não vão mais porque vocês vão ver que aqui no terreno tem muita formiga. Aí...tá bom, então vamos Em duas semanas...aí o cara pegou a mudança daqui, levou pra lá e trouxe a nossa pra cá."

Nadja e eu aproveitamos para falar sobre as necessidades dos moradores do bairro e sobre qualidade de vida:

Isadora: *"Então você contou sobre um sonho que foi realizado, e é isto que a gente tem que saber das pessoas, quais são os seus sonhos, quais são seus sentimentos, quais as suas vontades... isto é subjetivo e não objetivo como estávamos falando... e só assim conversando para a gente conhecer as vontades para querer e poder mudar alguma coisa."*
Nadja: *"..e fazendo esta ligação com o tema da qualidade de vida, da história com a qualidade de vida... como no exemplo: conhecendo os sonhos, a gente conhece o que as pessoas desejam, o que elas procuram, o que elas querem para a vida delas, né. Então o que é qualidade de vida neste sentido, então é uma questão de escolha, uma escolha de ter uma vida com qualidade, ter uma vida legal, mas de uma forma boa. Então conhecendo a história a gente traz a questão da qualidade de vida, porque (que também é uma coisa muito pessoal)... porque qualidade de vida é uma coisa que cada um tem uma noção. Para mim qualidade de vida pode ser ir fazer compra no Wal Mart todos os sábados e para o outro pode ser ir pescar, então é diferente. Cada um tem um desejo, tem uma vontade. Existem uns parâmetros gerais como saúde, educação, segurança que são parâmetros mais gerais, mas existem aqueles que são mais pessoais: como você quer a segurança? O que você acha que é ter segurança? Então, cada um pode contar uma história diferente, ter uma relação diferente com cada um desses indicadores."*

Neste momento pareceu necessário dar uma atenção à nova integrante e explicar mais um pouco sobre o grupo:

Isadora: *"Agora para gente pode parecer um pouco complicado, mas quando a gente for fazendo as entrevistas, a gente vai se interando... a Rosana deve estar bem perdida, mas tenha calma, porque na verdade o grupo está começando agora, está recomeçando, já temos uma história, mas..."*
Joel: *"A gente estava até comentando que você pode falar, você pode se expressar, você pode trazer dados. Tudo que nós fizermos aqui... eu comentei com o Ricardo, com a Isadora, tudo que for daqui, vai ser discutido aqui, entendeu. Todos nós! As duas só vão nos encaminhar já que elas que entendem."*

O assunto sobre qualidade de vida continua:

Nadja: *"...quer outro exemplo, o cara mora no Pantanal e a noite ele não tem luz na casa dele.*

Mas e daí, se ele mora ali e gosta dali, isto é que é importante para ele. Mas para quem mora na cidade, o importante talvez seja ter luz à noite."
Ricardo: *"Oh, tem uma padaria na esquina, se tem um campinho de futebol para todo o fim de semana jogar uma bolinha."*
Joel: *"Deixa eu dar um exemplo, eu moro na última rua aqui em baixo, eu moro no buracão. Então eu chego para trabalhar de manhã o pessoal fala: levou quantas horas para subir aqui em cima? Ah, e daí! Eu moro na minha casa, me sinto bem... mais ou menos isto daí."*
Nadja: *"Nós temos as nossas coisas, mas dentro daquilo que nos satisfaz, né."*

Então concluímos, retornando ao método de coleta de dados :

Isadora: *"Acho que a gente chegou em um ponto ótimo da nossa conversa, no ponto máximo. Porque, a gente descobriu, aqui conversando, que nosso método, que o alvo de nossa coleta vão ser as histórias que as pessoas vão contar. Elas podem contar histórias como vocês estão fazendo aqui, em grupo. Isto é uma forma da gente conhecer a história. Porque um vai se lembrando de uma coisa e o outro lembra de outra. E como a gente faz para ter esta história? Isto aqui é um gravadorzinho que está registrando tudo que a gente está falando aqui. Eu posso pegar isto que a gente está falando aqui e escrever, passar para o papel tudo que foi falado, depois eu pego este papel e vou ver como é que foi falado sobre, por exemplo: a ponte, como foi falado sobre a saúde, como foi falado sobre a qualidade de vida, né. Depois de coletada a informação, nós vamos analisar isto, que é uma próxima etapa da pesquisas. Então, a coleta de dados pode ser em grupo ou entrevista individual. A gente vai à casa da pessoa e conversa com ela: você pode contar um pouquinho de como é que era morar aqui no bairro? Quando você se mudou para cá? E ele vai contando....no meio da conversa você vai perguntando mais."*
Nadja: *"Então nesta questão da entrevista que a Isadora falou, a gente tem mais ou menos duas formas. A forma mais livre de fazer uma entrevista, em forma de conversa, onde você vai se guiando pela própria conversa, não tem nada estipulado; ou uma conversa mais fechada, onde a gente já leva as perguntas, um questionário, um roteiro que vai depender das nossas necessidades quanto aqueles dados."*
Isadora: *"...é isto vai depender do nosso objetivo, na verdade. Áh eu quero pegar mesmo os sentimentos das pessoas..."*
Joel: *"Eu acho, não, tenho certeza, que a gente pode conversar até com a pessoa que era dona disto daqui, o proprietário da fazenda. A gente pode ir lá e coletar as informações dele."*
Nadja: *"Então falando disto mais ainda, se a gente quer saber a história da fazenda do bairro, a gente vai chegar com a nossa percepção e conversar com ele de forma natural, ou a gente vai com um questionário pronto? Será que se a gente levar um questionário pronto, a gente consegue saber sobre as impressões?"*
Joel: *"Assim seria mais próprio e mais fácil. Se você levar o questionário pronto, a pessoa vai se sentir limitado, você entendeu."*
Isadora: *"Exatamente!"*
Isadora: *"Era isto que a gente ia propor, porque a gente já tem este conhecimento de que esta entrevista mais aberta, talvez seja mais ideal neste caso para o que a gente quer saber. Não que não valha, o questionário pronto, mas..."*
Nadja: *"Pode até haver um roteiro prévio, mas não é uma coisa objetiva, é bem aberto."*

O assunto de como se fazer uma entrevista provocou o relato de experiências pessoais:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Ronie: *"As pesquisas feitas pelo jornal da cidade, quando eles estiveram aqui no bairro, foram todas gravadas. Daí eles perguntam: você pode dar uma entrevista para o jornal da cidade? Outro dia eu tinha chegado de São Paulo e me pegaram de calça curta. Eu tava de bermuda e sem camisa... a gente fica todo constrangido e você acaba até falando bobagem."*
Joel: *"Uma coisa que eu acho errado também, é no caso da TV TEM. Outro dia atrás a TV TEM veio aí e eu conversei com a Taís né, queria mostrar o geralzão do bairro... buracos, vielas, tudo isto aí. Mas não, ela veio indicando a praça, veio pra isto, se for pra fazer outra reportagem eu vou embora, você entendeu."*
Isadora: *"Essas são experiências que talvez a gente não possa repetir. Então a gente tem que estudar qual a melhor forma que a gente vai abordar as pessoas. Então temos que nos preparar para abordar as pessoas, de forma mais natural possível."*
Ricardo: *"Oh, voltando ao questionário é o seguinte: as pessoas se sentem até com desconfiança com o questionário. No caso, um só... eu entreguei um questionário para um cara e falei: você preenche, tal e depois eu venho buscar. E ele falou assim: é mas, que dia você vai vir buscar? Ah, você preenche com tranqüilidade, tem uma semana tal... não, dá seu endereço aí que eu levo na sua casa.... eu falei: não, mas eu venho buscar aqui... não mas dá seu endereço que eu vou levar na sua casa."*
Isadora: *"Você percebeu que isto não dá certo?"*
Ricardo: *"Isto!"*
Isadora: *"Vamos abandonar!"*
Isadora: *"Então a gente chegou a uma conclusão que temos que saber abordar as pessoas, todo mundo já citou um exemplo que não é legal. A gente vai ter que não fazer dessa forma, então. Vamos pensar como vamos faze isto na prática... como vocês estão pensando? Fazer isto em grupos, em duplas? Em quantos somos? Quantas pessoas serão entrevistadas? Quem serão estas pessoas? Somos em 6 e são 5.000 moradores. Um número imenso. Seria interessante entrevistarmos quem? Os adultos, crianças, adolescentes?"*
Ricardo: *"Na minha opinião seriam os adultos né, porque conhecem mais a história do bairro."*
Isadora: *"Eu também acho, talvez até os mais antigos. Assim estaremos fazendo a rede de entrevistados, ou seja, quem serão os entrevistados."*
Ronie: *"Porque adolescente tem outra visão."*
Isadora: *"É os adolescentes até seriam interessante, mas de início, se a gente quer saber da história, teria que ser os mais antigos."*
Joel: *"Até poderiam ser os adolescentes mais para a etapa final, né."*
Isadora: *"Daí eles contam como é agora. Porque a gente quer saber como era, como foi se transformando e também como é agora."*
Nadja: *"Porque histórias todos nós temos, mas se queremos saber a origem tem que ser os mais antigos. Talvez não necessariamente de idade, mas de experiência aqui no bairro."*
Isadora: *"Bom, então como a gente vai fazer isto. A gente vai ter que perguntar para as pessoas quem são os mais antigos. Então temos que pensar no grupo que vamos entrevistar e como vamos fazer."*

Sugerimos que cada participante arranjasse uma dupla para trabalhar nesta etapa. O Joel logo entendeu e ajudou as outras pessoas a entenderem a proposta, dando exemplos práticos:

Joel: *"É você convida a sua prima, o seu marido, a sua esposa, entendeu. Ah, eu sou do grupo do GPC, você não pode me ajudar, mas não é nada obrigado. E esta pessoa que pode ajudar, ela com o tempo, pode também participar. De vagarzinho ela vai pegando."*
Isadora: *"Então seremos 12. 6 duplas. Então fica uma tarefa para a próxima semana de fazer um levantamento de quem serão os entrevistados."*
Nadja: *"Por exemplo, um vizinho seu..."*

unesp

Isadora: *"É vamos nos organizar, fazer o roteiro..."*

Retrospectiva de nossas atividades

Decidimos fazer o roteiro para a entrevista na próxima reunião e então utilizamos o tempo restante para fazermos a "dinâmica da retrospectiva". Relembramos e anotamos todos os encontros que havíamos feito até então, a fim de registrarmos essas atividades. Os encontros receberam os seguintes títulos: ***o convite inicial; a descoberta de que precisaríamos ampliar o grupo; organizando um evento para estender o convite; escolhendo o conteúdo da apresentação; falando sobre a participação individual; escolhendo um nome e uma marca para o grupo; dividindo tarefas; o evento; quem se agregou.***

ORGANIZANDO AS ENTREVISTAS:
como abordaremos as pessoas
09 DE APRIL DE 2004

O objetivo desse encontro foi organizar a coleta de dados sobre os temas a serem estudados: história do bairro e qualidade de vida. Deveríamos definir a rede de entrevistados que poderia ser diferente para cada pesquisa. Decidimos que para a investigação sobre a história, entrevistaríamos àqueles moradores mais antigos, assim como pessoas da vizinhança que acompanharam o processo de ocupação urbana daquela área onde fora construído o bairro e, ainda, os primeiros moradores daquele conjunto habitacional. Para a investigação sobre os indicadores de qualidade de vida, a rede de entrevistados não necessitaria ser muito específica. Poderíamos escolher quaisquer moradores adultos do bairro. No entanto, chegamos à conclusão que poderiam ser, inclusive, os mesmos entrevistados sobre a história, a fim de tornar nosso trabalho mais ágil. Listamos aqueles apontados pelos moradores-pesquisadores, o que para eles foi uma tarefa fácil, pois conheciam muitos dos que poderiam ser os sujeitos de nossa pesquisa. No entanto, esta rede seria ampliada conforme a execução das entrevistas nos trouxesse indicações dos próprios entrevistados. No entanto, os principais entrevistados sobre a história das transformações ambientais que sofreram o bairro não foram, num primeiro momento, lembrados como potenciais depoentes pelos moradores-integrantes do GPC. O Sr. Guerino Silvestre, um senhor que reside em um bairro vizinho há mais de 70 anos e que nos contou muitas histórias sobre aquela região e sobre sua vida no ambiente rural ali existente antes da ocupação do bairro e Waldir Caso, um outro vizinho, presidente da Associação de Moradores de seu bairro, que acompanhou toda o processo de loteamento da área e construção do bairro, foram indicados apenas depois de termos entrevistado os próprios moradores do bairro.

Contando com um pequeno número de pesquisadores comunitários, Nadja e eu voltamos a conversar sobre a possibilidade de convidarmos parceiros pontuais para nos auxiliar nesta nova tarefa. Assim poderíamos tentar ampliar nossa atuação e, ainda, envolver outras pessoas nas atividades de nosso grupo. Dessa forma cada participante ficou responsável por conseguir pelo menos uma pessoa para constituir uma dupla de entrevistadores. No entanto,

esta não foi uma tarefa fácil; soubemos que todos encontraram dificuldades para conseguir agregar auxiliares. Então resolveram organizar as duplas entre eles mesmos.

Assim, cada dupla deveria ser responsável por escolher os entrevistados entre as pessoas já listadas e realizar a entrevista conforme planejamos.Um seria o estimulador da entrevista, ou seja, aquele que iria conduzir a conversa, apoiando-se em um roteiro que seria produzido pelo grupo e outro ficaria responsável pelas anotações em uma planilha, que também seria detalhada por nós. Esta planilha serviria como auxiliar, já que a forma principal de registro seria o gravador.

Os roteiros de entrevista, o documento de autorização, as planilhas para anotação e um texto com as "dicas" para a realização das entrevistas foram redigidos por Nadja e por mim, após termos discutido todos os termos com o grupo. Produzimos então, os documentos síntese em anexo (Anexos 1,2,3 e 4).

O período da fase de entrevistas deveria ser de pelo menos um mês para que então, voltássemos a nos encontrar para recolher os dados obtidos e fazer uma primeira avaliação dos resultados. Verificaríamos se estes eram satisfatórios, se precisaríamos entrevistar outras pessoas para buscar informações mais específicas sobre algum momento da história ou sobre os indicadores de qualidade de vida.

Assim, marcamos um dia para distribuirmos os gravadores e os documentos apresentados e para ajudarmos a resolver eventuais dúvidas sobre o processo de coleta de dados.

RESULTADO DAS ENTREVISTAS:
como analisar os dados
04 DE JUNHO DE 2004

A etapa de coleta de dados foi ampliada para mais de um mês, pois decidimos em reunião que era necessário recolhermos um maior volume de dados. Durante o período de 30 dias, poucas entrevistas haviam sido realizadas. Isto ocorreu porque éramos apenas 3 duplas, trabalhando com os dois temas da pesquisa nas entrevistas e também porque, participar do GPC não era a única atividade dos pesquisadores comunitários. Todos eles trabalham em período integral, o que dificultou muito a dedicação dos integrantes a todo o projeto. Além disso, a ausência de contato mais próximo entre mim, Nadja e os demais pesquisadores, durante este período, desarticulou a todos, apesar de estarmos também nós, pesquisadoras acadêmicas, envolvidas com a realização das entrevistas. Assim, no início do mês de junho nos reunimos para uma avaliação dos resultados obtidos e conversarmos sobre a análise dos dados.

Inicialmente, planejamos para a reunião um momento em que todos deveriam relatar suas experiências sobre as entrevistas realizadas. Todos contaram como se saíram como entrevistadores, quais as dificuldades que enfrentaram e as curiosidades que observaram. Notamos que pareciam muito entusiasmados com o resultado obtido, pois demonstravam, logo no início da reunião, muita euforia. Relataram que o processo de entrevista só foi possível porque houve ajuda mútua entre eles. Enquanto um pesquisador assumia o papel de instigador da conversa, outro ia anotando as informações e lembrando algo que ainda não havia sido abordado. Esta dinâmica aconteceu entre o Ricardo e o Dr. Ronie, já que o Joel, devido à sua ocupação com o trabalho de motorista de ônibus, tinha que encontrar uma hora livre para se dedicar às entrevistas, dificultando acordar horários comuns.

Até aquele momento, Ricardo e Joel fizeram quatro entrevistas, eu e Nadja mais duas e o Joel uma, o que somavam cinco. Apesar do tempo para esta atividade ter se estendido, ainda parecia um número pequeno. No entanto, resolvemos ouvir uma entrevista escolhida pelos participantes para conhecer seu conteúdo e discutir sobre a qualidade dos dados que já havíamos obtido. Logo percebemos que, para esta análise, era preciso que anotássemos os temas que apareciam no depoimento. Fizemos então uma transcrição conjunta, onde cada

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

pesquisador escrevia aquilo que julgava importante. No final desta escuta atenta, apresentamos nossas anotações e concluímos que no conjunto das falas havia muitas informações importantes que continham tanto dados para a pesquisa sobre o tema da história do bairro, como sobre o tema da qualidade de vida. Assim, dividimos os dados dessa entrevista nestas duas categorias, fazendo uma primeira análise daquilo que revelava aspectos sobre a qualidade de vida e daquilo que contava as histórias pessoais com relação ao bairro. Nadja e eu recolhemos, então, as anotações para reuni-las em dois documentos que digitamos, pois foi entendido por todos que nós duas tínhamos mais facilidades instrumentais para isso. O documento sobre a qualidade de vida está apresentado na dissertação de Janke, (2005).

DO AMBIENTE NATURAL À CONSTRUÇÃO DO BAIRRO

Entrevistado: José Carlos da Silva
Entrevistadores: Ricardo e Dr. Ronie
Antes da construção do bairro:
Ele conhecia o local desde criança
Conhecia o córrego Barreirinho
O rio era limpo e tinha peixe, fundo de barro, água gostosa
Era uma fazenda
Não sabe quem era proprietário
Era só mato e muita árvore
Era um pedaço de pasto e havia gado
Tinha algumas cabeças de gado
Tinha muita formiga
Quando se mudou para o bairro:
Não tinha asfalto
Havia água e energia
Saneamento básico não havia
Era bem arborizado e dúas ruas
Tinha uma lagoa próxima ao bairro
Não havia escolas no início do bairro
Crianças estudavam no Jardim Pagani
Depois houve mudança na estrutura do bairro

Quando foi o processo de mudança:
Contato feito diretamente na Cohab
A casa foi entregue em Setembro de 1999, mas mudou-se em março de 2000
Morava no Mary Dotta, vendeu lá e comprou aqui
Pagou a casa à prestação
Escolheu o Nobuji por ser um local seguro, por questão econômica e por estar acostumado com o lugar
Tem irmão e cunhada morando no bairro
As casas, no começo, não tinham muro e muito assalto
Hoje é mais tranqüilo porque conhece os vizinhos
Reformou a casa depois da entrega

Assim, o processo de análise dos dados começava a se fazer de forma mais espontânea e participativa possível, o que nos fez, pesquisadoras acadêmicas, observar a força do processo de descoberta por parte dos pesquisadores-participantes. Descoberta da importância da pesquisa, de que o processo organizado de investigação permite um conhecimento mais detalhado e aprofundado sobre determinado tema e de que, mesmo já conhecendo parte da história de seu bairro e as necessidades de sua comunidade, isto nunca havia sido organizado e sistematizado, dificultando o enfrentamento dos problemas por parte da Associação dos Moradores do Bairro. Descoberta, também, de suas competências como pesquisadores-investigadores. Neste caso, Nadja e eu observamos que os entrevistadores demonstraram muita desenvoltura durante a conversa com o entrevistado, deixando que esta acontecesse de forma bem livre, mas também orientada. Quando algum assunto importante era abordado durante a entrevista, os investigadores procuravam explorar melhor as razões e detalhes de uma certa opinião para obter informações mais completas, mas permitiam que os depoimentos fossem acontecendo conforme o entrevistado conduzia seu raciocínio e organizava suas lembranças. Ricardo, por exemplo, se mostrou muito competente ao registrar, no gravador, todas as informações preliminares como: a data da entrevista, horário, nomes dos entrevistadores, nome do entrevistado e assunto da entrevista.

Dessa forma, discutido todo o processo e verificado que a sistematização destes dados partia de um exercício de escuta das fitas, acompanhada de anotações e disposição dos dados no papel, que nos permitia visualizá-los mais concretamente, passamos a pensar sobre a forma de análise das demais entrevistas. Percebemos que ainda tínhamos um grande trabalho pela

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

frente, já que precisávamos extrair a essência de todas aquelas conversas para, então, colocar em seqüência os fatos históricos, analisando assim a memória ambiental do bairro e, ainda, identificar os indicadores de qualidade de vida mais significativos para aquela comunidade. Somente depois de realizado este trabalho é que teríamos condições de avaliar a necessidade de mais entrevistas, principalmente para completar a pesquisa histórica.

Nadja e eu ficamos, então, responsáveis por trabalhar nas transcrições restantes, pois os demais integrantes do grupo explicitaram suas dificuldades em assumir tal tarefa. O pouco tempo disponível e as dificuldades de acesso a computadores para auxiliar no registro dos dados foram apontadas como as principais dificuldades dos pesquisadores iniciantes. Esta decisão também foi tomada pelo fato de acharmos importante terminarmos as transcrições rapidamente para avançarmos para as próximas etapas da pesquisa: a ação propriamente dita.

Antes do final da reunião, Joel colocou que tinha intenção ainda de entrevistar uma pessoa que morava em um bairro vizinho ao Bauru 2000. Ele contou que o Waldir Caso tinha acompanhado a construção desse conjunto habitacional e que teria muitas histórias para contar. Assim, pediu que eu e Nadja entrássemos em contato com ele e marcássemos uma entrevista.

ENTREVISTA DO WALDIR

conhecendo a história de construção do bairro

19 DE JUNHO DE 2004

Entramos em contato com o Waldir Caso, morador do Jardim Eldorado, vizinho do bairro "Bauru 2000" e presidente da Associação de Moradores de seu bairro. Junto com outras pessoas, membros das associações de moradores de bairros da região, Waldir criou uma ONG chamada Sociedade Amigos para Cidadania e Meio Ambiente de Bauru . Esta organização não governamental tem como objetivos promover ações de preservação ambiental e atividades educativas.

Para compreendermos melhor a natureza desta organização, Nadja e eu participamos de um encontro promovido na Escola Prof. Antonio Guedes de Azevedo, no bairro Jardim Pagani, próximo ao Bauru 2000. Neste evento o grupo falou para aproximadamente 30 crianças sobre questões de conservação do córrego Barreirinho e convidou-os para participarem de um plantio de mudas para reconstituição da mata ciliar deste córrego. Após a palestra-conversa, marcamos um encontro para entrevistar o Waldir, que sugeriu utilizarmos o espaço da Escola Estadual Padre Antônio Jorge Lima, no sábado, valorizando o programa Escola da Família.

Avisamos todos os integrantes do grupo para que comparecessem, mas Ricardo comunicou-nos da impossibilidade de estar presente e Joel justificou sua ausência. Assim, Nadja, eu e o Dr. Ronie recebemos o Waldir na sala de reunião dos professores para uma conversa coletiva. Tínhamos em mãos um gravador e caderno de anotação para que nenhum detalhe fosse perdido.

Waldir começou seu depoimento descrevendo alguns detalhes da paisagem da região na época que antecedeu a construção do bairro. Falou-nos sobre a propriedade rural que existiu no local onde foi construído o conjunto habitacional, detalhando os elementos naturais então existentes, como a vegetação nativa de cerrado, a mata ciliar que ainda existia e protegia o córrego Barreirinho, a afloração das minas de águas puras que eram usadas para banhos de lazer de adultos e crianças e nos falou, ainda, sobre as árvores frutíferas que tornavam o local ainda mais interessante. Mencionou a pecuária como sendo a principal atividade da época no

local e contou-nos quem foi o proprietário dessas terras. Lembrou que a sede da fazenda era um barraco de madeira e que é possível encontrar ruínas dessa habitação nos dias atuais

Waldir disse que o proprietário da terra, Roberto Papassoni, se desinteressou do local quando não podia mais controlar as invasões em suas terras. Moradores da favela ao lado, localizada no fundo de vale do córrego Barreirinho, no bairro Nova Flórida,[1] retiravam bambus e quebravam cercas, até que em 1990 tudo já estava abandonado.

Foi então que em 1997, o Prefeito de Bauru, desenvolveu um projeto de criação de 2.400 lotes para urbanização da área. No entanto, ele não pôde dar continuidade ao projeto, pois teve problemas de ordem jurídica, o que o afastou da Prefeitura. No mesmo ano, reassumiu o cargo e retomou as atividades de loteamento da área. Em 1998, o prefeito teve seu mandato cassado e foi decretada sua prisão, em regime fechado, com pena de 5 anos. Assumiu então o vice-prefeito.

Numa parceria entre a Construtora Nassar, a COHAB (Companhia de Habitação) e a Caixa Econômica Federal, houve o processo de retomada do projeto. A idéia era que a construtora comprasse o terreno, a COHAB fizesse o cadastramento daqueles que não tinham moradia própria e apresentavam os requisitos exigidos e a Caixa Econômica Federal fizesse o financiamento às famílias interessadas. Segundo Waldir, foi um bom negócio para os envolvidos no processo. A COHAB fez o cadastramento, a construção ficou a encargo da Construtora e o financiamento, através da Caixa. A Construtora comprou o terreno e o projeto de construção de 1.400 casas foi aprovado pelo Estado, por meio da COHAB e com o financiamento de 16 milhões da Caixa Econômica Federal. A Nassar então iniciou a construção de 600 casas e depois transferiu a competência para outra empresa, a construtora HO, que concluiu o projeto de 1.238 habitações. Waldir lembra dos primeiros impactos que a retirada da vegetação de uma área de 650.000 metros quadrados causou no ambiente. O terreno que já tinha grande declive e a composição da terra arenosa da região, somados à exposição do solo em decorrência da

[1] Em decorrência de irregularidades de ocupação e problemas de saúde pública, em 1995 as famílias de 111 barracos, moradoras da favela Flórida/Barreirinho foram cadastradas no programa municipal de desfavelamento para construção, em processo de mutirão, das habitações do núcleo Fortunato Rocha Lima, para onde foram transferidas em 1996. Por não ser desativado o fornecimento de água e energia no local onde moravam estas famílias transferidas, no ano de 1997, 3 barracos voltaram a se estabelecer nas margens do rio. No início de 2001, constatou-se que o número de barracos aumentara para 26.

retirada da cobertura vegetal, provocou, logo nas primeiras chuvas, um carreamento equivalente a cerca de 1.000 caminhões de terra para o leito do córrego Barreirinho.

Depois de limpo o terreno, Waldir continua... a construtora começou a contratar os trabalhadores. Diferente do que imaginavam os desempregados da região, os trabalhadores contratados para a construção do bairro vinham do Nordeste, principalmente do Maranhão e Piauí para os trabalhos de pedreiro, eletricista, marceneiro e outras atividades. Waldir se lembra até dos valores que os empregados ganhavam para cada serviço: R$ 120,00 por empreitada, para erguer a casa com tijolo baiano; R$ 42,00 por empreitada, para fazer o madeiramento do telhado; R$ 36,00 por empreitada, para cobrir a casa; R$ 12,00 por empreitada, para fazer a caixa de inspeção por onde passa o esgoto e R$ 15,00 por empreitada, para a execução do projeto de eletricidade da casa. Waldir diz que cada casa custou de R$ 800,00 a R$ 1000,00 com todo material já incluído.

Foi então que, percebendo que não havia no projeto do núcleo habitacional planos de construção de uma escola, Waldir e outros membros de Associações de Moradores de bairros vizinhos começaram a se mobilizar. Para reivindicar infraestrutura, como escola, posto de saúde, creche e outros serviços públicos para o novo conjunto habitacional, o grupo fez um levantamento do que a região dispunha. Posto de saúde e creche já havia em bairros próximos, mas as escolas da região não dispunham de vagas. Um levantamento detalhado do número de alunos matriculados em todas as escolas da região e da disponibilidade de vagas nas escolas da região, revelou o problema que a vinda de tanta gente iria causar. Segundo o estudo que este grupo realizou, em toda a região, no ano de 1999, já havia cerca de 39.000 habitantes e com a construção do "Bauru 2000" e outros núcleos menores, que também estavam sendo construídos ou em fase de planejamento, viriam para a região mais 17.000 moradores: "*Como receber tanta gente sem infraestrutura adequada?!*"

Então, antes da inauguração oficial do "Bauru 2000", o grupo fez um documento para entregar ao prefeito da época. Trecho deste documento diz: "as Associações de Moradores de bairros da região leste Santa Luzia, El Dourado, Jardim Pagani, Jardim Nova Flórida e Mary Dotta, vêm requerer a não inauguração dos conjuntos habitacionais da região na cidade de Bauru sem antes serem tomadas algumas providências necessárias para que o caos não se instale na região como: escola de primeiro e segundo graus; construção de um novo poço artesiano para

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

abastecimento de água; construção de duas EMEIS; a construção do posto de saúde; construção de uma avenida perpendicular ao córrego Barreirinho desviando o trânsito para a Rodovia Rondon, no sentido parque Vista Alegre e a construção de pelo menos uma creche pública."

Algumas das solicitações foram atendidas, tal como a construção de um poço artesiano de 550 metros de profundidade que encontra água do aqüífero Guarani e abastece o "Bauru 2000" e outros conjuntos habitacionais do entorno. O Prefeito prometeu também a abertura de uma escola Municipal de Ensino Fundamental, que hoje atende crianças de primeira à quarta série do Ensino Fundamental e a ampliação de outra escola da região para atender alunos do Ensino Médio.

No entanto, após um ano e meio do início da construção do conjunto habitacional Nobuji Nagasawa – Bauru 2000, houve o evento de inauguração do bairro com discurso do Prefeito, lembra Waldir: *"Ele subiu no palanque e disse: estamos entregando um núcleo de primeiro mundo, asfalto de qualidade, não é aquele asfalto casquinha que o outro fazia*[9]*."*

Em outubro de 1999 as pessoas começaram a vir para o novo bairro. Para a aquisição da casa, os cadastrados pela COHAB poderiam pagar à vista no valor de R$ 2.700,00 ou financiá-las em 180 meses. Quando chegou o ano letivo de 2000, as crianças ainda não tinham onde estudar. A Escola de um bairro vizinho passou a funcionar em 4 turnos para atender os novos alunos e chegou a construir mais duas salas provisórias no fundo da escola. As escolas maiores já atendiam mais de 2.000 crianças e adolescentes com nenhuma vaga disponível. Dessa forma, as crianças do Bauru 2000 passaram a freqüentar escolas mais distantes, no centro da cidade. Para isto tinham que se locomover de ônibus, contratado pela Prefeitura, pois ainda não havia transporte coletivo no bairro.

Diante desta situação e da insatisfação destes novos moradores, o grupo constituído por membros de Associações de Moradores dos bairros vizinhos interveio novamente. Com a ajuda do promotor, Dr. Lucas Pimentel, fizeram uma denúncia que resultou em uma ação civil pública contra a Prefeitura e o Estado por não garantirem escolas no local. Esta ação se baseava na lei

[9] A situação atual do asfalto, nas ruas do bairro, é extremamente crítica. Buracos imensos, em muitas vias, interrompem por completo o trafego de veículos e expõem os moradores a perigos. Além disto, em dias de chuva, muita terra dos buracos é retirada e carregada para a parte baixa do terreno. Este acúmulo de terra, impede o escoamento da água pluvial pelas bocas-de-lobo, causando mais problemas para os moradores.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

que diz que os núcleos habitacionais, no ato de sua entrega, deverão conter obrigatoriamente: rede domiciliar de abastecimento de água; rede coletora de tratamento de esgoto; rede de iluminação pública, guias e sarjetas, pavimentação, área reservada para instalação de comércio, núcleo de saúde compatível com o número de casas, creche compatível com o número de casas, escolas de primeiro e segundo graus, centro comunitário, linha de ônibus, área reservada para posto policial, área verde em natura de 2 metros quadrados por casa construída, área para instalação de templos religiosos. Essa ação estabeleceu um prazo de 180 dias para a entrega da escola de primeiro e segundo graus. Caso o núcleo habitacional não tivesse esses recursos, deveria haver repasse em um prazo de 180 dias. Nesta ação pública foi ainda incluída e decretada uma multa de R$ 1.000,00 por aluno que estivesse sem estudo, a não ser que a Prefeitura transportasse os alunos para uma outra escola.

A Prefeitura, então, passou a garantir o transporte aos alunos para outras escolas enquanto o Estado era acionado para a construção de uma Escola de Ensino Fundamental e Médio no bairro. Com a aprovação do Estado, a Escola Estadual Padre Antônio Jorge Lima começou a ser construída A Prefeitura comprou então um terreno, cuja quadra a Construtora tinha utilizado para a retirada de terra para terraplanagem e recapeamento do bairro e ergueu a escola.

O nome atual da escola também foi resultado da participação do grupo de moradores vizinhos junto à ação de um Deputado. Conhecendo a história de Padre Antônio Jorge Lima, que morou durante um tempo de sua vida no bairro Santa Luzia, um dos bairros vizinhos ao "Bauru 2000" e que teve uma carreira muito ligada ao ensino, dedicando-se à alfabetização de índios e, portanto, sendo considerado um ambientalista e educador, o grupo resolveu homenageá-lo atribuindo seu nome à nova escola. Isto só foi possível após terem recolhido uma lista com assinaturas dos moradores do bairro concordando com tal escolha, segundo requisição da Igreja Católica. Assim, a escola foi "benzida" pelo próprio Padre e começou a funcionar no ano de 2002.

Sobre a escola Municipal Thereza Tarzia, Waldir conta que o processo de construção foi mais longo. Houve inicialmente o lançamento da licitação pública para a construção do prédio, que deveria ser entregue setembro de 2000. No entanto, a Construtora Catar, que venceu a



licitação, iniciou o projeto mas o abandonou antes do término, ficando com a Prefeitura a responsabilidade de concluir a obra.

Acompanhando todos estes acontecimentos, Waldir fala que o núcleo Bauru 2000 evoluiu muito mais rápido do que o Núcleo Mary Dotta, conjunto habitacional vizinho construído anteriormente ao Núcleo Bauru 2000. E conclui, destacando que acredita serem muito importantes as ações das Associações de Moradores de Bairro para que a população conquiste aquilo que é de necessidade coletiva. Acredita também que o Bauru 2000 vai melhorar ainda mais, principalmente quando for aberta a ligação com o Bairro Vista Alegre, pois o fluxo de carro aumentará e, conseqüentemente, o comércio também.

No final da entrevista, Waldir conta como ainda está envolvido com atividades para melhoramento do bairro, por meio do projeto de preservação do córrego Barreirinho junto ao Instituto Vidágua: planejam plantar cerca de 35.000 mudas a para recuperação da mata ciliar em todo o leito do córrego. O projeto já fez o fechamento da área e plantou uma parte das mudas; no entanto, enfrentam problemas para a recuperação da qualidade da água do córrego, já que se nota o lançamento do esgoto de alguns bairros diretamente no córrego. Com relação a isto, Waldir lembra que a retirada de toda a cobertura vegetal da área onde foi construído o Bauru 2000, além de contribuir para o assoreamento do córrego, também ajuda a destruir a galeria de esgoto que sofreu grandes danos após as primeiras chuvas. Waldir diz que a galeria foi mal projetada; não obedecendo às normas técnicas de engenharia, teve seu interceptor quebrado, o que permitia o despejo direto do esgoto no córrego. Segundo a matéria do Jornal da Cidade – Bauru, publicada em 27 de fevereiro de 2003, a empresa instalou no Bauru 2000 galerias de águas pluviais com declividade excessiva, sem as caixas de contenção previstas no projeto aprovado pela administração municipal. Por esta razão a rede rompeu em seu trecho final, ocasionando uma erosão que atingiu a rede de interceptores de esgoto implantada pelo Departamento de Água e Esgoto (DAE). Além de o esgoto passar então a ser lançado "in natura" no leito do córrego, a erosão provocou o assoreamento do riacho e a destruição do que ainda restava de mata ciliar. Sobre este incidente, em 2002, a organização não-governamental 'Friends of the Earth' entrou com uma ação civil pública na Justiça, responsabilizando a construtora HO Construtora Ltda por danos ambientais no córrego

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Barreirinho. A construtora HO imputou judicialmente a responsabilidade dos danos à outra construtora, Nassar, que finalizara as obras no local.

Esta situação se estendeu até o ano de 2004, quando o grupo de moradores vizinhos levou o caso a uma professora da Escola Estadual Padre Antônio Jorge Lima que resolveu envolver seus alunos na tentativa de resolverem o problema. Uma comissão formada por 5 alunos organizou uma visita ao Departamento de Água e Esgoto (DAE) para levar o problema até à presidência e pedir resoluções urgentes. A presidente chegou a se reunir novamente com os alunos para uma visita ao local danificado da galeria de esgoto, mas as soluções demoraram. O grupo liderado por Waldir tentou abrir um processo que visava multar a construtora HO por danos ambientais. No entanto, o concerto da galeria só foi realizado em Abril de 2004, embora, segundo Waldir, os canos ainda estejam expostos, sofrendo ação direta do tempo e das queimadas eventuais que acontecem no local. Para inspecionar se há ainda alguma irregularidade no sistema de esgoto da região, que utiliza o córrego como destino final, Waldir diz estar organizando uma caminhada de fiscalização ao longo de todo o leito do córrego.

A atividade da caminhada que Waldir organizava também nos motivou a participar. Nadja e eu já havíamos pensado e até exposto ao grupo a idéia de fazermos um mapeamento ambiental a partir de uma visita local, que poderia ter agora como ponto central o córrego Barreirinho. Faríamos, então, um levantamento dos problemas observados para articulá-los aos resultados obtidos nas entrevistas dos moradores do bairro sobre, principalmente, os indicadores de qualidade de vida. No entanto, infelizmente, este foi um projeto que não aconteceu, pois as atividades subseqüentes nos direcionaram a priorizar outras ações.

Ao se despedir, Waldir deixou disponível todo os documentos oficiais que seu grupo produziu durante o processo de envolvimento com a construção do bairro e, ainda, o material que a imprensa divulgou sobre os fatos. Dessa forma, o grupo GPC agradeceu muito à presença e disponibilidade de Waldir Caso, que nos ajudou imensamente a reconstituir a história de construção do bairro Nobuji Nagasawa – Bauru 2000 e a pensarmos sobre as questões relacionadas à qualidade de vida daquela comunidade. Sua história pessoal, de militância popular, nos incentivou a continuar nosso projeto e ainda hoje nos motiva a acreditar que os engajamentos político e cidadão são necessários para que haja autopromoção da comunidade.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

ENTREVISTA DO Sr. GUERINO

conhecendo a história anterior à construção do bairro

22 DE JUNHO DE 2004

Os dias que se seguiram à entrevista de Waldir Caso foram momentos de muita reflexão, principalmente para Nadja e para mim. Percebemos o quanto tínhamos ampliado nosso conhecimento sobre o processo de ocupação daquele bairro, principalmente porque encontramos na vizinhança pessoas que se envolveram profundamente na história da criação do bairro, chegando a ter grande participação na conquista da melhoria da infraestrutura para o atendimento social no local. Dessa forma, percebemos a importância de investirmos na entrevista com mais moradores da região, que houvessem conhecido aquele local antes da construção do bairro, quando ainda era propriedade rural.

Waldir então nos informou que havia um senhor de aproximadamente 80 anos, que morava próximo ao Bauru 2000 há mais de 60 anos. Este senhor ainda morava em uma pequena propriedade rural e tinha muita história para contar sobre os vizinhos fazendeiros.

Foi então que Nadja e eu entramos em contato com o Sr. Guerino Silvestre e marcamos uma entrevista. Informamos os demais pesquisadores do grupo que seria importante que algum deles nos acompanhasse, mas como não foi possível, fomos sozinhas para o encontro.

Sr. Guerino e esposa nos receberam numa tarde em seu sítio, localizado na margem do Córrego oposta à margem que fica no bairro "Bauru 2000". Aparentemente, aquela propriedade é a única remanescente de um tempo em que toda a região era dividida em pedaços de terras limitadas por cercas e cortadas pelo mesmo córrego: o Barreirinho.

A história de Sr. Guerino começa em uma pequena cidade da Áustria onde seus pais moravam. Após o término da Primeira Guerra Mundial, a Europa sofreu uma reorganização de seu mapa político e uma das condições impostas à Alemanha, por meio do Tratado de Versalhes, foi a perda de parte de seu território. Houve então a modificação da fronteira entre Áustria e Itália. Algumas cidades austríacas passaram a pertencer à Itália, provocando grandes mudanças na vida de famílias inteiras. Durante este tempo, o pai de Guerino Silvestre, que servira ao exército alemão durante 6 anos, voltara à cidade, agora pertencente à Itália. Em sua ausência, seus cinco filhos e mulher tentavam reconstituir suas condições de vida, trabalhando duramente

nas terras destruídas pela guerra, unindo-se aos vizinhos para tentar vencer a pobreza e inclusive pagar as dívidas que o pai deixara. Foi então que, no retorno de seu pai, Sr. Guerino nascera. Entre ele e seu irmão havia uma diferença de seis anos, tempo que sua família ficou à espera de seu pai, sem sequer receber notícias deste.

Toda a história da guerra, aliada ao processo de industrialização que o país sofria desde o século XIX e que provocou a substituição do trabalho humano pelo trabalho das máquinas, com muito mais lucro e perfeição, contribuiu para o agravamento de uma enorme crise econômica, principalmente no Norte da Itália que ainda era rural. A crise se intensificou no final do século XIX e se estendeu até meados do século seguinte. Diante deste quadro, a solução encontrada pelos trabalhadores italianos foi sair de seu país em busca de novas terras, inexploradas e ricas.

Esta foi também a decisão da família Silvestre, que emigrou para o Brasil na década de 20. Vieram acompanhados pela família de seu tio e viajaram de navio durante 40 dias, ele conta. Vieram trabalhar na fazenda Santo Antônio, de propriedade de Maria Ornellas de Barros, em Agudos, cidade próxima à Bauru, também no interior de São Paulo. Nesta fazenda de café, os italianos moraram nas casas de uma das três colônias de imigrantes e trabalharam durante dois anos para pagar a viagem de emigração. Hoje a fazenda abriga o Seminário Seráfico Santo Antônio, que foi construído em 1947, quando a ordem dos Franciscanos chegou à cidade de Agudos, vindos de Rio Negro, no Paraná. Dois grandes nomes da Igreja Católica passaram pelo Seminário: o teólogo Leonardo Boff, ligado à Teologia da Libertação, freqüentou o local como aluno e Dom Paulo Evaristo Arns, ex-arcebispo metropolitano de São Paulo, que foi professor e orientador no Seminário entre 1953 e 1956.





Seminário Seráfico Santo Antônio – Agudos SP

O Sr. Guerino Silvestre continua o depoimento e conta que seu pai resolveu, depois de dois anos na fazenda Santo Antônio, mudar-se para outra fazenda da região, local que hoje tornou-se o distrito de Agudos. Trabalhou mais dois anos nesta fazenda e com o dinheiro que conseguiu economizar, comprou um sítio de três alqueires em Bauru. Seus vizinhos, que tinham aproximadamente 21 alqueires, venderam a eles inicialmente mais 5 alqueires e, depois, venderam também o restante para completar 11 alqueires.

Naquela época Bauru já era uma cidade próspera, que vinha crescendo muito. Na década anterior, em 1910, com a chegada da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, a cidade foi um dos mais importantes entroncamentos ferroviários do interior "do continente". Os anos vinte foram marcados pela instalação das casas bancárias, dos grandes atacadistas, e pelo início dos trabalhos de pavimentação das principais ruas da cidade. Na década de 30 começam a se desenvolver os setores de saúde e educação, enquanto a população crescia vertiginosamente. No final dos anos 30, segundo Sr Guerino, Bauru já se destacava como uma das mais importantes cidades do interior paulista.

Enquanto a cidade se desenvolvia, com apenas 7 anos de idade, continuava seus estudos em Bauru, até que chegou a Revolução 1930. Getúlio Vargas, conta Sr. Guerino, apoiado pelos militares gaúchos e aproveitando o descontentamento popular frente à situação governamental, derrubou Washington Luís e assumiu o poder como Presidente da República. Com a presença de gaúchos em São Paulo e, provavelmente, também em Bauru, Sr. Guerino lembra do medo que tinha para ir à escola. Ele acordava muito cedo e ia sozinho à escola e

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

lembra que os gaúchos estavam por toda a parte, nos jardins, em todos os lugares. Foi então que ele abandonou os estudos, com consentimento de seu pai. Quando os gaúchos saíram em retirada, Sr. Guerino lembra, divertido, que seu pai comprara um burro deles.

O pequeno italiano passou então a se dedicar aos afazeres da fazenda. Lembra que começou a tirar leite com dez anos de idade; que buscavam, de carroça, esterco na cidade para preparar o solo e que então, passaram a cultivar uma pequena horta. As verduras, legumes e hortaliças produzidos eram vendidos em uma feira que ficava ao lado da Estação Ferroviária da Noroeste do Brasil (NOB), inaugurada por Vargas em 1939. Esta, servindo também às ferrovias Sorocabana e Paulista, tornou-se símbolo da ligação histórica da cidade com o período da expansão do transporte ferroviário no Brasil.

A feira livre, que inicialmente acontecia todas às quintas-feiras, passou a ser organizada em mais dois dias da semana para poder atender ao público que crescia. Assim a atividade da família Silvestre também aumentava. Passaram a cultivar também café, no entanto Sr. Guerino lembra que com o "Crash" da Bolsa de Valores em Nova York em 1929, aconteceu a desvalorização do café: tudo que era produzido era jogado fora para que o preço voltasse a subir. Foi então que decidiram não investir mais nesta cultura. Ao invés do café, passaram a plantar batata doce, mandioca, abacaxi, banana, manga, caju, abacate, morangos e até flores. Assim, aos poucos, aumentavam seu patrimônio, adquirindo primeiramente uma carroça para carregar a produção até a feira e mais tarde um caminhão, que auxiliava no transporte do esterco que vinha da cidade. Segundo o Sr.Guerino, as terras da região eram muito pobres, muito arenosas e necessitavam de adubação constante. A produção de flores tomou proporções maiores com o aumento da freguesia. Em época de finados vendiam flores para Pirajuí, Lençóis e todas as cidadezinhas da região. Sr. Guerino lembra que cultivar flores era difícil, precisavam de um caminhão para pulverizar e de empregados; no entanto, este ramo dos negócios lhes rendia um bom dinheiro. Ele fala orgulhoso: "*Nós fomos os maiores plantadores de flor aqui em Bauru*".

E assim Sr. Guerino e um dos seus irmãos, que ainda era solteiro e morava na fazenda, trabalharam arduamente naquelas terras para fazer de suas atividades um pequeno negócio produtivo. Seu pai, já com a saúde debilitada após uma cirurgia no estômago, não podia mais

unesp

trabalhar como antes e sua mãe, já no final da vida, ficara entrevada em uma cadeira de rodas e mais tarde caiu doente na cama até morrer.

Mas, além de Guerino Silvestre trabalhar muito, quando moço conheceu Dona Aparecida, que morava na vizinhança, no bairro Santa Luzia. Casaram-se e a jovem foi morar junto com ele na fazenda. Cuidaram de sua sogra até a morte, o que deixa Sr. Guerino até hoje muito emocionado.

Sr. Guerino e esposa, casados há cinqüenta anos, tiveram filhos e seguiram vivendo ali. O italiano completou, em 2004, 87 anos e diz morar no mesmo local há 70 anos. Depois que ele e seus irmãos conseguiram comprar 10 casas cada um, podem hoje viver da renda do aluguel dos imóveis. Com uma condição econômica estável, Guerino e sua esposa lembram como eram os tempos no trabalho de campo e o comparam à situação do pequeno proprietário, atualmente. Dona Aparecida, que também contou um pouco sobre sua história de vida naquele lugar, chega a dizer que nunca conseguiriam criar seus filhos se fossem hoje os produtores rurais que foram no passado:

> *"Hoje não dá para concorrer com os grandes produtores. Se você não tem grande propriedade e maquinaria para o cultivo não consegue fazer dinheiro nem para dar de comer a seus filhos."*

Dessa forma, o Italiano Guerino viveu a grande parte de sua vida naquelas redondezas e pôde acompanhar todo o processo de ocupação urbana que aconteceu nos arredores, chegando até a porteira de seu sítio. Todas os proprietários das fazendas vizinhas venderam, aos poucos, suas terras para a Prefeitura que as loteou e fez todos os conjuntos habitacionais desta região:

> *"Primeiro formou o Santa Luzia, o Beija-Flor, o Mery Dota, depois o Bauru 2000 que foi o último a se formar. Aqui para cima também se formou o Pagani e outros..."*

Guerino se lembra do tempo em que o ambiente ao redor do córrego era um grande brejo e que tinham que trabalhar sempre nas águas, correndo o risco de ficarem doentes. O córrego Barreirinho era muito diferente de hoje, continua Sr. Guerino:

> *"O rio tem as nascentes do lado (minas), então nós fazíamos os regos, onde corria a água e dava de beber para o gado. Era difícil pegar água do rio. Agora então, é que não dá mesmo está tudo poluído. O rio era pequeno, riozinho pequeno mesmo, qualquer um pulava ele, de lá para cá e a água de mina era limpinha. Ele também era rasinho, antigamente ele não corria tanto assim, dava aquelas voltas, fazia aquelas poças. Dava até para pescar. Dava peixe*

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

e tudo! A gente pescava até lambari e bagre. Ah a gente se divertia, viu! Pegava uma varinha e ia lá pescar. Quando o céu estava limpo, com sol, a gente pegava lambari e quando chovia e a água estava suja, pegava bagre. Eles canalizaram agora o rio, antes ele fazia curvas, o que tem de rio agora é uma reta. Você vê, agora o rio tem 4 metros de barranco, está lá embaixo. Canalizaram e ele afundou mais ainda.Tinha algumas árvores em volta do rio. Todos que moravam em volta do rio Barreirinho tinham um lugar no fundo limpo, com uma horta, não é como hoje que está tudo abandonado, cheio de mato. Isto porque agora o rio é da Prefeitura e não dá nem pra entrar lá. Não dá para usar porque ninguém cuida. Aquilo que não tem dono o povo estraga com tudo, tudo mesmo! Uma mina daquela, valiosa... o pessoal jogando sujeira.... ah, ninguém limpa, é demais. Uma água espetacular que poderia até servir para vender de garrafão. Mas o povo não quer saber de nada! O povo de vila é assim..... Mas agora estão começando a plantar árvores aqui..."

Dessa forma, toda a modificação que sofreu a região, sendo considerada "progresso" para muitos, para Sr. Guerino não é vista como algo positivo. Ele diz que a substituição dos amigos fazendeiros por todas essas pessoas que passaram a morar no entorno só lhe trouxe problemas:

"Não foi bom não, antes era bem melhor. Toda a vizinhança que tinha antes aqui era gente muito boa, a gente se dava bem. Ah, hoje tem uma cambada nesta vila aqui que nossa Senhora! Pelo amor de Deus! É só anarquia!

Hoje os limites de sua propriedade não são mais respeitados, continua Guerino. As cercas são cortadas e a terra invadida, principalmente por aqueles que têm animais para pastar, mas não têm terra para pasto e até por aqueles que querem colher de suas mangas. Guerino exclama:

"Eles não têm um palmo de terra, mas tem cavalo aí, vaca, tudo nas terras dos outros. Deus me livre! O que é isto, viu! É isto que estraga tudo! A nossa cerca, tivemos que refazer tudo porque não parava de pé. É vila ali, é vila em cima, é vila lá. Eles vão lá cortam a cerca, recolhem os cavalos e largam aberto."
"(...) Foi um alívio cortar estas mangueiras, porque na época que tinha manga, o povo daquela vila, dessa vila, vinham e começavam a trepar, quebrar, brigar.... um caiu do galho e quebrou a perna. Pelo amor de Deus! O mesmo fizemos com os 15 pés de jabuticabeira. Eles vinham e brigavam com os vizinhos. Foi um alívio cortar. Os vizinhos que moravam ali perto até que cuidavam, mas as pessoas que vinham de fora achavam que ali não tinha dono, que ninguém mandava."

Além da invasão, Sr. Guerino também reclama do aumento de violência na região. Assassinatos e outras formas de agressão parecem ter se tornado comuns por ali, lamenta Sr. Guerino. No entanto, sua mulher, Dona Aparecida, ao se colocar dizendo que este é o caminho natural do progresso, lembra que parte de suas terras também foi vendida e loteada para a construção do conjunto habitacional Jardim Silvestre. E Sr. Guerino completa:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

"Mas meus filhos também vão lotear, mas daqui eu só saio quando eu for para o cemitério. Sair daqui para morar na cidade, Deus me livre! Aqui é sossegado, chega a noite é sossegado. Na cidade... pelo amor de Deus!"

Essa é a essência deste Italiano: um homem genuinamente do campo, bravo trabalhador que aprendeu a resistir ao avanço urbano, tendo como exemplo a luta de seus pais frente ao processo de industrialização no norte da Itália.

RESULTADO DAS ENTREVISTAS
como foram organizados os dados obtidos
08 DE JULHO DE 2004

Para a organização das entrevistas que tínhamos em mãos, Nadja e eu, eleitas responsáveis, no grupo, por trabalhar na transcrição das cinco primeiras entrevistas e posteriormente das outras duas, organizamos uma forma de apresentação destes dados. Separamos os temas sobre a História e a Qualidade de Vida para que cada uma de nós trabalhasse com os dados pertinentes. Considerando que as entrevistas obtinham informações bastante consistentes sobre as características anteriores da região, sobre a história do processo de construção deste conjunto habitacional e também sobre sua história mais recente, resultado das conversas com os próprios moradores do bairro, organizamos um quadro no qual os dados históricos foram apresentados sinteticamente, obedecendo a uma ordem cronológica. Esta forma de apresentação nos pareceu mais adequada para melhor visualização, por parte dos nossos parceiros pesquisadores comunitários, que têm pouca familiaridade com os resultados de uma coleta de dados. Essa tabela foi apresentada numa das reuniões com participantes do GPC:

HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DO BAIRRO
NÚCLEO BAURU 2000 - NOBUJI NAGASAWA

DÉCADA DE 30

informações provenientes da entrevista com Sr. Guerino Silvestre

Primeiro proprietário da fazenda onde foi construído o bairro:	Sr. Virgílio de nacionalidade portuguesa.
Uso da terra:	Plantação de café e criação de gado (esta última onde é o Bauru 2000 hoje).
Vegetação:	Pastagem, mas com remanescentes de árvores do cerrado.
Córrego Barreirinho:	Antes da canalização de seu leito, não haviam grandes barrancos de terra expostos nas margens do córrego Barreirinho. Era um rio raso, estreito, de águas limpas e calmas devido às curvas que o trajeto natural do rio descrevia, contribuindo para a diminuição da velocidade da correnteza. Nos rebojos a tortuosidade contribuía para a formação de algumas "piscinas naturais" onde se podia praticar a pesca, principalmente de lambaris e bagres. Em suas margens havia muitos afloramentos de água do subsolo que eram consideradas próprias para consumo dos animais de criação e para a irrigação das hortas das propriedades do entorno. Nas fazendas esta água também era desviada por um "rego", para dar de beber ao gado. Além desta riqueza aqüífera cuidada por todos os moradores da região, as margens do córrego eram ocupadas por uma mata ciliar bem preservada que abrigava inúmeras espécies de plantas do cerrado.
Sede da fazenda	Era uma casa pequena de madeira (ainda há madeiras no local).
Vizinhança da fazenda onde fora construído o bairro:	Eram os proprietários das terras daquela região. Um dos vizinhos era a família Silvestre que morava na outra margem do córrego Barreirinho. Estes cultivavam diversas frutas como abacaxi, abacate, caju, manga, laranja, banana, jabuticaba, morango e ainda hortaliças, verduras e legumes como: batata doce, mandioca, alface, tomate, brócolis entre outros. Dedicavam-se principalmente ao cultivo de flores para venda na região e produziam leite para o próprio consumo. Entre os vizinhos havia uma relação de amizade e troca de favores, constituindo-se uma rede de ajuda entre eles.
Fauna	Além dos peixes, muitas aves e cachorro do mato.

ESTRUTURA BÁSICA EXISTENTE ATÉ 1990 NA REGIÃO LESTE DE BAURU

informações provenientes de documentos reivindicatórios escritos pelos membros de Associações de Moradores de bairros vizinhos ao "Bauru 2000" e pela Sociedade Amigos para Cidadania e Meio Ambiente – Bauru; notas e reportagens do Jornal da Cidade – Bauru e Jornal Popular Comunidade ativa – Bauru 2000.

ESCOLAS	NÚCLEO HABITACIONAL
E.E.P.G – Prof. Antônio Guedes de Azevedo	Jardim Pagani
Centro Educacional SESI	Vila Santa Luzia – (Indústria)
E.E.P.S.G. Joaquim Maringoni	Núcleo Beija-Flor
EMEI Orlando Silveira Martins	Vila Santa Luzia
SAÚDE	**NÚCLEO HABITACIONAL**
Posto de Saúde Municipal	Núcleo Beija-Flor
ASSISTÊNCIA SOCIAL	**NÚCLEO HABITACIONAL**
Creche Ernesto Quaggio	Vila Santa Luzia
HABITANTES NA REGIÃO (H) / CASAS (C)	**NÚCLEO HABITACIONAL**
4000 H / 800 C	Vila Santa Luzia
995 H / 199 C	Jardim Eldorado
475 H / 95 C	Jardim Perdizes
2980 H / 596 C	Jardim Araruna
1580 H / 316 C	Colina Verde
2000 H / 400 C	Jardim Pagani
2000 H / 400 C	Jardim Flórida
2100 H / 1220 C	Núcleo Beija-Flor
TOTAL ≈16.100 Habitantes e 4.000 Casas	

CONSTRUÇÃO DO NÚCLEO BAURU 2000 – NOBUJI NAGASAWA

informações provenientes da entrevista com Waldir Caso, líder comunitário e presidente da Associação de Moradores do Bairro Eldorado

Início do processo de aprovação do projeto:	1997 – aprovado o projeto para construção de 1400 casas
Início das obras	1998
Prefeito responsável pela obra:	Início: Izzo Filho Término: Nilson Costa
Instituições envolvidas:	- Nassar Construtora (600 casas – fase inicial) - HO Construtora (1638 casas – fase final) - COHAB (cadastro dos potenciais moradores do Núcleo) - Caixa Econômica Federal (financiamento)
Preparação do terreno:	Foram retiradas todas as árvores do terreno com o auxílio de grandes máquinas. Isto provocou um carreamento de terra para a parte mais baixa do terreno. A topografia da área revela uma grande declividade do solo, contribuindo para o arraste de terra para o leito do córrego Barreirinho que se localiza exatamente no local mais baixo da área. Segundo o professor do Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo da Unesp, Prof. Dr. José Xaide de Sampaio Alves, em entrevista cedida ao Jornal da Cidade do dia 03 de março de 2003 – pág. 2, "os problemas ambientais no Núcleo Bauru 2000 poderiam ter sido evitados se as ruas e avenidas tivessem sido planejadas considerando a topografia do terreno", ou seja, se tivessem acompanhando as curvas de nível.
Trabalhadores envolvidos na obra:	Para a construção das casas foram contratados trabalhadores dos estados do Maranhão, Piauí e de outros estados nordestinos. Não houve contratação de pessoal local.
A água para a construção:	Utilizavam água de uma represa próxima ao bairro, trazendo-a de trator tanque para o local
Custos da mão-de-obra por casa:	• R$ 120,00 para erguer uma casa com tijolo baiano • R$ 42,00 para o serviço de madeiramento • R$ 36,00 para construção do telhado • R$ 12,00 para construção da caixinha de inspeção do esgoto • R$ 15,00 para execução do projeto de elétrica • *TOTAL*: no máximo R$ 1.000,00 por casa e investimento em cerca de R$ R$ 19.328.217,00 • Venda da casa à vista: R$ 2.400,00 • Financiamento da casa em 180 meses

Os membros das Associações dos bairros vizinhos, observando o movimento de criação de novos núcleos, se movimentaram e fizeram um estudo das condições estruturais da região para receber esses novos moradores. Verificaram a falta de planejamento quanto às questões de abastecimento de água, de saúde, educação, assistência social e transporte e reivindicaram melhor estrutura para receber cerca de 17.000 novas pessoas na região.

O estudo que fizeram apontou para a falta de vagas nas escolas da região, falta de creches públicas, falta de postos de saúde para atendimento da população e falta de transporte. O estudo também fez um levantamento de número de casas que seriam construídas e o número de pessoas que viriam para a região.

ESTRUTURA BÁSICA EXISTENTE EM 1999, NA REGIÃO LESTE DE BAURU

ESCOLAS	NÚCLEO HABITACIONAL	TOTAL DE ALUNOS MATRICULADOS	VAGAS
E.E.P.G – Prof. Antônio Guedes de Azevedo	Jardim Pagani	1000	0
Centro Educacional SESI	Vila Santa Luzia - Indústria	750	0
E.E.P.S.G. Joaquim Maringoni	Núcleo Beija-Flor	2043	31 de ensino médio
EMEI Orlando Silveira Martins	Vila Santa Luzia	350	0
EMEI Magdalena Pereira da Silva Marta	Núcleo Mary Dota	455	0
EMEI Márcia de Almeida Bighetti	Núcleo Mary Dota	450	0
EMEF Alzira Cardoso	Jardim Chapadão	72	0
E.E.P.G Ada Cariane Avaloni	Núcleo Mary Dota	1777	0
		TOTAL: 6897	

SAÚDE	NÚCLEO HABITACIONAL
Posto de Saúde Municipal	Núcleo Beija-Flor
Pronto Socorro	Núcleo Mary Dota

ASSISTÊNCIA SOCIAL	NÚCLEO HABITACIONAL
Creche Ernesto Quaggio	Vila Santa Luzia
Creche Centro de Convivência João Paulo II	Núcleo Beija-Flor

POPULAÇÃO DE NOVOS MORADORES (H) / CASA (C)	NÚCLEO HABITACIONAL
18.180 H / 3636 C	Núcleo Mary Dota
1500 H / 300 C	Jardim Chapadão / Mendonças / Jardim Jamil
2130 Habitantes	Demais Bairros já citados
TOTAL≈38.000 Habitantes ≈8.000 Casas	

NÚMERO DE CASAS EM CONSTRUÇÃO	NÚCLEO HABITACIONAL	FASE EM 1999
1238	Bauru 2000	Acabamento
127	Jardim Perdizes	Entrega de chaves
506	Bauru fase I	Acabamento
70	Loteamento Parque dos Eucalíptos	50 casas em construção
430	Loteamento Jardim Silvestre	15 casas em construção
620	Projeto Guerino Silvestre	Execução de projeto – construção prevista para 2001
TOTAL: 2991 casas		
17.455 futuros habitantes		

DATA	POPULAÇÃO APROXIMADA
Até 1990	***16.100 habitantes***
Até 1999	***38.000 habitantes***
Projetos posteriores a 1999	***17.455 habitantes***
	Total previsto: 72.000 habitantes

Segundo notícia do Jornal da Cidade, de 15 de abril de 1999, o grupo representante de cinco Associações de Moradores (Jardim Pagani, Vila Santa Luzia, jardim Araruna, Jardim Eldorado e Jardim Nova Flórida) enviou um manifesto à Folha Popular e conseguiu uma reunião com o presidente da Cohab na época, para alertar sobre os problemas que a falta de estrutura pública poderia acarretar na região e pedir providências. O presidente da Cohab assumiu o compromisso de agendar uma reunião entre os representantes dos moradores e os representantes dos órgãos responsáveis. A reunião aconteceu no dia 23 de abril, na Prefeitura municipal de Bauru e contou com a presença do Prefeito da época, além dos os secretários de Obra, Saúde, Educação, Bem-Estar Social, Administrações Regionais e os presidentes da Cohab, Emdurb e DAE, o vereador Edmundo Albuquerque, o ex-vereador Faria Neto (assessor do deputado Pedro Tobias) e a dirigente de ensino, Edinéa Sita Cucci.

INFRA ESTRUTURA REIVINDICADA PELAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES DA REGIÃO LESTE DE BAURU

Novo posto artesiano para abastecimento de água:	Foi construído um posto com 550 metros de profundidade, que capta água do aqüífero Guarani e abastece o Bauru 2000, o Bauru 1, o Nova Bauru;
Construção de 2 EMEIS:	Também resolveria o problema de falta de vagas nas escolas para as crianças do Conjunto Habitacional do Núcleo Mary Dota. No lugar das EMEIS reivindicadas foram construídas duas escolas: uma estadual, que atende adolescentes do ensino fundamental, de quinta a oitava séries e do ensino médio e outra municipal (EMEF), que atende crianças de primeira a quarta séries
	De acordo com a reportagem de 24 de abril de 1999 do Jornal da Cidade, Isabel Algodoal afirmou que na época estava sendo aberta uma licitação para a construção de uma escola de ensino fundamental no Bauru 2000. Além da construção da EMEF Thereza Tarzia o projeto previu também a ampliação da Escola do Jardim Chapadão (Ersila Cardoso), que hoje também funciona com salas de primeira a quarta série.
A construção de um núcleo de saúde:	Segundo a titular da pasta da área da saúde da época, Eliane Telles, não havia dinheiro para novas construções, mas garantiu que seriam contratados 27 médicos para reforçar o quadro clínico
Construção de uma avenida perpendicular ao córrego Barreirinho desviando o trânsito para a Rondon, no sentido parque Vista Alegre.	Esta avenida facilitaria o acesso de quem vem do centro da cidade pela Rodovia Marechal Rondon para o Bauru 2000. Além de desafogar o trânsito no trevo da Rodovia com a Avenida Nuno de Assis, a obra poderia ajudar a melhorar o tráfego que é intenso na avenida do Núcleo Mary Dota, atualmente único acesso para os bairros da região. O único projeto recebido pelo secretário de Obras da época, Leandro Joaquim, como possível investimento, de acordo com o Jornal da Cidade de 26 de março de 1999 foi a duplicação da avenida Nuno de Assis. Sobre a ligação do viaduto Parque Vista Alegre com o núcleo Bauru 2000, o secretário descartou a possibilidade de se realizar essa obra ainda no ano de 1999. Constata-se que a obra não aconteceu até presente momento.
Construção de pelo menos uma creche pública	A secretária do Bem-estar da época, Sandra Scriptore, disse que a reivindicação seria estudada, mas a prioridade era para quatro creches já em obras em 1999.

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO NÚCLEO BAURU 2000 – NOBUJI NAGASAWA

Término das obras:	Setembro de 1999 - O prefeito da época fez um discurso dizendo que estavam entregando um núcleo de primeiro mundo, com asfalto de qualidade, "não daquele asfalto casquinha que o outro fazia".
Mudança para o Bairro:	Outubro de 1999
Início do ano letivo:	Em 2000, quando ia começar o ano letivo, as pessoas encontraram o problema da falta de vagas nas escolas, pois não conseguiram matricular seus filhos nas escolas próximas. A Escola Estadual Ada Cariani teve que abrir 4 turnos e construir 2 salas de emergência, de madeira, no fundo da escola, para acomodar as crianças. Na Escola Estadual Joaquim Maringoni não cabia mais gente, tinham mais de 2.000 estudantes e não tinha mais vaga.

Novamente os membros das associações de moradores dos bairros vizinhos reivindicaram a construção de escolas para atender as crianças e adolescentes, recém moradores da região. Desta vez reclamaram o benefício junto à promotoria pública, resultando, em 2001, na sanção de uma lei, sentenciada na época pelo juiz da Vara da Infância e Juventude de Bauru, Ubirajara Maintinguer. Esta lei, que entrou em vigor no ano de 2002, diz que o Estado e o Município poderão ser multados se estudantes do ensino fundamental ficarem fora da escola por falta de vaga ou por falta de transporte gratuito para aqueles que estudam a mais de dois quilômetros de suas casas. No caso de descumprimento o Estado e o Município poderão pagar multa no valor de R$ 1 mil por dia para cada criança ou adolescente que esteja fora da escola por falta de transporte ou vaga. No caso de conjuntos habitacionais novos, a lei também assegura direito à educação e acesso à escola pública próxima da residência, prevendo multa de R$ 5 mil por dia, contando a partir da entrega das casas, até a entrega da escola em funcionamento.

Lei Municipal 4588, do ano de 2000:

Elenca outros requisitos necessários para a entrega dos núcleos habitacionais, desde que o poder executivo os avalie como necessários. São eles:

Os núcleos habitacionais, no ato de sua entrega, deverão conter: rede domiciliar de abastecimento de água; rede coletora de tratamento de esgoto; rede de iluminação pública; guias e sarjetas; galeria de águas pluviais; pavimentação das vias públicas; calçada e mureta de 30 cm de altura para a contenção de terra, prevendo-se acesso de veículos nas unidades habitacionais; área reservada para o comércio e templos religiosos; área verde mínima de 10% de gleba arborizada, urbanizada e iluminada; área institucional mínima de 5% destinada à construção de escolas , creches, núcleo de saúde, posto policial e centro comunitário.

Construção da Escola do Estado:	- Prefeitura doou o terreno - Terreno tinha uma geografia complicada; tratava-se de um enorme buraco, de onde a construtora retirava terra para a construção do bairro. - Por requisição dos membros das associações de bairros vizinhos o deputado Pedro Tobias faz um projeto de lei, de maio de 2002, para denominação da Escola Estadual do Bauru 2000, que passa a se chamar "Padre Antonio Jorge Lima". - A trajetória de vida do padre Antonio Jorge Lima revela sua experiência missionária e educacional junto aos povos indígenas e à população pobre. Ambientalista e educador voluntário ajudou pessoas analfabetas com o objetivo de incluí-los na sociedade brasileira. Em 1989 veio a Bauru e trabalhou no Município Arealva, principalmente com trabalhadores rurais. Em 1997 foi transferido para a paróquia de Santa Luzia, em Bauru, onde apoiou líderes comunitários e participou do processo de reivindicação de centros de saúde para a região, além de estimular a preservação ambiental na região leste de Bauru.
Construção da EMEF Tereza Tarzia	- Reivindicação dos membros das associações de moradores dos bairros vizinhos - Abertura de licitação pública para construção da escola –ganha empresa

	Catar Engenharia, que apresentou um valor de R$ 252.529,22. - previsão de entrega – setembro de 2000 - abandono da obra e serviço de péssima qualidade
Outros projetos:	Houve também a tentativa de se trazer uma agência da Caixa Econômica Federal para a região, já que se tinha investido muito dinheiro ali.

QUAL A CONSEQUÊNCIA DA VINDA DE TANTA GENTE PARA A REGIÃO:

Para os moradores vizinhos:	**- Sr. Guerino:** sentiu muito a mudança na relação com os vizinhos, principalmente pela forma como esses passaram a utilizar eventualmente suas terras, sem permissão, tanto para colher frutas como mangas e jabuticabas, como para a pastagem de animais. Estas invasões resultaram em danos das cercas e desavenças pessoais.
Áreas verdes:	- Quase tudo modificado, seja pelas pastagens quando propriedade rural, seja pela limpeza do terreno na construção do bairro. Poucos locais foram integralmente preservados, mesmo se tratando de áreas de preservação permanente. - Até mesmo as mangueiras plantadas na década de 30 foram recentemente cortadas pelo Sr. Guerino, devido aos desentendimentos com seus novos vizinhos
Rio:	Foi retificado, canalizado e seu leito está muito raso devido ao assoreamento que sofreu. A água quase não corre mais e apresenta barrancos de 4 metros de altura com solos expostos sem vegetação. Além disto, suas águas estão poluídas devido ao despejo do esgoto "in natura", incluindo a contaminação das minas.
A rede de esgoto:	Destruição da galeria que recebia toda a água e esgoto devido ao mal planejamento e defeitos técnicos de dimensão da tubulação causando um dano ambiental gravíssimo. Calcula-se que mais de 1000 caminhões de terra tenham sido carregados para o rio. Hoje, por pressão dos membros, já houve aterramento do buraco da erosão, etc.
Projeções:	Projeto de recuperação da margem do rio com o plantio de 35.000 mudas pelo Instituto Vid'água e pela ONG Sociedade Amigos para a cidadania e meio ambiente de Bauru; criação de um Bosque; acesso do Bauru 2000 ao bairro Nova Flórida; construção de uma avenida que ligue o viaduto do Parque Vista Alegre sobre a Rodovia Marechal Rondon, até o loteamento urbanizado. - Depoimento do Waldir Caso: "Acho que o Bauru 2000 vai melhorar mais ainda, principalmente quando abrir essa ligação para o vista alegre, que vai ter um fluxo de carro, o comércio da área aqui vai melhorar."

A reunião realizada para apresentação desta tabela contou com a presença de Ricardo e Dr. Ronie e aconteceu em uma noite, na quadra da Escola Thereza Tarzia, onde adolescentes do bairro fazem aulas de futebol, coordenadas pelo Hélio, bombeiro aposentado e morador do bairro. Freqüentemente nos encontrávamos em uma sala desta mesma escola, durante o período noturno, mas desta vez não tivemos acesso ao espaço interno da escola, pois era

período de férias. Então, conseguimos, no último instante, a quadra, após o treino de futebol, para que pudéssemos nos reunir.

Diante desta tabela e com os documentos oficiais que Waldir disponibilizou para nossa pesquisa, pudemos estudar os fatos e compreendê-los melhor. Algumas informações se perderam devido às dificuldades de transcrição, mas puderam ser complementadas pelos próprios pesquisadores comunitários que se lembravam dos detalhes das entrevistas. No entanto, como esta foi uma reunião muito rápida porque a quadra da escola tinha horário para fechar, resolvemos que cada pessoa iria levar esta tabela consigo para um estudo individualizado e mais detalhado. Como neste dia não contávamos com a presença de Joel, que parecia cada vez mais distante do grupo, Ricardo ficou responsável por transmitir as informações a ele e entregar-lhe este resultado das entrevistas.

Conversamos também sobre as perspectivas de nossa próxima etapa, e sobre a divulgação para a comunidade, quando mostraríamos os resultados de nossa pesquisa histórica. Sabíamos que agora, na etapa da ação, tínhamos que transformar os dados coletados em um material que serviria como base para as atividades posteriores, que tivessem como objetivo socializar a História das Transformações Ambientais do Bairro a toda comunidade.

No entanto, valendo-nos de experiências anteriores sobre a falta de motivação da comunidade em participar de atividades coletivas, enfatizada por Dr. Ronie mais uma vez nesta reunião, resolvemos procurar novas estratégias para alcançar nossos objetivos. Pensamos em envolver os alunos da escola, pois poderia ser uma ótima oportunidade para relatarmos nossa experiência e produzirmos novas atividades educativas a partir da pesquisa que havíamos realizado. Discutimos que esse envolvimento deveria ser o mais espontâneo possível, pois as atividades no espaço escolar são, em geral, obrigatórias e queríamos evitar essa abordagem. Por outro lado, tínhamos a expectativa de que com os alunos seria possível desenvolver diferentes materiais de divulgação como, por exemplo, a proposta do Ricardo de produção de uma história em Quadrinhos, resultados de uma releitura de nossa pesquisa, que poderiam ser expostos em um evento aberto à comunidade.

Outra facilidade discutida pelo GPC foi que poderíamos, através dos alunos, atingir os adultos, os pais, e assim conseguir que outras pessoas conhecessem a história de seu próprio bairro. Além disso, poderíamos organizar ações coletivas para o enfrentamento de alguns dos

unesp

problemas do bairro, apontado pela comunidade como prioritário. O estudo dos indicadores de qualidade de vida, resultante das entrevistas, foi estratégico no levantamento desses problemas e na priorização das ações. Essa discussão é apontada no trabalho de Janke (2005).

Assim, Nadja e eu ficamos responsáveis por estabelecer os primeiros contatos com a Escola.

DO GPC PARA A ESCOLA

buscando novos colaboradores para a pesquisa-ação

24 DE AGOSTO DE 2004

Neste momento, em que procuramos novos colaboradores, o Grupo não pôde se envolver. Em primeiro lugar porque havia a impossibilidade, por parte dos demais membros, em participar das primeiras reuniões com a diretora e professores da escola, pois durante a semana trabalhavam no horário de funcionamento da escola e, em segundo lugar, porque percebíamos uma grande desmotivação dos participantes. Mas, é importante lembrar que envolver a escola nesta fase foi solução levantada e acordada por todos. Esperávamos que os alunos criassem, a partir daqueles dados que tínhamos, por exemplo, uma história em quadrinhos... uma peça de teatro... ou então que realizariam um evento para apresentar o que produzimos para toda a comunidade. A escola abria suas portas aos finais de semana para receber a comunidade, dentro do Programa Escola da Família; os próprios moradores atribuíam à escola o único local de lazer e cultura que havia no bairro. Isso nos pareceu uma situação bastante favorável aos nossos objetivos de divulgação dos conhecimentos produzidos.

Assim, entramos em contato, primeiramente, com a coordenadora do projeto escola da família, que já havia nos ajudado anteriormente cedendo um espaço para realizarmos as reuniões do GPC, que, então, nos indicou à diretoria da mesma Escola Estadual Padre Antônio Jorge Lima. Conversamos com diretora da Escola, Profª Elida Maria Farias C. da Fonseca, para marcarmos um encontro com os professores e apresentarmos nossas propostas. A diretora atendeu prontamente nossa solicitação e sugeriu que participássemos das Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPCs) que aconteciam todas às segundas-feiras, no período diurno, com a participação dos professores do ensino fundamental e médio, e no período noturno com os demais professores, principalmente, os que ministram as tele-aulas.

Dessa forma, Nadja e eu escrevemos um projeto para que pudéssemos demonstrar a cada professor nossas propostas. Neste projeto contamos sobre a origem de nosso Grupo de Pesquisadores Comunitários, seus objetivos nas duas frentes de pesquisa, os resultados que havíamos obtido até o momento e, por fim, quais eram os motivos e intenções para tentarmos agregar novos colaboradores para essa nova etapa do trabalho e, ainda, nossas sugestões de

atividades que poderiam ser planejadas junto a eles, partindo do material que já havíamos coletado e analisado. Assim, comparecemos nas HTPCs do dia 24 de agosto com o documento apresentado a seguir:

História ambiental e qualidade de vida no Bauru 2000: a comunidade e a escola

Em Novembro de 2003, alunas do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Ciências da UNESP convidaram os moradores do bairro Nobuji Nagasawa - Bauru 2000, para constituírem um grupo de pesquisadores comunitários. A criação do GPC (Grupo de Pesquisadores Comunitários) consolidou a parceria entre a instituição UNESP e membros da associação de moradores do bairro, para um trabalho coletivo de pesquisa-ação. O objetivo foi envolver este grupo na pesquisa sobre as realidades social e ambiental do bairro, para refletir e analisar, conjuntamente, os dados obtidos pelo diagnóstico, assim como propor e realizar ações. Os temas gerais, objetos de nossa pesquisa, contemplaram a história das modificações ambientais no bairro e o levantamento dos indicadores de qualidade de vida daquela comunidade.

Neste ano, no estudo da história do bairro, o grupo veio coletando, por meio de entrevistas com a comunidade e de consultas a documentos oficiais, informações sobre a caracterização do local, anteriores à construção do conjunto habitacional, assim como a história da ocupação desse ambiente buscando revelar os sentimentos e percepções dos moradores que passaram a conviver neste espaço urbano.

No estudo da qualidade de vida, as entrevista com os moradores também mostraram as necessidades e aspirações da comunidade quanto às questões relacionadas à saúde, segurança, educação, lazer, transporte, saneamento básico e outras.

A partir deste diagnóstico inicial, o GPC vem planejando ações tanto de divulgação da pesquisa realizada como de resolução dos problemas diagnosticados como prioritários para a comunidade. Neste sentido, propõe-se para esta etapa o envolvimento da Escola Estadual Padre Antônio Jorge Lima.

Os objetivos desse projeto são:

- Promover um intercâmbio entre comunidade do bairro e escola;
- Socializar os conhecimentos gerados pelo GPC com a comunidade escolar;
- Envolver professores e alunos no planejamento de atividades educativas e sociais para melhorias ambientais do entorno da escola;

Sugestões de atividades:

- Concurso de história em quadrinhos sobre a história das transformações ambientais e das necessidades atuais da comunidade.
- Expressões artísticas sobre os temas.
- Visita de reconhecimento do ambiente do bairro (mapeamento ambiental).
- Palestra sobre o cerrado, o rio, resíduos sólidos, planejamento urbano.
- Plantio de mudas nas áreas verdes.
- Dia da limpeza.
- Atividades de informação para a comunidade: visita as casas do bairro; distribuição de informativos;
- Desenvolver, junto aos professores e alunos, um projeto interdisciplinar considerando os temas em questão;
- Sensibilizar a comunidade para que a partir do conhecimento de sua própria história no bairro, reconheça seu papel social e de responsabilidade ambiental reflexionando sobre a construção de um bem estar coletivo;
- Promover um evento para a comunidade de finalização das atividades com os resultados alcançados.

A reunião na HTPC dos períodos diurno e noturno

Como os demais integrantes do grupo estavam trabalhando durante o período da manhã, ficou decidido que Nadja e eu compareceríamos nas reuniões com os professores. Logo no início das HTPC's, a Diretora da escola nos apresentou aos professores e à Coordenadora Pedagógica. Falou que éramos alunas da pós-graduação da UNESP e que estávamos desenvolvendo um projeto com a comunidade do bairro. Pediu, então, um espaço da reunião para que pudéssemos apresentar nossa proposta.

Assim, começamos nos identificando como integrantes do GPC (Grupo de Pesquisadores Comunitários) e explicando quem compunha o grupo, quais eram as características destes e como estávamos trabalhando com as pesquisas sobre a história das transformações ambientais do bairro e sobre os indicadores de qualidade de vida daquela comunidade. Apresentamos também nossos resultados e os convidamos a desenvolver algumas atividades educativas com os alunos da escola, visando a uma articulação com os temas e resultados de nossos estudos e a um intercâmbio entre a comunidade e a escola.

Colocamos também que era de nosso conhecimento a realidade que a escola vivenciava com relação ao excesso de projetos pedagógicos que eram apresentados aos professores da rede pública, como sugestões de trabalho, tanto pela Secretaria Estadual de Educação quanto pelos alunos de cursos universitários de Pedagogia e Licenciatura. Sabíamos que o excesso de propostas estava gerando grande resistência por parte dos professores, principalmente por serem atividades muitas vezes descoladas do contexto escolar e exigia dos professores grande empenho em sua execução.

Esta colocação contribuiu para que os professores do período noturno, concordando conosco, inicialmente rejeitassem a nossa proposta. Diziam que aquilo que estávamos sugerindo não traria nenhum benefício a eles, e pelo contrário, seria muito trabalhoso para, apenas, nos beneficiar. Tivemos então o cuidado de destacar que era de nossa vontade que essa proposta fosse considerada não como mais um projeto vindo de fora, exigindo o esforço dos professores, mas como uma colaboração àqueles que tinham interesse em desenvolver atividades alternativas de ensino; que nosso objetivo era permitir que os alunos conhecessem a história das transformações ambientais do bairro do entorno da escola e as necessidades da

comunidade a que pertenciam. Além disso, destacamos que mais do que o objetivo de socialização dos conhecimentos gerados pelo GPC, pretendíamos envolver professores e alunos no planejamento de atividades interdisciplinares, educativas e sociais para melhorias ambientais do entorno da escola e também para sensibilizar a comunidade para que, a partir do conhecimento de sua própria história no bairro, reconhesse seu papel social e de responsabilidade ambiental, refletindo sobre a construção do bem estar coletivo. Pretendíamos, por fim, promover um evento para a comunidade de finalização das atividades com os resultados alcançados. Essas eram somente propostas e sugestões do GPC numa tentativa de progredir com nossas pesquisas, alcançando ações desta natureza e que deveriam ser consideradas somente por aqueles professores que, espontaneamente, quisessem participar.

Foi então que a Diretora da escola, presente no HTPC do período diurno, fez uma proposta que nos pareceu garantir condições de desenvolvimento de nosso projeto. Propôs trabalharmos juntos aos professores e apresentarmos os resultados obtidos na Feira de Trabalhos Escolares, a FETESC, que acontecia anualmente.

Com esta nova perspectiva, nos colocamos à disposição para auxiliar qualquer professor interessado em utilizar os materiais produzidos pelo GPC e/ou em desenvolver atividades de ensino a partir dos temas de nossas pesquisas. O ideal seria que os alunos fizessem uma releitura daquilo que tínhamos obtido junto à comunidade e se envolvessem tanto na divulgação desses conhecimentos à própria população, através de expressões artísticas e criação de diferentes formatos de comunicação que deveriam ser apresentadas na FETESC, como também no planejamento de ações para enfrentamento dos problemas identificados pelos moradores.

A partir de então, alguns professores passaram a se interessar pelo projeto. A professora de português, do ensino fundamental, que estava trabalhando com os alunos na criação de histórias em quadrinhos, interessou-se pela História das Transformações Ambientais do Bairro como tema gerador e inspirador para a atividade. Outras professoras se manifestaram quanto à nossa sugestão sobre o dia da limpeza, concordando com a importância de se cuidar desta questão, reconhecendo que o bairro sofre com a quantidade de lixo e entulhos acumulados nos terrenos baldios e vielas.

A professora Mariângela, de educação artística, havia trabalhado junto a uma ex-professora da escola que ensinava matemática, num projeto que envolvia o bairro. Este trabalho teve inicio com a solicitação, por parte de uma comissão de cinco alunos, ao Departamento de Água e Esgoto, para o reparo da rede de esgoto do bairro que se encontrava em péssimo estado. Dessa forma, a professora Mariângela disse ter continuado o trabalho desenvolvendo com os alunos sessões de fotografias, buscando registrar as mudanças que estavam ocorrendo no bairro, principalmente quanto às reformas das casas dos moradores. Esses adolescentes, do segundo ano do ensino médio, retrataram "pontos negativos e positivos do bairro", por meio de registros fotográficos. As fotografias tinham sido preparadas para uma exposição com o tema: "Nobuji Nagasawa em Construção e Mudança". Esse ensaio fotográfico havia revelado, como "ponto negativo", os lixos e os entulhos presentes nos terrenos e vielas, e os alunos estavam trabalhando em um informativo sobre esta situação que envolvia questões de saneamento básico, também de responsabilidade dos moradores. Este informativo foi entregue aos moradores, de casa em casa, pelos próprios alunos com um pedido para que não transformassem aquele papel em mais um lixo descartado indevidamente. Percebemos que este era um projeto com objetivos muito próximos dos nossos e que certamente teria potencial para uma articulação com os conhecimentos que havíamos produzido. Assim, combinamos uma conversa com a professora para planejarmos ações futuras e a forma de apresentação deste trabalho na FETESC.

NOVOS PROJETOS NA ESCOLA

O concurso para a bandeira da Escola

21 DE SETEMBRO DE 2004

Enquanto esperávamos a resposta dos professores sobre nossa proposta de trabalhar na escola, tentamos nos reunir com o GPC. No entanto, a notícia de que Ricardo, um dos integrantes do grupo, havia se mudado do bairro e iria se desligar do GPC, causou uma situação que foi determinante para a desestruturação deste. O Grupo tinha poucos integrantes, além disso, o Ricardo exercia uma certa liderança no grupo, pois foi marcante sua atuação em todas as etapas de trabalho do GPC, participando ativamente, colaborando com idéias novas, motivando os demais a se integrarem nas atividades que desenvolvemos e "cobrando" atitudes mais práticas para ações efetivas no enfrentamento dos problemas do bairro. Ricardo é funcionário da UNESP, o que facilita seu envolvimento com alunos dos mais diferentes cursos, aos quais sempre solicitava ajuda para seus projetos no bairro. Com auxílio de alunas do curso de Jornalismo, Ricardo era responsável pela produção do jornal popular "Comunidade Ativa", distribuído gratuitamente no bairro, com notícias de interesse coletivo da comunidade; participava também do programa educacional promovido pelo Instituto Airton Senna, na Escola Estadual Padre Antonio Jorge Lima, que incluía moradores da comunidade do entorno da Escola. Dessa forma, percebemos que seu desligamento foi uma grande perda para o grupo e o que temíamos, somado ao aparente desinteresse de Joel, explicitado pelas suas ausências nas reuniões, realmente aconteceu. O GPC não mais se reuniu.

Esta dificuldade que tínhamos que enfrentar, nos mobilizou mais ainda no envolvimento da escola, pois acreditávamos na necessidade de tornar mais forte o nosso compromisso com os novos possíveis colaboradores, nossos parceiros da escola.

Tentamos então participar do HTPC do dia 21 de setembro, na escola, como havia sido combinado há algum tempo atrás. No entanto, os professores estavam participando de um programa de capacitação profissional dirigido pela Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental e Médio da própria escola. Devido à impossibilidade de conversarmos coletivamente com os professores, procuramos a Diretora para sabermos sobre a decisão que haviam tomado quanto às nossas propostas.



Dona Élida apresentou-nos a idéia da criação de um concurso, para criar uma bandeira que representasse a escola e um lema que acompanharia a arte. Nossas informações sobre a história do bairro e da própria escola seriam interessantes para a criação da bandeira da escola e do lema. Do concurso participariam todos os alunos do Ensino Fundamental e Médio. Para isto, deveríamos organizar uma atividade para apresentar aos inscritos os fatos mais importantes da história daquele local.

Dessa forma, resolvemos junto à diretora desenvolver atividades na escola, independente da colaboração dos professores. No entanto, pudemos contar com o envolvimento da professora de Educação Artística e com a colaboração de outros professores que, de certa forma, permitiram que nosso trabalho acontecesse.

NOVOS PROJETOS NA ESCOLA

planejando atividades com a professora de educação artística

29 DE SETEMBRO DE 2004

Os resultados do trabalho coordenado pela professora de educação artística, sobre ensaios fotográficos, que uma classe do segundo ano do ensino médio realizara em vários pontos do bairro, nos motivaram a propor a retomada do projeto. Sugerimos a realização de uma oficina de fotografia, que seria oferecida para as duas salas do segundo ano do ensino médio. A oficina traria informações técnicas a respeito do funcionamento da máquina fotográfica, do processo de exposição do filme fotográfico, bem como dicas de composição da imagem e iluminação e posicionamento do fotógrafo em relação ao tema fotografado, além de informações sobre o significado do registro fotográfico, da linguagem visual, sobre a profissão de fotógrafo e do papel social e histórico que a fotografia representa. Nossa intenção foi instrumentalizar os alunos, tanto aqueles que já haviam participado da atividade fotográfica como os outros, para que fossem capazes de produzir um ensaio fotográfico temático sobre o bairro. Os resultados desta atividade seriam apresentados na FETESC.

Para apresentarmos nossas intenções para aos alunos das duas salas, marcamos uma conversa com os estudantes durante a aula de educação artística, espaço cedido pela professora Mariângela. Iniciamos o encontro contando aos alunos sobre a origem de nosso envolvimento com as pessoas do bairro e sobre os resultados de nossas pesquisas. Falamos sobre a história mais antiga do local onde foi construído o bairro e sobre o processo de construção do conjunto habitacional, trazendo para a sala um pouco das histórias reveladas pelos moradores entrevistados em nossa pesquisa.

Falamos também sobre os resultados do levantamento dos indicadores de qualidade de vida e os relacionamos às fotografias que alguns alunos haviam feito no trabalho com a Profa Mariângela. Comentamos que alguns problemas que os alunos registraram em seus trabalhos também apareceram na pesquisa do GPC, como por exemplo, o problema do lixo e do uso inadequado das vielas do bairro. As propostas de ações para melhoria das condições de vida dos moradores do bairro, como o projeto de revitalização destas vielas, encontram-se apresentadas e discutidas no trabalho da Nadja (JANKE, 2005).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

O passo seguinte foi convidá-los a participar da Oficina de Fotografia que havíamos planejado, a fim de registrar o olhar de todos os participantes sobre o bairro e discutir sobre como vêem e percebem aquele ambiente e como utilizar o registro fotográfico como documentação histórica. O resultado poderia servir de estímulo para atuarmos na continuidade do trabalho no bairro. Dos sessenta alunos das duas salas, quarenta se interessaram em participar da oficina e das atividades subseqüentes.

NOVOS PROJETOS NA ESCOLA

falando sobre bandeiras e sobre a história do bairro e da escola

19 DE OUTUBRO DE 2004

Nadja e eu reunimos, no período da manhã, numa sala da escola, cerca 30 adolescentes de diferentes idades do Ensino Médio e mais outros 30 alunos do período da tarde do Ensino Fundamental. Todos eles se inscreveram para o concurso de criação da bandeira para representar a escola Padre Antonio Jorge Lima.

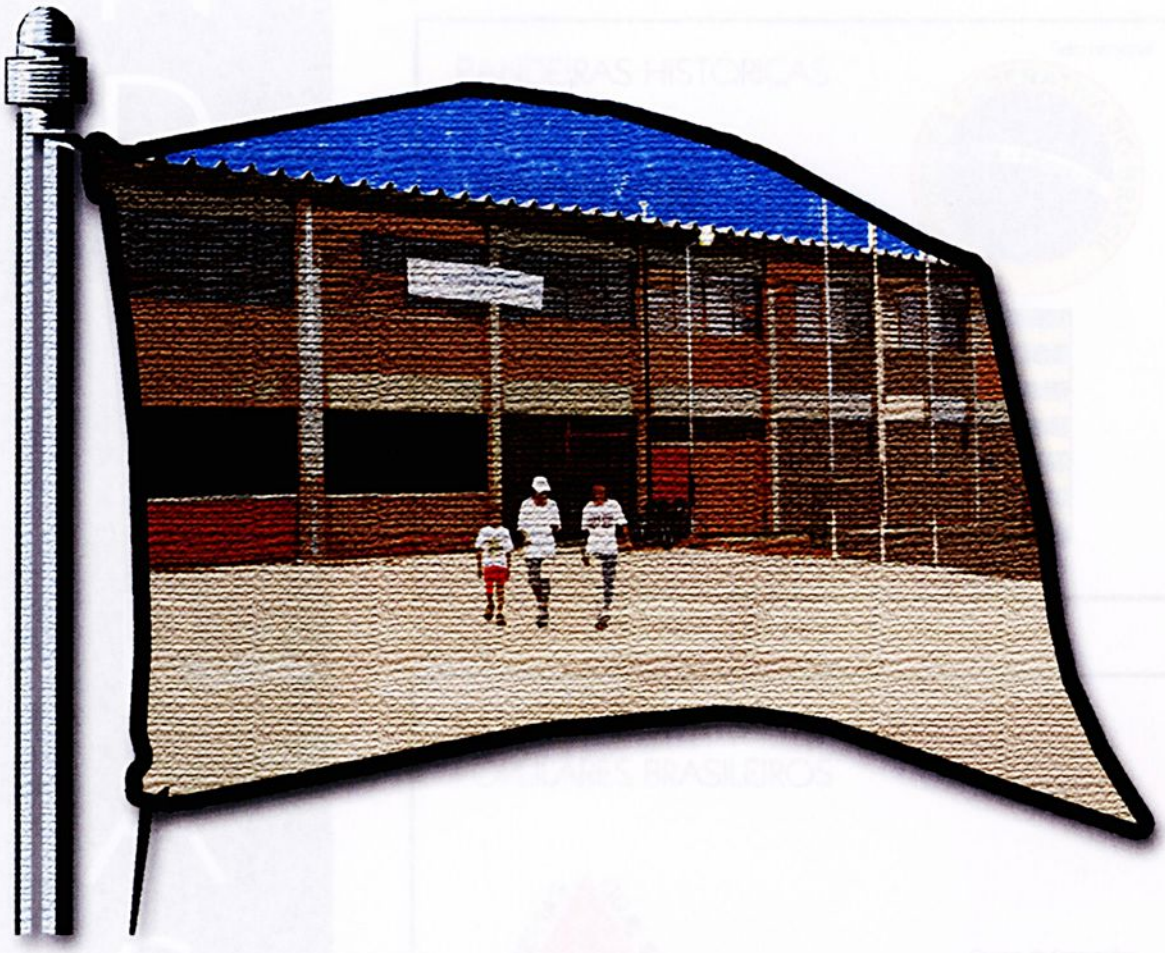
Nossa proposta foi, em primeiro lugar, apresentar aos alunos alguns temas gerais sobre o significado da produção de uma bandeira para então dar-lhes subsídios históricos sobre as origens do bairro e da escola, para que pudessem usá-los na concepção da idéia gráfica para a representação da bandeira da escola. Para isto, utilizamos o recurso eletrônico para apresentação de slides.

Primeiro, fizemos uma apresentação de várias bandeiras produzidas em diferentes momentos históricos, além de informações curiosas e relevantes sobre os significados das mais diversificadas bandeiras e dos elementos que a compõem. Os temas dos slides foram:

- Bandeiras atuais das nações, dando destaque à bandeira do Brasil;
- Bandeiras históricas do Brasil;
- Bandeiras de movimentos populares brasileiros;
- Informações sobre a data de criação da bandeira republicana brasileira e sobre o autor da obra;
- Informações sobre a representação das formas geométricas, estrelas, das cores e texto da bandeira brasileira;
- Bandeiras dos estados brasileiros, dando ênfase à bandeira do Estado de São Paulo;
- Bandeiras de municípios do Estado de São Paulo, dando ênfase ao município de Bauru;
- Bandeiras de Escolas de Samba;
- Bandeiras do alfabeto;
- Bandeiras numéricas.

CONCURSO PARA CRIAÇÃO DE UMA BANDEIRA

Escola Estadual Padre Antonio Jorge Lima



BANDEIRAS

BANDEIRAS DOS PAÍSES





China



França





Estados Unidos



Canadá





Japão



Portugal

BANDEIRAS HISTÓRICAS DO BRASIL

Selo nacional





Projeto de bandeira do Brasil



Bandeira Provisória Republicana



Bandeira Imperial

BANDEIRAS DE MOVIMENTOS POPULARES BRASILEIROS



Inconfidência Mineira

Guerra da Farroupilha



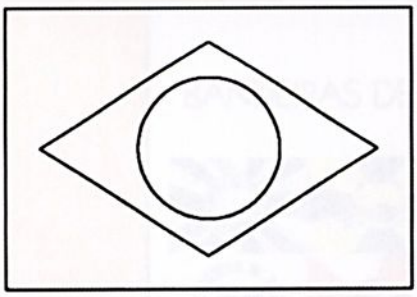
QUANDO FOI CRIADA A BANDEIRA REPUBLICANA? E QUEM FOI O AUTOR?

- **Foi no ano de 1889**. O projeto é de autoria de **Raimundo Teixeira Mendes**, com a colaboração de Miguel Lemos. O professor Manuel Pereira Reis, catedrático em Astronomia da Escola Politécnica tratou da posição das estrelas e o desenho foi executado por Décio Vilares.

O QUE REPRESENTAM AS CORES DA BANDEIRA?



O QUE REPRESENTAM AS FORMAS GEOMÉTRICAS DA BANDEIRA?



O QUE É O LEMA ORDEM E PROGRESSO?

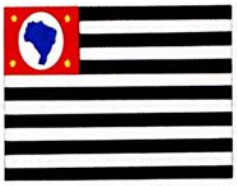


POR QUE CADA ESTRELA REPRESENTA UM ESTADO DO PAÍS? E QUAL FOI O CRITÉRIO USADO NESSA CORRESPONDÊNCIA?



T 1298

BANDEIRAS DOS ESTADOS BRASILEIROS





Em 16 de julho de 1888, Júlio Ribeiro, fundador do jornal "O Rebate", que fazia campanha pela República, lançou nas páginas de seu periódico a proposta de criação da bandeira de São Paulo.

BANDEIRAS DOS MUNICÍPIOS





Ribeirão Preto



Rio do Sul



Rio de Janeiro

BANDEIRAS DE ESCOLAS DE SAMBA







BANDEIRAS DO ALFABETO



BANDEIRAS NUMÉRICAS



tSobre a segunda parte, destacamos a importância do conhecimento histórico sobre aquilo que é representado por uma bandeira, seja qual for o caso. Um motivo histórico, uma representação de um "ideal", de um grupo, de um movimento social, de uma instituição, de um patrimônio, etc. Assim, contextualizando a criação da escola a partir da história do bairro, contribuiríamos para que os alunos compreendessem a importância de atribuir à ela representações simbólicas, que expressasse sua realidade de forma que esta fosse resultado de uma construção social e histórica.

Os dados mais relevantes da pesquisa histórica realizada pelo GPC sobre o bairro foram apresentados aos alunos:

CONSTRUINDO UMA BANDEIRA A PARTIR DA HISTÓRIA

COMO ERA A REGIÃO



ANTES

DA CONSTRUÇÃO DO BAIRRO





QUEM ERA O PROPRIETÁRIO?
COMO SE DAVA A OCUPAÇÃO RURAL?
COMO ERA A VEGETAÇÃO?
COMO ERA O CÓRREGO?
QUAIS ANIMAIS VIVIAM AQUI?
COMO ERA A RELAÇÃO DOS VIZINHOS?

CONSTRUCÃO DO BAIRRO

QUEM FORAM OS RESPONSÁVEIS PELA CONSTRUÇÃO DO BAIRRO?
QUANDO INICIARAM AS OBRAS?
QUANTAS CASAS?
COMO FOI A PREPARAÇÃO DO TERRENO?
QUEM FORAM OS TRABALHADORES DA OBRA?
QUEM FORAM OS MORADORES?
O QUE FOI CONSTRUÍDO NO BAIRRO E O QUE NÃO FOI?



O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA ESCOLA
PADRE ANTONIO JORGE LIMA

Pesquisa sobre as condições de vagas nas escolas vizinhas.

Reivindicação para construção de duas escolas no bairro.

Projeto de Lei: em 180 dias deveria se construir as escolas / multa de 1000 reais para cada aluno não matriculado.

Transporte para outras escolas.

Terreno onde seria constuída a Escola foi local de retirada de terra para terraplanagem do bairro.

Nomeação da escola.

Esta apresentação foi realizada duas vezes, para atender tanto os alunos do ensino fundamental como os alunos do ensino médio. Isto nos permitiu fazer algumas interessantes considerações sobre a reação dos alunos às informações sobre o significado da bandeira e sobre a história do bairro.

Tanto para os adolescentes do ensino médio, quanto do ensino fundamental as informações sobre o significado de uma bandeira pareceram instigantes. Aquilo que expusemos sobre as razões de se construir uma bandeira, sobre a criação de símbolos para se representar algo, sobre os significados sociais, históricos, políticos e ideológicos que uma bandeira representa, embora fosse de conhecimento da maioria dos alunos, pareceu despertar uma reflexão sobre nossos ideais, tanto os ideais mais individuais quanto os coletivos. Percebemos, por meio da atitude dos alunos, que se manifestavam com certa surpresa ao se identificarem, por exemplo, com a história da cidade, quando receberam informações sobre o significado das setas da bandeira de Bauru, que representam a conquista do Oeste Paulista, que foi possível trazê-los para o momento histórico que vivenciamos no Brasil. A idéia que ficou forte é que todos nós pertencíamos a um grupo maior, que nos unia como cidadãos de um espaço, onde atuávamos segundo uma organização social criada pela história social, seja esta uma cidade, um estado, um país.

Os alunos também ficaram muito interessados, quando comentamos o significado das cores e formas da bandeira do Brasil. Muito do que é ensinado nas escolas foge do significado que cada forma geométrica e símbolo na bandeira brasileira representa. A história nos mostra o quanto a República brasileira ainda era ligada ao Império português quando foi criada nossa bandeira. Outras informações como o real significado da estrela posicionada acima da faixa onde há a frase: Ordem e Progresso e o significado das cores da bandeira também foram recebidas como novidade.

As explicações que se seguiram também pareciam interessar aos alunos, principalmente aos do ensino fundamental, que tentavam adivinhar o que cada símbolo e cor significavam nas bandeiras dos Estados Brasileiros, das cidades e das escolas de samba e outras.

Porém, maior interesse foi revelado quando apresentamos as bandeiras universais, que representam as letras do alfabeto e números. Os alunos se manifestaram colocando que desconheciam estes símbolos, embora citassem serem úteis para a marinha, exército,

aeronáutica e até mesmo para a comunicação em caso de emergência ou para as companhias aéreas comerciais.

Sobre as informações da história do bairro, percebemos que o diálogo entre nós e os alunos foi menos intenso. Estes ouviram atentamente a história que contamos, inclusive quando revelamos como foi o processo de construção da escola e da escolha de seu nome. Percebemos algumas manifestações quando falamos sobre a lei que a instituiu, que garantia a escola no bairro aos moradores, e o transporte público gratuito até às escolas mais afastadas enquanto não era construída a escola local. A lei atribui multa à Prefeitura e Estado de R$ 1.000,00 por dia, por aluno que estivesse fora da escola em caso de descumprimento. Além disso, alguns alunos se identificaram com a história, se sentiram pertencentes à esse lugar, pois eram moradores do bairro e confirmaram o problema que enfrentaram antes da construção da Escola Estadual. Também observamos algumas reações dos alunos, de interesse, ao conhecerem o nome da escola que homenageia um padre que fora morador da região. Os alunos do ensino fundamental queriam saber se o padre ainda era vivo e um dos alunos respondeu que conheceu o padre, pois mora no mesmo bairro, vizinho ao "Bauru 2000", onde o padre se estabeleceu no final de sua vida.

Sobre o concurso da bandeira, muitos alunos vieram nos procurar, tanto para contarem o que estavam pensando em criar, quanto para esclarecerem dúvidas sobre as normas do concurso. Uma situação interessante foi a explicação de um aluno sobre o que gostaria de fazer. Ele teve a idéia de se inspirar na bandeira de Bauru, representando setas na bandeira da escola para significar tanto o avanço pessoal que o ensino proporciona para as pessoas, como o avanço que a escola proporcionou para o Bairro Bauru 2000.

No final da explanação, os alunos pareciam compreender sua responsabilidade na criação de uma bandeira que seria considerada o futuro símbolo da escola, além de se sentirem estimulados pela premiação pela melhor bandeira.

SÍMBOLO E LEMA VENCEDORES DO CONCURSO



CORES: SÍMBOLO DO ESTADO DE SÃO PAULO ESTILIZADO

ESTRELA: ESCOLA ESTADUAL REPRESENTADA DENTRO DO ESTADO

SETAS RELACIONADAS AO LEMA: INSPIRADA NA BANDEIRA DE BAURU

AZUL: INDICA A COR DA ESCOLA E DO CÓRREGO BARREIRINHO

Além de confeccionar a bandeira com o novo símbolo, a Escola adotou-o para o uniforme dos alunos.

REVITALIZAÇÃO DA "VIELA"
conhecendo o projeto de extensão universitária
"Habitação Popular e Arquitetura:
em busca de uma qualidade projetual nas moradias"
21 DE OUTUBRO DE 2004

Enquanto Nadja e eu planejávamos a oficina de fotografia para os alunos do segundo ano do Ensino Médio da Escola Estadual Padre Antônio Lima, outras questões iam surgindo sobre a continuidade desta atividade. Como comentado anteriormente, o projeto de revitalização da "Viela" do bairro poderia ser uma das ações subseqüentes para melhoria daquele espaço público do bairro.

Portanto, procuramos nos informar sobre a viabilidade da implantação de um projeto de paisagismo e urbanismo, escolhendo uma das vielas como modelo. Devido à falta de experiência em projetos semelhantes, Nadja e eu contamos inicialmente com a ajuda mais técnica sobre paisagismo, botânica e arquitetura de professores e alunos da área, na Unesp de Bauru. Por meio de indicações, conhecemos o projeto do grupo de extensão universitária da Faculdade de Arquitetura que, vem se realizando no bairro desde abril de 2002. O grupo desenvolveu vários projetos arquitetônicos, entre eles o projeto de urbanização, arquitetura e paisagismo da viela. De acordo com a Profa. Dra. Silvana Aparecida Alves, uma das coordenadoras do projeto, a planta da "Viela" ainda não está totalmente finalizada, pois estão tentando recolher sugestões e dados gerais dos próprios moradores, principalmente daqueles que moram ao lado da passarela, para que o projeto tenha a participação da comunidade. Paralelamente a isto, o grupo está quantificando os materiais e buscando recursos para sua implantação. Para a etapa da execução, o grupo demonstrou interesse em promover um mutirão de moradores do bairro para que, através da participação direta, esses se conscientizassem da importância da manutenção desse espaço.

Articuladas então a esta nova possibilidade, colocamos ao grupo da arquitetura a idéia de se incorporar o projeto, que está em fase de finalização, às necessidades e sugestões dos adolescentes, de forma que esta fosse uma atividade coletiva que tivesse a participação dos alunos. Nadja e eu, como integrantes do GPC e envolvidas agora com a escola do bairro,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

entendemos a importância de unirmos esforços para a concretização da revitalização de uma viela, transformando-a em um local agradável, confortável e que sirva não somente como local de passagem, mas também como local de lazer público para a comunidade. No entanto, entendemos também que é essencialmente necessário o envolvimento efetivo e radical de moradores do bairro ou dos alunos da escola do bairro em todo o processo de revitalização deste espaço, conforme nos indica a metodologia da pesquisa-ação-participativa. Estas nossas sugestões foram acatadas pelo grupo que organizou uma visita aos alunos para apresentarem-se e convidá-los a participar do projeto.

OFICINA DE FOTOGRAFIA

entendendo como se fotografa e revelando o olhar sobre o bairro

26 e 27 DE OUTUBRO DE 2004

A Oficina de Fotografia teve duração de três horas de aula teórica, e aconteceu na sala de computação da Escola Estadual Padre Antônio Jorge Lima, durante o período diurno do dia 26 de outubro e cerca de mais três horas de aula prática no bairro, no entorno da escola, na manhã do dia 27 de outubro.

OFICINA de FOTOGRAFIA



Profas: Isadora Puntel e Nadja Janke
Alunos: segundo ano do ensino médio

1. FILME FOTOGRÁFICO

- O que é um filme fotográfico.
- Como ele é fabricado.
- Do que ele é composta a emulsão.
- Como ele registra a imagem exposta.
- Como era antigamente o formato do haleto de prata da emulsão do filme.
- O que é sensibilidade do filme.
- Sensibilidade x resolução.

2. FORMATO DO GRÃO DE HALETO DE PRATA

- Como é o formato do haleto de prata atualmente e o que isto proporcionou para a fotografia.

3. SENSIBILIDADE DO FILME

- Diferença da resolução de um filme de ISO 100 para o de ISO 800

5.CÂMERA FOTOGRÁFICA



- O que é uma câmera fotográfica.
- Diferentes formatos de câmeras.

6. IMAGEM INVERTIDA

- Como ocorre a projeção da imagem.
- Quais são as propriedades físicas da luz.

7. PINROLE - BURACO DE AGULHA



- Como fazer uma câmera fotográfica caseira.

8. CONTROLANDO A LUZ - diafragma e obturador



- Como funciona uma câmera fotográfica.
- O que é um diafragma e para que serve.
- O que é um obturador e como funciona.

9. TEMPOS DE EXPOSIÇÃO

- Quais são os tempos de exposição e como escolhê-los.
- O assunto define o tempo de exposição.

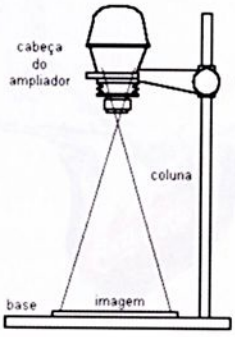
10. REVELAÇÃO

- Como é o processo de revelação.
- Como funciona a revelação caseira em laboratório fotográfico.

11.NEGATIVO E SLIDE

- Resultados da revelação de um filme.
- Negativo e Cromo.

12. AMPLIAÇÃO



- Depois de revelado como se dá o processo de ampliação.

TIPOS DE FOTOGRAFIA

FOTOJORNALISMO - SEBASTIÇÃO SALGADO

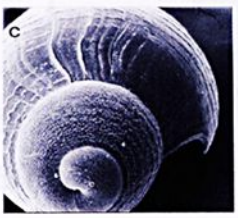




Papel social da fotografia.

FOTOGRAFIA CIENTÍFICA





A fotografia como um instrumento para a ciência.

FOTOGRAFIA DE ESPORTES

A fotografia é capaz de eternizar um momento.



FOTOGRAFIA DE MODA



Registrando os costumes.

FOTOGRAFIA PUBLICITÁRIA



Fotografia para vender um produto, uma idéia, um conceito.

FOTOGRAFIA DE NATUREZA

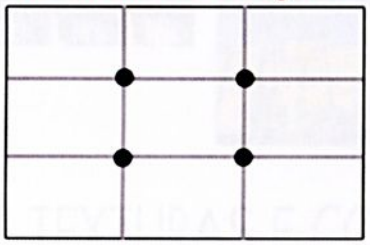


Fotografia da vida natural

TÉCNICAS FOTOGRÁFICAS

COMPOSIÇÃO

REGRA DOS TERÇOS



- Dicas para melhor compor a imagem.

HORIZONTE TERÇO INFERIOR



TERÇO SUPERIOR DIREITO



- Posicionamento do assunto nos terços do fotograma.

OLHAR E MOVIMENTO DO ASSUNTO PARA DENTRO DA FOTO





DIAGONAIS

Um assunto que é longilíneo preenche melhor o fotograma se posicionado nas diagonais deste.

ILUMINAÇÃO





CONTRA LUZ



SOMBRAS



LUZ DO DIA

Dicas sobre iluminação. Diferentes efeitos de luz. O posicionamento do assunto em relação ao fotógrafo e da direção da fonte de luz.

ENSAIO FOTOGRÁFICO

COMO RETRATAR UM TEMA

ARQUITETURA



AMBIENTE URBANO



TEXTURAS E CORES



FOTOGRAFANDO O BAIRRO



- Como fotografar o bairro.
- Do mais geral para o mais específico.
- Escolhendo um tema a ser retratado.
- Exemplos de temas para se fotografar no bairro.
- Como estudar a composição da fotografia com o auxílio de uma moldura de papel cartão.
- Estudar o posicionamento do sol e melhores horários de luz do dia.

Embora a oficina tenha sido longa e o espaço apertado, sentimos que o aproveitamento foi muito bom. As imagens e a forma como apresentamos e informamos também ajudaram a tornar a aula interessante.

Durante toda a explicação e explanação dos temas, os alunos interagiram bastante conosco, expondo suas dúvidas e comentários, o que permitiu que a oficina fosse bem dinâmica e produtiva. Os adolescentes desconheciam o processo fotográfico e o tema despertou muito interesse. A fotografia está presente na vida de todos, seja pelo ato de fotografar, seja pela presença nas notícias de jornais, revistas, propagandas impressas, nos álbuns de família, nas ruas das cidades, ou seja, podemos dizer que está presente em todo os segmentos da vida moderna. No entanto, poucas pessoas conhecem o processo fotográfico, suas características técnicas e possibilidades estéticas.

Nossa intenção foi explicar o processo partindo da produção do filme fotográfico, até à revelação e ampliação das imagens, passando por todas as etapas que permitem a fixação da imagem em papel. As informações sobre como acontece o mecanismo ótico da fotografia pareceu ser revelador, quando foi possível compreender que a máquina fotográfica nada mais é do que uma caixa preta, como um furo que permite a entrada de luz que, por sua vez, é responsável por imprimir a imagem no papel fotográfico. Saber que era possível construir uma câmera caseira, entusiasmou os alunos. As comparações com o funcionamento do olho humano também auxiliaram no entendimento do fenômeno.

Além das informações mais técnicas, exploramos também a importância deste tipo de registro. Importância histórica, científica, ambiental, como denúncia e portanto social, política, etc. Os significados da fotografia como forma de denúncia social e como expressão artística, principalmente a que o fotógrafo Sebastião Salgado faz, pareceu sensibilizar muito os alunos. Durante a apresentação de suas imagens, ouvia-se muitas manifestações na sala. Expressões que demonstravam indignação, surpresa, tristeza diante da dura realidade vivida pelos diferentes grupos sociais em todo o mundo.

Outras informações como as dicas sobre, por exemplo, como o fotógrafo deve se posicionar diante do assunto fotografável, como deve estudar a composição da imagem, quais as regras que deve seguir para que o assunto seja apresentado de forma mais harmônica e, ainda, dicas sobre iluminação puderam compor um conjunto de parâmetros e técnicas que

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

serviram para direcioná-los na atividade de campo. Durante a exposição deste tema, os alunos passarem a ser bem presentes, fazendo perguntas para fixarem as dicas que apresentamos.

Puderam então praticar, fotografando o bairro do entorno na manhã do dia seguinte. Para isto se dividiram em quatro grupos de aproximadamente 6 pessoas. Este número foi estipulado pela quantidade de câmeras fotográficas disponíveis, sendo que todos esses equipamentos pertenciam aos próprios alunos. Os filmes fotográficos foram comprados pela Nadja, por mim e pela diretora da Escola.

Cada grupo deveria escolher, inicialmente, um tema para um ensaio fotográfico no bairro. Dessa forma, no início da atividade, observamos que alguns grupos sentiram bastante dificuldade nesta escolha. Olhavam para tudo e queriam fotografar antes mesmo de refletir sobre o assunto e como iam explorá-lo. Assim, fomos orientando para que antes de fotografar cada grupo promovesse uma discussão entre todos os integrantes para que se centrassem no tema escolhido.

Desta forma focaram-se na idéia de fazer um ensaio fotográfico, mas todos tendiam à escolha de temas relacionados à área natural do bairro, localizada ao lado do córrego Barreirinho, incluindo-o também. No entanto, após discutirem entre eles e ouvirem nossas dicas e sugestões, passaram a diversificar os temas.

Dois grupos fotografaram o ambiente natural como as paisagens, o córrego, as árvores, os arbustos, as diferentes folhagens, flores e frutos e texturas vegetais. Outro grupo se auto-fotografou, registrando sua visita ao bairro. Participaram de cenas como: crianças do bairro colhendo flores na calçada; ponte de madeira que dá acesso ao bairro Nova Flórida; amostra da água do córrego Barreirinho; paisagem da área verde do bairro; banco da praça central do bairro, etc. O quarto grupo escolheu o tema casas abandonadas para denúncia deste problema.

Para esta atividade, cada equipe recebeu também uma moldura de papel cartão de três centímetros de espessura, desenhando uma janela de dimensão 10 x 15 cm. Isto deveria servir para que eles pudessem melhor escolher e estudar a composição das fotografias de forma coletiva e participativa. No entanto, observamos em alguns grupos que a atividade não foi coletiva. Nestes, o papel de fotografar ficava sempre para a mesma pessoa, não para decisão de todos do grupo como e o que iria ser fotografado. Assim, enquanto uns se esforçavam para registrar o assunto da melhor forma, outros consideraram a atividade como um passeio, não

ajudando o grupo na tarefa. Em outros grupos, pelo que pudemos acompanhar, houve bastante cooperação entre os integrantes. Porém, a participação de cada um se deu de forma diferente.

A intenção de planejarmos uma atividade coletiva, em que havia somente uma câmera para cada grupo e apenas um molde para o estudo da composição fotográfica, foi exatamente para proporcionarmos um momento em que só era possível obter melhores resultados se o grupo percebesse que era preciso haver cooperação entre eles. Todos deveriam participar da atividade, estudando as composições, escolhendo os assuntos dentro de um tema maior, procurando os ângulos para registrar a imagem ou até escolhendo uma pessoa responsável para a realização de determinadas tarefas. Isto de acordo com a forma que cada grupo escolhesse para trabalhar.

Apesar dos diferentes graus de cooperação, os grupos puderam vivenciar um exemplo de como é agir coletivamente e como podemos melhorar a realização de uma tarefa, qualitativamente, se esta for cooperativa.

Após o término da atividade, recolhemos os filmes, os identificamos de acordo com o grupo e enviamos ao laboratório fotográfico para revelação. Do resultado final escolhemos 10 fotos, aproximadamente duas de cada grupo, para ampliação em papel fotográfico com dimensão de 20 x 25cm. O processo de escolha, a produção das legendas das fotos escolhidas e a confecção de um texto sobre o tema do ensaio fotográfico de cada grupo estavam planejados para que fossem realizados junto aos adolescentes, antes do início da Feira Escolar (FETESC) que aconteceu nos dias 09, 10 e 11 de novembro e onde foram expostas as dez ampliações fotográficas. No entanto, devido ao curto espaço de tempo, a participação dos alunos nas tarefas de escolha das fotografias que foram ampliadas e expostas, a organização destas para a exposição e a diagramação do painel de apresentação, não foi possível. O conjunto das fotografias expostas na FETESC, representando o olhar desses alunos sobre o ambiente do bairro, foi diagramado por nós.

Sobre as impressões dos alunos a respeito desta atividade prática de fotografar o bairro, sobre os resultados das imagens que obtiveram e sobre a continuidade do trabalho.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

FEIRA DE TRABALHOS ESCOLARES - FETESC

exposições fotográficas:
o olhar do fotógrafo de natureza
e olhar dos alunos sobre o ambiente do bairro

09, 10 e 11 DE NOVEMBRO DE 2004

A III FETESC deste ano (2004) da Escola Estadual Padre Antônio Jorge Lima abordou o tema dos quatro elementos da natureza: Fogo, Terra, Ar e Água. Os alunos, durante o segundo semestre do ano, desenvolveram atividades explorando os temas para apresentação ao público. Toda a estrutura da escola, nos três dias do mês de novembro, foi organizada para que os grupos de estudantes, junto aos professores coordenadores, demonstrassem suas produções.

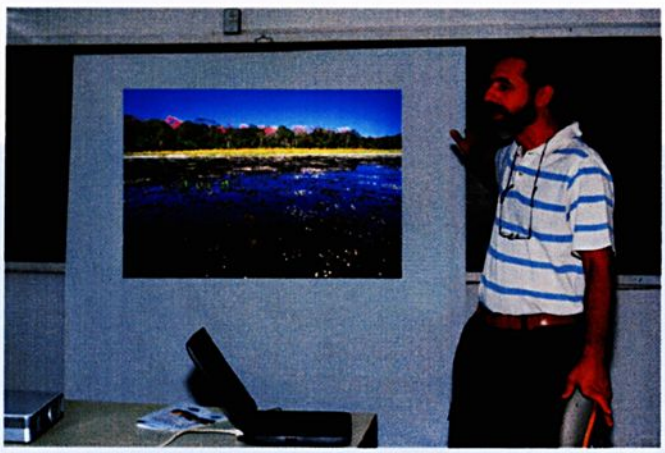
Assim, no saguão de entrada da escola, bonecos caracterizando os seres elementais (personagens místicas que representam os elementos naturais) num cenário místico e informativo, criavam um clima de recepção aos visitantes, introduzindo-os à temática da exposição. Cada sala de aula transformou-se em espaços para apresentação dos seguintes temas: "*A Terra*"; "*A Água*"; "*O Ar*"; "*O Fogo*"; "*Nada se perde, tudo se recicla*"; "*Diversidades*", "*Oficina de desenho e Exposição da Radiopatrulha Aérea*"; "*Praça da leitura*"; "*Cyber Café*"; "*Apresentações teatrais e palestras*".

Os alunos também apresentaram atividades culturais e expressões artísticas no pátio interno da escola como: ginástica rítmica, canto e música instrumental, peças teatrais, danças, coral e show de pirofagia, além de participarem de um concurso "Gatinha Verão e Garota Verão". Durante a feira foi inaugurado também o Jardim Japonês, construído no pátio externo da Escola. Para este evento aconteceu a performance: "*O Japão entre nós: lição de amor à natureza*".

Para as palestras e oficinas foram convidados diferentes profissionais que abordaram os seguintes assuntos: oficina de "Cartoon"; "Drogas, uma droga!"; "Jornal informação e cidadania"; "Leishimaniose: mentiras e verdades"; "Aids: tudo que você precisa saber"; "A voz: um sopro de Deus" e "Fotografia de Natureza". Para esta última, contamos com a participação do fotógrafo naturalista Haroldo Palo Júnior, que além de promover um bate papo com os alunos e visitantes da feira sobre a arte da fotografia, cedeu a exposição fotográfica "*Cores da Natureza*", produzida pelo SESC de São Carlos, que foi exposta no saguão interno da escola. Esta

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

exposição foi organizada de forma a apresentar em cada painel uma reunião de diferentes elementos naturais que compartilham de mesmas cores e tons, causando um grande efeito decorativo e estético, tendo como cenário a Natureza. No mesmo espaço, Nadja e eu, organizamos outra exposição de fotografias produzidas pelos alunos do segundo ano do Ensino Médio, resultado da oficina de fotografia que ministramos. Esta recebeu o nome de "Nosso olhar sobre nosso ambiente". Dessa forma o visitante podia visualizar duas concepções diferentes de ambiente: os elementos naturais retratados pelo fotógrafo profissional e o ambiente urbano do bairro, retratado pelos alunos.



O fotógrafo naturalista, Haroldo Palo Jr. fez uma apresentação de seu trabalho e contou histórias de suas viagens pelo Brasil e Antártida



Todos atentos à apresentação das fotografias sempre acompanhadas por uma boa história

NARRATIVA DO ACONTECIDO:

relato da experiência

PRODUÇÃO DE LIVRO SOBRE A HISTÓRIA:
pensando na continuidade
INÍCIO DE 2005

Depois das atividades realizadas na escola, voltamos a contactar Dr. Ronie, um dos participantes do GPC, para saber se ele ainda tinha algum interesse em ajudar na produção do material. A idéia era envolver também a nova diretoria da Associação de Moradores do bairro que estava em vias de assumir a representação da comunidade. Dr. Ronie se mostrou disposto a participar. Mas, com a nova diretoria não podíamos contar, pois esta ainda estava em processo de formalização jurídica para cadastramento na Prefeitura de Bauru. Assim, por já conhecermos as dificuldades de mobilizar e organizar um novo grupo e por motivos de falta de tempo para empreender esse esforço, em decorrência da necessidade de finalizarmos nossas dissertações de mestrado, produzimos um livro, sozinhas. (Anexo, em mídia eletrônica de arquivo PDF). **"Bauru 2000: histórias de um lado a outro do rio"** é um livro ilustrado, que conta por meio de linguagem simples e direta a história de vida de Sr. Guerino, tratado como personagem principal da história. Suas falas revelam sua origem italiana e toda sua vida de muito trabalho naquelas terras vizinhas ao bairro "Bauru 2000". Trata da relação deste homem com aquele ambiente e a recente história da ocupação urbana daquele espaço, narrada por Waldir Caso. Com o cuidado de não dar à narrativa um tom moralista, o livro tenta mostrar a importância da história para a comunidade do bairro, já que são novos moradores do lugar e, ainda, a importância da mobilização política popular para a conquista da satisfação de suas necessidades.

É um material que não pode ser considerado como versão definitiva, pois sua produção não foi participativa, devendo servir, assim, de modelo a reformulações futuras, de acordo com as estratégias que estamos ainda nos esforçando em articular. Partindo deste projeto que teve um exemplar impresso, na tentativa de torná-lo mais concreto, há, por exemplo, a possibilidade de se refazer o título do livro, a narrativa, a forma de apresentação, o roteiro e, até mesmo, as ilustrações que acompanham o texto. Para que isto se torne mais um elemento que contribua na continuidade de nossos trabalhos, estamos retomando alguns contatos. Conversamos inicialmente com Waldir Caso que atualmente é assessor de um vereador de Bauru, sobre a

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

possibilidade de assumir a responsabilidade de buscar patrocínio para a impressão de uma tiragem suficiente para distribuição no bairro. Entramos também em contato com um professor de geografia da escola Padre Antônio Jorge Lima, propondo o uso para-didático e interdisciplinar do livro, apresentando-o como modelo que pode ser adaptado e reconstruído participativamente com os alunos, pois acreditamos que é importante tomar este cuidado para não ser tomado como mais um material educativo imposto ao professor. Cabe colocar que este professor está envolvido no projeto de mestrado de uma aluna do mesmo programa de pós-graduação, que realiza uma pesquisa-ação-participativa com o professor e sua classe de quinta-série para produzirem, juntos, conhecimentos a respeito de atividades de campo como estratégia pedagógica. Neste caso, este material pode servir tanto de material de consulta para a pesquisa, pelos alunos, professor e pesquisadora, sobre a história da ocupação do ambiente do bairro, já que é de interesse principal considerar o entorno da escola, local possível de atividade de campo, quanto como material de ponto de partida para se buscar outros conhecimentos e atividades pedagógicas que podem decorrer de sua leitura crítica.

Já com alguns dos integrantes do GPC, restabelecemos contato para mostrar o resultado de nossos estudos, para reafirmarmos a posição de que, embora não tenham participado da diagramação final do livro, ele pertence a todos, pois foi resultado de um trabalho coletivo.

NARRATIVA QUE RECRIAM OS RESULTADOS:

encontrando significados para o vivido

NARRATIVA QUE RECRIAM OS RESULTADOS

Ao me deparar com o conjunto dos dados coletados e discutidos, resultado das muitas e múltiplas experiências vividas no campo e que aqui sinto como *aventuras bem vividas,* na qual nos embrenhamos numa tarefa coletiva, senti a necessidade de narrar, de forma mais interpretativa, estes momentos. Assim, os dados foram primeiramente apresentados no capítulo: "NARRATIVA DO ACONTECIDO: relato de experiência", de forma simples e seqüencial, no sentido de reproduzir passo a passo todo o processo desta pesquisa-ação-participativa.

No entanto, os dados assim apresentados, de forma mais imediata e objetiva, instigaram e reforçaram em mim uma ânsia de contá-los também de outra maneira, recriando a narrativa do **que aconteceu**, ou seja, passando para **o que me aconteceu** como pesquisadora, educadora e cidadã nesta experiência vivida. Na busca de um estilo mais vivo, solto e reflexivo de escrita encontrei nas produções de alguns autores, um caminho que tentarei trilhar aqui. Wunder (2003) em sua dissertação de mestrado faz, na escrita, uma "busca constante de trazer para o campo científico os fluxos e refluxos da experiência como pesquisadora e educadora", ou seja, os *saberes da experiência* que discute Larrosa (2001). Esta linguagem mais criativa e inventiva também está, quase que sempre, presente nos textos de Brandão (1999, 2002, 2003), um estilo que parece ser tão interiorizado e constituinte do modo de ser do autor, como antropólogo, educador e, digamos, escritor, que se faz explicitar na forma como conduz as discussões a respeitos dos mais diversificados temas, das histórias, da vida. Sobre isto, vejamos:

> (...) E a questão é esta: como fazer com que as experiências sociais e simbólicas da vida cotidiana que investigo e interpreto não transforme algo vivo em alguma coisa inanimada quando virem o meu texto? Como colocar no papel a dramaticidade de um ritual, de uma vivência interativa entre pessoas de uma escola, de um drama social, sem que a passagem de uma situação a outra não transforme algo vivo em alguma coisa inanimada. Sem que a passagem inevitável do "vivido deles" ao "vivido por mim entre eles" e do "vivido-anotado-pensado-por-mim-para-mim para o "escrito-por-mim-para-vocês-como-um-texto-científico" não perca em seu afã de objetividade científica justamente aquilo que há "ali" de mais objetivo: a realidade processual, viva e dramática do que vi sendo vivido e sendo representado na mente e nos gestos de homens e mulheres que investiguei vivendo-e-pensando o que "coletei" e, agora, escrevo? (BRANDÃO, 2003, p. 96).

Essas indagações desse autor, fervilharam também em mim a vontade de deixar transparecer em minhas análises um pouco do que o GPC viveu durante o ano em que nos dedicamos a nos conhecer e dialogar para criar uma *equipe de criação do seu saber*

unesp

(BRANDÃO, 2003). Além disso, no movimento de transição para uma narrativa mais metafórica, é desejável também que se transcenda a um exercício de reflexão e análise sobre os processos vividos nesta pesquisa-ação-participativa. Dessa forma se destacam alguns momentos escolhidos por mim - pois significativos para mim - ao plano de uma discussão teórica, numa conversa com os autores. É principalmente nele que procuro acolhida, já que seu livro "A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador", traz uma rica discussão sobre o método da pesquisa-ação-participativa, apresentando exemplos reais, vivenciados por ele e outros pesquisadores-educadores, que vêm de encontro com esta vivência participativa, educativa e de pesquisa.

NÓS E O OUTRO, NÓS COM O OUTRO:

reflexões sobre a universidade e a sociedade.

"Ciganas e neo-nazistas
O bruxo, o mago, o pajé.
Os escritores de scienci fiction
Quem diz e quem nega o que é
Os que fazem greve de fome
Bandidos, cientistas do espaço.
Prêmios Novel da Paz
O Dalai Lama, o Mr. Bean
Burros, intelectuais. Pensei:
Ninguém faz idéia de quem vem lá..."
Lenine

Durante a etapa de definição do projeto de pesquisa para a dissertação de mestrado que culminou neste trabalho, passei a me aproximar de um conjunto de teorias, metodologias e pressupostos epistemológicos de pesquisa para compreensão daquilo que dá suporte teórico para a metodologia da pesquisa-ação-participativa. Por meio das leituras e discussões que arrolavam, principalmente, nas disciplinas do programa de pós-graduação, pude aos poucos me apropriar dessas bases teóricas que ajudaram a fortalecer em mim a idéia de que a pesquisa-ação-participativa era a metodologia mais adequada para a pesquisa em educação ambiental que pretendia. No exercício teórico de fundamentação desta relação ficara evidente que a idéia de radicalizar a participação social no processo educativo é uma vertente desta metodologia que permite garantir à pesquisa tanto relevância científica como relevância social, comprometendo-se com a transformação social. Objetivo este, compartilhado pela educação ambiental.

Esses princípios e práticas começaram a ter significado real e concreto para mim, mas, ao mesmo tempo, surgia uma desconfortável sensação de incerteza, insegurança e angústia. Afinal, estávamos nos preparando para a entrada no campo quando, então, proporíamos o trabalho à Associação de Moradores do Bairro "Bauru 2000", que era composta por pessoas, até então, desconhecidas. Sofríamos, naquele momento, a expectativa do encontro, a insegurança da execução da pesquisa-ação-participativa, - já que éramos inexperientes quanto à prática - a incerteza de que poderíamos propor um tema de pesquisa pré-definido por nós, a desconfiança de que este poderia não provocar interesse nas pessoas, enfim, a indefinição quanto à participação daquela comunidade em um projeto que, até então, era nosso.

unesp

As indagações sobre a forma como deveríamos agir pareciam ser resultado do cuidado em não realizar uma prática incoerente e contraditória aos princípios norteadores da pesquisa-ação-participativa e da educação ambiental, que tanto defendíamos. É interessante verificar o quanto estamos impregnados com as idéias, fórmulas e conceitos pré-estabelecidos que as metodologias tradicionais se fundamentam e, de certa forma, impõem às atividades científicas, mesmo às do campo das ciências humanas. Posso dizer que durante minha vida acadêmica, como aluna de biologia, era imperativo o modo como a ciência era tratada na universidade como única, definitiva e legítima forma de explicação/interpretação da realidade. Essa hegemonia científica se perpetuava através da história da ciência que, além de excluir qualquer outro tipo de manifestação e expressão humana, desqualifica e desconfia de metodologias qualitativas que se interessam em investigar elementos não quantificáveis. Estas ciências se ocupam, entre outras coisas, em compreender os fatos sociais sobre as condições de vida, os comportamentos humanos, as inter-relações pessoais e com o ambiente, as motivações e aspirações de grupos sociais, ou seja, trazer à luz, as variáveis destas determinações.

Alargando ainda esta discussão, cabe aqui lembrar que esta forma de legitimar o conhecimento científico ou *alta cultura*, como se refere Santos (1997), em detrimento à cultura popular, contradição na qual a universidade é reprodutora, manifestou-se como uma das vertentes da crise da Universidade (SANTOS, op. cit.). A partir dos anos sessenta, segundo o autor, esta crise conjuntural provém de uma gestão de tensões em três domínios*: crise de hegemonia, crise de legitimidade e crise institucional.* Para ele:

> A gestão das tensões produzidas por esta tripla crise da universidade é tanto mais complexa quanto é certo que as contradições entre as funções manifestas da universidade "sofrem" a interferência das funções latentes da universidade. Esta distinção entre funções manifestas e funções latentes, com longa tradição na sociologia, é sobretudo útil para analisar relações intersistêmicas, no caso, entre o sistema universitário e o sistema de ensino superior, ou entre este e o sistema educativo, ou ainda entre este e o sistema social global. (SANTOS, 1997, p. 190-191).

O sistema social global que o autor discute, nos remete, sobretudo, a pensar a fragilidade da responsabilidade social da universidade. Esta se descompromete em explicitar e confrontar as contradições, permitindo assim que haja continuação, consolidação e até aprofundamento das desigualdades sociais e de oportunidade. É justamente sobre esta posição conservadora da universidade e dos conhecimentos que ela produz, que Demo (1989) reflete:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> (...) o uso conservador da pesquisa, desde a seleção de métodos e tópicos ligados à manutenção da ordem vigente, até a repressão de propostas avançadas em nome desta mesma ordem, não é próprio apenas dos decisores políticos, das autoridades em exercício, dos donos do poder e do dinheiro, como seria quase óbvio. É também próprio do cientista social que, como pequeno-burguês, tende a defender-se sob as asas da burguesia. O próprio cientista social, em média, possui vocação conservadora, a partir já de sua condição de elite. Pesquisa muito mais como não mudar do que como mudar. Aprecia ciência formal, pretensamente neutra, porque esta encobre mais facilmente seus engajamentos conservadores. Uma falsa objetividade, que é pura estratégia. (DEMO, 1989, p. 234-235).

No entanto, mais tarde, Santos (2004, p. 54) retoma esta discussão, no sentido de mostrar soluções para o restabelecimento da instituição universitária. Para isto, "identifica algumas 'idéias-mestras' que devem presidir a uma reforma criativa, democrática e emancipatória da universidade pública". Na idéia de superação da crise de legitimidade, conseqüência da superação da crise da hegemonia, o autor pontua cinco áreas de ação neste domínio: *acesso; extensão; pesquisa-ação; ecologia de saberes; universidade e escola pública.* Interessa-nos a discussão da *pesquisa-ação* e da *ecologia de saberes*. Sobre isto, Santos (2004, p.75) diz: "a pesquisa-ação e a ecologia de saberes são áreas de legitimação da universidade que transcendem a extensão, uma vez que tanto atuam ao nível desta como ao nível da pesquisa e da formação". Assim a universidade deve transformar-se em um centro de pesquisa-ação, no sentido de atuar para a satisfação das necessidades dos grupos sociais excluídos, não a serviço do capitalismo global, mas construindo alternativas que marque a "utilidade social da universidade", de modo contra-hegemônico. Aprofundando a idéia da pesquisa-ação, Santos (2004, p. 76) sugere, para a superação da crise de legitimidade da universidade, a ecologia dos saberes, definindo-a como:

> (...) promoção de diálogos entre o saber científico ou humanístico, que a universidade produz, e saberes leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, provindos de culturas não ocidentais (indígenas, de origem africana, oriental etc) que circulam na sociedade.

Para que a universidade seja promotora desta interação solidária entre universidade e sociedade, a partir da convivência destes saberes deve empreender, ainda:

> (...) ações de valorização, tanto do conhecimento científico, como de outros conhecimentos práticos, considerados úteis, cuja partilha por pesquisadores, estudantes e grupos de cidadãos serve de base à criação de comunidades epistêmicas mais amplas que convertem a universidade num espaço público de interconhecimento onde os cidadãos e os grupos sociais podem intervir sem ser exclusivamente na posição de aprendizes. (SANTOS, 2004, p. 78).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Neste sentido, pensando na relação universidade–comunidade, conhecimento científico – conhecimento popular, que nos preocupamos com a maneira de chegarmos ao "outro". Isto porque, consideramos que seria na prática que se explicitaria o quanto se processou em nós, como pesquisadoras e educadoras, a transposição do "*objetivo* para o *subjetivo*, a *oposição sujeito-objeto* para a comunicação entre *dois sujeitos interativos através de suas diferenças*, da *análise da quantidade* para a *compreensão da qualidade*" (BRANDÃO, 2003, p. 91). Sobre este deslocamento, o autor nos ajuda a compreender quando diz que:

> Ele está situado na tomada de consciência de que quando eu convoco aquilo que procuro estudar, a sair do "lado da coisa e da estrutura formal" para o "lado da relação e do acontecimento vivenciado", a minha interpretação, qualquer que ela seja e de onde quer que venha, não pode mais ser dada através de um discurso axiomático-dedutivo e inevitavelmente redutivo, mas em uma compreensão fundada na aventura assumida da intersubjetividade. (BRANDÃO, 2003, p. 91).

E foi nesta aventura que nos propusemos a embarcar. Numa aventura que deveria ser roteirizada não por nós, Nadja e eu, mas partilhada por todos nós, como grupo. E era justamente por entender desta forma que foi difícil concordar, inicialmente, que a tomada de decisões por parte dos moradores sobre o que deveríamos estudar e como o fazer, estava aquém do que gostaríamos. Isto porque as propostas de trabalho em equipe partiram de temas já dados por nós: a história das transformações ambientais do bairro e os indicadores de qualidade de vida significativos para os moradores. Diante deste problema, pretendo discutir neste espaço nossas conquistas e frustrações, não no sentido de justificar e dar respostas, mas no sentido de problematizar o processo vivido.

Primeiramente, vejo que é interessante considerarmos o problema do tempo que é reservado ao pesquisador-educador, nos programas de pós-graduação, para realizar uma investigação para dissertação de mestrado. Parece-me claro que o fator tempo é limitante à execução mais apropriada das metodologias participativas, já que há um enorme esforço, por parte do pesquisador-mestrando, em enfrentar o desafio duplo de **pesquisar, participar** e **conquistar a participação dos parceiros** em apenas dois anos. O respeito aos princípios das metodologias participativas a que me refiro, exige empreender compromissos participativos radicais, o que só parece possível quando se torna um "projeto de vida" do pesquisador. Logo, diante destes limites, o que se pretendeu foi uma aproximação, que, pelo menos, se preocupasse com um tratamento mais digno dos "sujeitos da pesquisa". Dessa forma, na



primeira etapa desta pesquisa, denominada autodiagnóstico por Demo (1989), podemos dizer que não houve de fato um diálogo com a comunidade para que ela própria construísse um tema de pesquisa radicalmente significativo para ela. No entanto, Demo (1989) explicando como esta etapa deve ser entendida, parece relativizar esta idéia da imposição e de que o autodiagnóstico é tarefa somente dos pesquisadores comunitários. Dessa forma, diz que este momento deve ser entendido

> (...) como confluência entre conhecimento científico e saber popular, precisamente na acepção teórico-prática do diagnóstico realizado no fundo pelo próprio interessado; o conhecimento científico é fundamental, mas instrumental e somente se torna útil à comunidade se for digerido por ela como autodiagnóstico; idéias podem vir de fora, desde que se tornem de dentro; usam-se técnicas formais de levantamento empírico que nada têm a ver com empirismo; levantamento científico bem feito só ajuda, embora nunca esgote a realidade e o problema. (DEMO, 1989, p. 237).

Em segundo lugar, nós consideramos que os temas propostos, *história das transformações ambientais do bairro* e *indicadores de qualidade de vida mais significativos para os moradores*, configuraram-se mais como abordagens dentro de um contexto maior, amparadas pelos pressupostos da educação ambiental, do que propriamente, como temas. Podemos dizer que as abordagens tiveram a plasticidade necessária para não serem tomadas como propostas fechadas para a realização de uma investigação coletiva. Isto porque a natureza destas abordagens, da história da ocupação do bairro e os indicadores de qualidade de vida para aquela comunidade, já as caracteriza como amplas e abertas, como síntese de múltiplas determinações, permitindo contemplar os fatores sócio-ambientais, históricos e políticos. Torna-se assim pontos de partida e de chegada de um diagnóstico da comunidade, construído por seus membros na forma de autodignóstico. Sobre isto Demo (2001, p. 21) reflete:

> O planejamento participativo não impede, por exemplo, que se busque convencer a comunidade da necessidade de determinada ação, desde que o processo de convencimento se faça dentro de um espaço conquistado de participação, ou seja, partindo-se dos interesses da comunidade, levando em conta sua contribuição e sua potencialidade, deixando-se também convencer do contrário.

Em terceiro lugar, retomando as discussões colocadas por Santos (2004), sobre a ecologia dos saberes e por Demo (1989), sobre a confluência entre conhecimento científico e conhecimento popular, é importante ressaltar que um não substitui o outro. Os sujeitos sociais

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

envolvidos, pesquisadores acadêmicos e pesquisadores comunitários, têm papéis importantes no processo de produção do conhecimento, que devem ser exercidos de forma participativa e democrática. Se por um lado a ciência e a teoria ajudam a instrumentalizar o grupo de pesquisadores parceiros para a organização sistemática dos dados, na busca do que se quer conhecer, por outro o conhecimento e a prática popular dão suporte para a criação de métodos alternativos e mais adaptados àquela realidade, para que haja aprendizagem significativa, autopromoção da comunidade, emancipação. Assim:

> Não faz sentido embaralhar os papéis. O comunitário espera do cientista que seja competente como cientista e não que se fantasie de proletário, destroçando sua origem e sua marca social. Este populismo não leva a nada, tanto porque elimina o espaço próprio da ciência formal, quanto porque vive a ilusão de substituir o proletário. Por outra, não se trata de intelectualizar o comunitário, vendendo a idéia de que ciência é condição fatal de mudança social. (DEMO, 1989, p. 239).

Entendendo que os saberes são diferentes, mas não desiguais (BRANDÃO, 2003), logo no primeiro encontro, Nadja e eu apresentamos o "nosso olhar" sobre o bairro (Anexo em mídia eletrônica). Imagens que se comportavam como música, numa seqüência que ia desvelando nossas primeiras impressões, procurando provocar reflexões e discussões. Nosso principal objetivo naquele momento foi questionar: O que nós, pesquisadoras acadêmicas, vemos sobre a realidade da comunidade do bairro? O que vêm, vocês, moradores, sobre a ela? Em que se diferem nossas percepções? Em que se assemelham? Quem são vocês? Quem somos nós? O que não conhecemos? Como podemos compartilhar saberes?

QUEM SÃO OS OUTROS:

identificando a natureza do grupo de moradores do bairro

Para tentar responder a alguns dos questionamentos anteriores, parece necessário apresentar alguns traços da identidade dos moradores que se envolveram neste trabalho, que foram sendo revelados durante o desenvolvimento do processo coletivo. Para isto podemos levantar aqui alguns sinais dos interesses destas pessoas relacionados à proposição que fizemos para formação de um grupo de pesquisadores comunitários. Isto pode ajudar também a compor a narrativa do que me aconteceu nesta experiência, pois é preciso olhar a interação pesquisadores-acadêmicos e pesquisadores-comunitários também na perspectiva da comunidade. Isto implica compreender o processo grupal e me faz remeter à discussão apresentada na dissertação de Janke (2005).

Relembremos então, o momento em que fizemos o primeiro contato com os membros da diretoria da Associação de Moradores do Bairro "Bauru 2000", que antecedeu a formação do Grupo de Pesquisadores Comunitários (GPC). Foi na escola municipal de educação infantil do bairro, que o grupo de pesquisa em educação ambiental, do programa de pós-graduação do qual Nadja e eu fazíamos parte, reuniu-se pela primeira vez com aqueles moradores. O objetivo do encontro foi promover um reconhecimento entre nós e os moradores, para realizar uma possível ação educativa ambiental de todo o grupo. Assim, durante a reunião, ao mesmo tempo em que representantes da comunidade apresentavam uma série de propostas políticas para a melhoria das condições do bairro, alunos e professores universitários se colocavam interessados em colaborar na realização dessas propostas. Na ânsia de promover interação, parece ter aflorado no grupo universitário a necessidade de dar respostas imediatas àqueles problemas. Muitas sugestões e soluções foram dadas, provocando entusiasmo coletivo.

Por outro lado, identifiquemos a natureza política desta Associação de Moradores. Sua forma de atuação parece ter um caráter ativista, importando-se, prioritariamente, com a execução de ações, desprovidas de reflexões ou participação da comunidade nas decisões sobre, por exemplo, quais atividades devem ser priorizadas. Além disto, destaquemos a história das relações entre a Associação dos Moradores do bairro e a comunidade local, como principal marca de uma relação de descontentamento e desconfiança mútua.

unesp

Estes pontos revelam e ajudam a compreender alguns dos conteúdos da relação que se deu entre os pesquisadores-comunitários e as pesquisadoras-acadêmicas durante a realização dos trabalhos. Podemos dizer que ficou claro que houve uma construção de expectativas dos membros da Associação com relação à ajuda que poderíamos lhes oferecer. Isto porque expressaram a necessidade de obterem de nós respostas prontas e efetivas para conseguirem, de um lado, resolver os problemas do bairro, e, de outro, de serem reconhecidos pela comunidade e retomarem a legitimidade de representação que haviam perdido. Além disto, este fato parece explicar a escolha do caminho que trilhamos nesta pesquisa-ação-participativa, principalmente com relação aos primeiros passos que realizamos.

As etapas iniciais desta trajetória foram marcadas pelo levantamento da necessidade de adesão e participação de outras pessoas da comunidade para aumentar o tamanho do grupo, que culminou na realização do evento descrito na apresentação dos resultados. Este movimento parece ter sido impulsionado pela necessidade, já presente, da Associação, pois a acusação sobre a falta de participação comunitária no planejamento e no enfrentamento dos problemas reivindicados era, em todo momento, explicitada. De outro lado, os moradores pareciam não acreditar que a Associação os representava quanto às suas reivindicações. Percebemos aqui a cristalização dos papéis dos que reivindicavam e dos que executavam ações no bairro.

Ao constatar essa situação, logo no início, nós propusemos que o grupo se dissociasse do grupo da Associação. A proposta era de criar uma nova imagem para este grupo para tentar resolver o problema da falta de aceitação da comunidade. Parecia necessário que o grupo assumisse uma nova roupagem e reformulasse seus objetivos e suas propostas, configurando-se como pesquisadores comunitários. Inicialmente o grupo se mostrou interessado em fazer esta separação, já que era mister conseguir novas adesões. No entanto, mesmo nos nomeando como GPC, não houve, futuramente, um interessado, sequer, em participar.

A experiência mostrou também que os pesquisadores-comunitários, membros da diretoria da Associação, continuaram trazendo referências antigas para o que pretendíamos ser, um novo grupo. Continuaram a apontar a falta de participação dos demais moradores como imobilizadora de suas ações na comunidade. Isto nos fez perceber que a dissociação: Associação - GPC realmente não seria possível, pois ainda havia muitas dificuldades para

unesp

superarmos. Talvez por essas razões é que os participantes deram, em nossos planejamentos iniciais, maior importância à etapa da ação, em detrimento às etapas da pesquisa, fazendo com que se criasse muita ansiedade para avançar no processo. Descompassos e atropelos foram gradativamente superados com o fortalecimento da identidade do GPC.

Assim é importante ressaltar algumas considerações que contribuem para a compreensão da formação do grupo e para o processo de pesquisa-ação-participativa:

1 - Como deve ser o processo de escolha dos pesquisadores comunitários?

Na existência da possibilidade de se trabalhar com um grupo já estruturado é preciso atentar à identidade do grupo para, então, promover condições de transição que não rompam com as expectativas e interesses dos participantes, mas que promovam uma adaptação às novas propostas, onde a dimensão da pesquisa esteja em destaque, criando uma nova realidade dialógica entre o saber comunitário e o conhecimento científico.

Além disto, é preciso estar atento para que as relações hierárquicas e de poder, que existem nas interações de um grupo desta natureza, seja um ponto de partida para se trazer, à volta da mesa, uma discussão que tenta superar essas relações, pelos questionamentos sobre as condições sociais da vida em comum.

2- Como motivar a comunidade para participar?

Este é um questionamento que surge da necessidade de uma prática coerente ao horizonte teórico que permeia este estudo. Horizonte que elabora reflexões que tentam responder de modo mais sistematizado o que é a participação. Neste plano podemos nos respaldar, principalmente, nos estudos de dois autores: Demo (2001) e Bordenave (1983). Vejamos suas contribuições.

O QUE IMPLICA PARTICIPAR:

condição construída ou imposição?

A importância que o problema da participação dos moradores do bairro tomou em nossos trabalhos indica a necessidade de aprofundarmos seus conteúdos. Primeiramente, olhemos para o grupo de moradores do bairro que compunham a diretoria da Associação. Bordenave (1983) nos ajuda a entender o tipo, o grau e a qualidade de participação que está imposta a esta forma de organização social. Podemos dizer que uma associação de moradores de um bairro é uma forma de organização popular, e, portanto, está ordenada, segundo o autor, por duas bases complementares: uma base afetiva e outra prática-instrumental. Estas são as primeiras idéias que explicam a participação, como algo inerente à natureza social do homem. Inicialmente, "os homens participam porque sentem prazer em fazer coisas com os outros e porque fazer coisas com os outros é mais eficaz e mais eficiente que fazê-las sozinhos" (BODERNAVE, 1983, p. 16). Assim, podemos identificar estas bases neste agrupamento de 'participação secundária', mesmo porque é da natureza deste tipo de organização da sociedade civil, buscar, coletiva e organizadamente, meios práticos e objetivos para a satisfação das necessidades da comunidade que representam. Isto significa dizer que, segundo este autor, há uma distinção entre participação em associações e participação social. Uma pode estar ainda no nível de uma microparticipação, que é "quando há associação voluntária entre duas ou mais pessoas numa atividade comum na qual elas não pretendem unicamente tirar benefícios pessoais e imediatos", enquanto outra, a macroparticipação, "implica uma visão mais larga, no sentido de ter algo a dizer na sociedade como um todo", "(...) quando intervém nas lutas sociais, econômicas e políticas de seu tempo" (BORDENAVE, 1983, p. 24). É claro que parece muito apressado dizer que a Associação de Moradores do Bairro "Bauru 2000" se encontra no primeiro caso, mesmo sabendo dos problemas entre a Associação e demais moradores do bairro, mas é também impossível colocá-los situados em nível próximo à macroparticipação. De qualquer forma, essa diferenciação de nível de participação, mesmo com a impossibilidade de classificá-los em um ou outro nível, nos ajuda a compreender a abordagem prática-instrumental que os membros do GPC davam a sua função representativa na diretoria da Associação.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Outra orientação que Bordenave (1983) nos dá, que nos ajuda a identificar algumas pistas sobre a dinâmica desta Associação quanto à questão da participação, é sobre suas diferentes formas de funcionamento, relacionadas à qualidade de sua atuação. Dentre essas formas, podemos destacar a voluntária, que parece se ajustar ao caso da Associação do bairro. Tem sentido para nós, ao buscarmos compreender as configurações dinâmicas do nosso grupo que "o grupo é criado pelos próprios participantes, que definem sua própria organização e estabelecem seus objetivos e métodos de trabalho" (BORDENAVE, 1983, p. 28). É evidente que, promover benefícios para a comunidade era objetivo explícito da Associação de Moradores do Bairro "Bauru 2000", expresso pela vontade de, pelo menos, alguns de seus membros. No entanto, percebo agora que, uma das coisas que os impedia de serem mais efetivos, visto pelo descontentamento dos moradores, era a forma como trabalhavam, ou melhor os métodos organizativos e operacionais dos quais se utilizavam. Por outro lado, é de maior importância ainda, levar-se em conta os referenciais políticos-ideológicos dos membros desse grupo, que, embora diversos, foram se revelando como fundamentais nas formas como enfrentavam os problemas da desmobilização da comunidade. Deste ponto, surge um questionamento importante: será que os membros do grupo, se auto identificando como a Associação, reconheciam suas dificuldades como dificuldades puramente operacionais e procuraram em nós, pesquisadoras acadêmicas, respaldo técnico para resolver tais problemas? Neste sentido, cabe refletir sobre a adesão ao GPC; a adesão foi voluntária ou imposta pelas necessidades operacionais?

Não podemos responder a estas perguntas com segurança, mas podemos problematizar o processo de transição de um grupo a outro tentando nos aproximar de um entendimento mais abrangente de todo ele. Na verdade, podemos constatar que não foi 'criado' outro grupo, mas que o grupo da diretoria da Associação se configurou como extensão, ou espelho, do primeiro, na medida em que trouxe todos os conteúdos reflexos para as novas atividades. Muitas referências e necessidades anteriores fizeram-se perceber no interior do que, pretendíamos, ser um novo grupo. Percebo agora que não poderia ser diferente, pois tratava-se do mesmo conjunto de pessoas adultas, com referenciais, valores, atitudes, comportamentos, idéias e conhecimentos já consolidados.

unesp

Além disso, podemos dizer também, que a tentativa de transição do grupo da Associação para o GPC foi conduzida por nós, agentes externos, configurando, portanto, numa tentativa de provocar a participação. Bordenave (op.cit.) nos fala sobre esse aspecto na participação dos sujeitos nos grupos e identifica, neste sentido, duas variáveis: a participação dirigida e a manipulada, que pode nos dar um caminho para o aprofundamento da discussão que se segue, pois é importante examinarmos mais de perto, o que significou a participação dos moradores no GPC; o que significou nossa, minha e da Nadja, participação no grupo; portanto, como se deu este processo;

O grupo de pesquisadores comunitários: conquistando a participação.

Relatar e analisar o processo de participação em que estivemos envolvidas se faz possível se for considerado que as interpretações são pessoais, e, ao mesmo tempo, compartilhadas, resultado das discussões entre Nadja e eu, a partir do que vivenciamos diretamente em campo. É importante registrar que a possibilidade de vivenciarmos uma experiência conjunta, pela articulação de dois projetos acadêmicos tradicionalmente solitários, nos proporcionou a oportunidade de compartilhar angústias e reflexões concretamente significativas para nós, realizadas imediatamente após as ações, no bairro, que sempre realizamos juntas.

Para iniciar as reflexões sobre a conquista da participação que identifico como um movimento real em nossa experiência gostaria de partir da premissa apontada por Demo (2001, p. 18):

> (...) *participação é conquista* para significar que é um *processo*, no sentido legítimo do termo: infindável, em constante vir-a-ser, sempre se fazendo. Assim, participação é em essência autopromoção e existe enquanto conquista processual. Não existe participação suficiente, nem acabada. Participação que se imagina completa, nisto mesmo começa a regredir.

Como tal, a participação é um processo lento que devemos exercitar e só assim, participando, podemos conquistá-la. Encontro nesta idéia uma forma interessante de pensar como foi o processo de participação do GPC. Distanciando-me um pouco da prática, na qual desenvolveu-se a pesquisa-ação-participativa, durante um certo tempo em que estivemos

envolvidas, sou capaz agora de enxergar com maior nitidez esta totalidade. Identifico neste processo quatro momentos que podem caracterizar os níveis diferentes de participação. Estas etapas são, de certa forma, artificiais, criadas somente para o efeito de compreensão, já que não é possível desarticulá-las e nem mesmo identificar uma linha divisória que delimitam-nas temporalmente dentro do processo. Com essas preocupações, chamei estes momentos de: *formação do Grupo de Pesquisadores Comunitários*; *identificando-se como GPC no processo de pesquisa*; *colhendo resultados*; *desarticulação*.

A etapa, ***Formação do Grupo de Pesquisadores Comunitários***, refere-se ao processo de relativa transição do grupo da Associação ao novo grupo e ao seu primeiro período de criação. Nas reuniões iniciais, de acordo com a necessidade de aderir novos participantes ao GPC, foram realizadas atividades para o planejamento de um evento onde o grupo se apresentaria à comunidade e faria o convite à participação. Enquanto dirigíamos as propostas e organizávamos uma forma de planejar o conteúdo que exporíamos à comunidade no dia do evento, os outros participantes tinham problemas sérios de comunicação. A interação se dava somente nas informações, por nossa parte, sobre como sistematizar os conteúdos da apresentação para os outros moradores do bairro, enquanto, os diretamente envolvidos nesta tarefa participavam mais como colaboradores, levantando idéias que deveriam compor um quadro síntese, do que como sujeitos ativos na tomada de decisões.

Aos poucos, o grau de participação dos envolvidos foi aumentando, a comunicação foi se tornando mais multidirecional. Os participantes passaram a expressar suas idéias a respeito do bairro, quais eram suas necessidades e desejos. Falaram das necessidades relacionadas à saúde, à educação, à segurança, às áreas verdes e do comércio local. Víamos surgir um novo momento participativo que transitou entre o que Bordenave (1983) chamou de "grau primário" de informação, ao grau, um pouco mais participativo, definido como "grau de consulta facultativa". Nesta, os coordenadores do processo provocam os envolvidos para que interajam mais e decidam sobre alguns procedimentos das atividades.

No momento em que o grupo atribuiu a cada um dos membros uma tarefa de se responsabilizar por alguns dos temas que compunham o quadro dos conteúdos a serem apresentados, deu-se um passo a mais ao acesso do controle das decisões pelos membros, alcançando um grau maior de participação. A participação dos envolvidos passava a ser cada

unesp

vez mais necessária, pois estes se tornavam co-responsáveis pela finalização do quadro sistematizado dos temas que foram apresentados aos moradores convidados. O fato é que os participantes estendiam suas ações, realizando atividades não somente durante as reuniões, mas em períodos entre os encontros. No momento do evento, já tínhamos avançado um pouco no que diz respeito ao nível de participação dos envolvidos, numa relação inversamente proporcional ao direcionamento, por parte das pesquisadoras-acadêmicas, e tomada de decisões pelos envolvidos. No entanto, não podemos afirmar que participação foi igual para todos os membros, durante as primeiras reuniões. O fato é que o grupo ainda estava revestido pela estrutura formal da Associação, dado a configuração das relações entre papéis hierarquizados desta organização popular, o que parecia ser exatamente reproduzido no novo grupo. Pudemos perceber que esse movimento de construção gradativa da participação dos membros do GPC culminou em sua participação na apresentação de nossas propostas aos moradores, no evento que organizamos.

Associado ao processo participativo está o processo de criação de uma nova identidade, uma nova configuração para o grupo, podemos dizer. Embora o evento não tenha cumprido seus objetivos de agregar novos participantes ao grupo, foi um divisor de águas na transição do grau de participação de seus membros. Enquanto planejávamos, lidávamos com as necessidades anteriores, recalcadas; mas no momento em que nos apresentamos à comunidade, foi evidente o fortalecimento da identidade do GPC. Dividimos a apresentação entre todos os membros e expusemos nossos objetivos e métodos, isto significava que já estávamos no consolidando como um grupo de pesquisadores parceiros, nos adaptando a uma nova roupagem.

A segunda etapa, ***identificando-se como GPC no processo de pesquisa***, diz respeito à organização da pesquisa propriamente dita. Esta foi uma fase muito rica de discussão, no entanto, focarei, neste momento, mais o tema da participação. Podemos identificar uma forte característica destas reuniões que foi nosso avanço na qualidade de nossa comunicação. Como nós apresentávamos uma vertente nova ao grupo, que era a dimensão da pesquisa científica, que deveria nos dar subsídios ao estudo coletivo sobre a história ambiental do bairro e dos indicadores de qualidade de vida mais significativos para a comunidade, é claro que exercemos com mais intensidade um papel de mediação neste processo educativo. Mediação entre as

unesp

referências do conhecimento científico, novas para os outros participantes, e as referências do conhecimento popular, anteriores, conhecimentos que eles já tinham, embora não sistematizados, sobre a história da ocupação do espaço urbano e sobre a qualidade de vida nesse ambiente. Por meio de um diálogo que se estabeleceu, os pesquisadores comunitários foram empreendendo as primeiras aproximações com relação à metodologia de pesquisa, embora insistíssemos que a pesquisa já estava presente na vida daquelas pessoas, mesmo que revestida de uma característica mais assistemática, como o estudado por Brandão (2003, p. 73): "Qualquer pessoa que reflete sobre suas próprias experiências de cada dia e do fio de sua vida reconhece que, mesmo nas dimensões mais simples e mais cotidianas, algumas formas embrionárias do exercício da investigação estão presentes".

Dessa forma, podemos dizer que a participação se deu muito mais no nível comunicativo do que exatamente no de tomada de decisões, no delineamento e objetivo da pesquisa. Mesmo quando propusemos a escolha coletiva das técnicas e instrumentos da coleta de dados, o papel que desempenhamos foi mais diretivo[3] do que esperávamos. Assim, foi durante este passeio ao mundo da pesquisa, que os membros foram incorporando esta nova dimensão, tornando mais significativa a denominação de **pesquisadores comunitários**. Além de fortalecer a identidade do grupo, este foi o momento em que necessitamos definir com mais clareza os objetivos do estudo, a forma como os alcançaríamos e o que poderíamos produzir destes resultados. Isto deu a condição da passagem de um nível de participação de consulta facultativa à consulta obrigatória, significando que os membros não permitiam ser excluídos de qualquer tipo de tomada de decisão sobre o encaminhamento do trabalho, embora reconhecessem que era preciso conhecer os métodos científicos de pesquisa, para adaptá-los às necessidades do grupo.

A terceira etapa, ***colhendo resultados***, é atribuída ao momento em que se sucedeu à pesquisa. Realizamos entrevistas com a comunidade, conversamos com os moradores antigos, coletamos informações sobre suas necessidades, sobre a história, sobre seus sentimentos e aspirações. Para isto, nós, participantes, depois de termos recriado os instrumentos para coleta de dados, nos organizamos da melhor forma para compartilharmos esta experiência de

[3] Sobre a diretividade no papel do professor-mediador apresento discussões no item: "Reflexão sobre o que fomos ou...o que somos: participantes, pesquisadoras ou educadoras?

unesp

investigação. Isto garantiu um nível bem mais participativo de todos os envolvidos, tanto nosso, pesquisadoras acadêmicas, quanto dos pesquisadores comunitários. Isto porque, por um lado, decidimos juntos sobre como fazer as abordagens e as entrevistas com a comunidade e por outro, o fato dos moradores estarem pesquisando sua própria realidade, motivou-os a empenharem-se com mais intensidade, nesta busca coletiva. Um movimento que permitiu que os pesquisadores comunitários transitassem do lado dos que vivenciam o cotidiano para o dos que o estudam, permitindo vê-lo sob uma outra ótica. Um exercício, ora de constatação, ora de (re)descoberta de sua própria cultura, seu modo de viver, suas características sociais, sua história[4]. Pouco a pouco, nos apropriávamos desses novos saberes, pois como nos ensina Brandão (2003, p.118) "Todo o saber construído como um contexto cultural, dentro do qual aprendemos qualquer coisa, ao incorporar algo-novo-ao-já-conhecido, transforma a estrutura completa do-que-já-se-sabia". Pudemos vivenciar, ainda que com limitações impostas pelas condições objetivas, a construção da participação, conquistada e não cedida, onde o poder de escolha e o poder de orientação do destino coletivo e das pessoas integrantes são livres e compartilhados. Com o resultado das entrevistas nas mãos, retomamos as reuniões do grupo, para sentarmos juntos à mesa e compartilharmos os depoimentos gravados. A etapa de organização dos dados contou com a participação de todos, embora bastante dirigida por nós.

O quarto e último momento, refere-se à ***desarticulação*** do grupo, que aconteceu após a organização e análise dos dados coletados quando, então, houve a sugestão, pelo grupo, do envolvimento da escola do bairro para a realização das ações educativas. A idéia era partir da história da ocupação do ambiente do bairro e do levantamento das prioridades daqueles moradores, para o planejamento de algumas ações ambientais. Ao mesmo tempo em que se dava o processo de investimento para agregar novos colaboradores na escola, somente por parte das pesquisadoras acadêmicas, a desmotivação dos demais participantes iniciava um processo, irreversível, de desarticulação do grupo. O GPC não conseguiu mais se reunir e aquele processo de coleta e organização dos dados, que revelou um grau máximo de participação, reverteu-se em um distanciamento provocado pelo descompromisso e desmobilização dos membros do GPC. Vivenciamos, então, um rompimento da continuidade dos trabalhos que

[4] O processo educativo pela pesquisa e as questões sobre o conhecimento da história desta comunidade são abordados respectivamente nos itens: Reflexão sobre o que fomos ou ... o que somos: participantes, pesquisadoras ou educadoras?

unesp

deveriam prosseguir com o planejamento das ações, por meio das quais pretendíamos contribuir, do ponto de vista sócio-ambiental, para a melhoria da qualidade de vida daquela comunidade. Mesmo acreditando que a obtenção do resultado sistematizado da história do bairro e dos indicadores de qualidade de vida, resultado de um trabalho coletivo e participativo que foi aos poucos sendo conquistado, traria novo ânimo aos integrantes do GPC, seus membros não se motivaram para a continuidade do processo. Mais uma vez percebemos, que as dificuldades de interação entre os membros da diretoria da Associação, agora membros do GPC, e a comunidade se evidenciaram. O rompimento entre as duas partes, já estabelecido pela atuação da Associação nos últimos anos, apareceu novamente, imobilizando qualquer intenção de envolvimento do grupo com a comunidade, que formalmente representava. Destaca-se aqui o fato de que a principal demanda expressa pelo grupo que compunha a diretoria da Associação no início de nossos trabalhos era a realização de ações diretas no bairro, dificultando inclusive, lembremos, nossas propostas iniciais de investigação. Percebemos aqui uma situação contraditória: os membros do grupo solicitavam, do próprio grupo, mais ações diretas e, depois de estudar os dados das solicitações, quando teve enorme interesse e participação, não conseguiu realizar as ações que vinham buscando.

Foi, então, a desmobilização do grupo e as exigências formais de cumprimento de prazo em nossas dissertações de mestrado que nos obrigaram a buscar novos colaboradores na escola.

Assim, podemos dizer por ora que, o caminho trilhado nesta experiência mostrou como é trabalhoso, intenso. e contraditório o processo de conquista da participação. A autopromoção é etapa final deste processo. Segundo Demo (2001, p. 67), entende-se por autopromoção: "a característica de uma política social centrada nos próprios interessados, que passam a autogerir ou pelo menos a co-gerir a satisfação de suas necessidades, com vistas a superar a situação assistencialista de carência de ajuda". No entanto, para alcançar esta autonomia, a comunidade precisa criar formas legítimas de organização para conquista de sua liberdade. Isto significa dizer que, só assim, pode participar democrática e politicamente no cenário social, ora reivindicando ao poder público aquilo que é de direito do cidadão, ora contribuindo pessoal e coletivamente para uma melhoria concreta da vida. Assim, a luta pela

unesp

REFLEXÃO SOBRE O QUE FOMOS OU... O QUE SOMOS:

participantes, pesquisadoras ou educadoras?

Antes de nos envolvermos nesta pesquisa, antes mesmo de conhecermos os moradores do bairro "Bauru 2000", delineamos algumas idéias que construíram o caminho teórico que deveria conduzir a experiência narrada aqui. No momento em que nos embrenhamos nesta vivência, alguns dos conceitos que trazíamos para o campo, ajudavam a esclarecer questionamentos sobre como proceder nesta prática participativa. No entanto, muitos deles ainda nos provocavam dúvidas, criando uma visão nebulosa e uma insegurança reconhecida. Assim, caminhamos corajosamente ao encontro com o outro, pessoas e metodologia desconhecidas. Desconhecidas também éramos nós de nós mesmas, como pesquisadoras e educadoras. Um ofício difícil de identificar e de enfrentar; afinal deveríamos ora com–partilhar, ora con-duzir, ora mediar, ora ouvir, ora discordar, ora compreender, ora avançar, ora retroceder, ora refletir, ora agir. Foi então, que no processo de criação da conquista coletiva de um espaço mais participativo, em que éramos também co-participantes, nos vimos tentadas a assumir nosso papel educativo. Sem dúvida que, o que estávamos vivendo era um processo no qual o caráter pedagógico era forte e potencialmente criativo. E neste "círculo de cultura", no qual a equipe de trabalho era instigada a conhecer aquilo que não se conhecia e para isto investigava, encontrávamos o eco das respostas de quem éramos ou como deveríamos ser, ou ainda que tipo de educadoras e educandos estávamos nos fazendo ser. Em linhas acima, falei do desafio duplo de pesquisar e participar, quando me referi à escolha da metodologia da pesquisa-ação-participativa para uma dissertação de mestrado. Gostaria agora de discutir sobre esta forma de participação, inserindo neste horizonte o desafio também de educar. Para isto, trago trechos da reunião sobre o processo de pesquisa no sentido de tentar ilustrar como se deu tal processo educativo.

Nossa preocupação era de criar uma situação pedagógica em que o educador fosse mais um mediador no processo de descoberta, do que um informador do conhecimento científico ou dos métodos e técnicas das quais a ciência faz uso. Isto porque considerávamos tênue a linha que separa a mediação ou interlocução simbólica do educador, entre as interações internas do grupo e destes com os objetos de conhecimento, da imposição, do

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

exercício autoritário, que preconiza a centralidade no educador, como único detentor do saber. Portanto, o papel educativo que nos parecia caber e que foi sendo revelado durante a prática, apontava para uma responsabilidade em intervir para que houvesse colaboração no processo de apropriação de novos conhecimentos. O trecho a seguir sobre o delineamento da pesquisa pode demonstrar esta intenção de mediação:

Isadora: *"Então o que queremos conhecer? Como era aqui antes? E o que mais?"*
Ricardo: *"Qual foi a construtora que construiu o bairro..."*
Joel: *"Quem era o dono daqui..."*
Isadora: *"Vamos ver se a gente consegue levantar mais coisa."*
Joel: *"(...) a história do bairro, como foi fundado, dados em termos de terraplanagem. O que mais..."*
Isadora: *"E porque que a gente quer saber esta história?"*
Joel: *"é o objetivo para os pesquisadores comunitários.... é uma pesquisa sobre o bairro."*
Ricardo: *"É... saber as prioridades da comunidade."*
Joel: *"Pesquisar porque tem uma escola aqui e outra estadual. Porque tantas casas foram construídas. Qual foi o objetivo. Porque que atende esta faixa da sociedade: média, baixa, alta...*
Isadora: *"E o que vamos fazer com todas estas informações?"*
Joel: *"Primeiro nós vamos coletar e depois pretendemos fazer futuramente um livro no caso...*

Esta foi uma experiência concreta de mediação que vai traçando um caminho de diálogo entre as pessoas, com a intenção de provocar, a cada passo, novos questionamentos que vão sendo resolvidos pelos próprios agentes da aprendizagem. É um caminhar que se estende na medida em que as soluções e entendimentos são pontos de ancoragem que impulsionam a reconstrução de novas dúvidas. Instaura-se uma desordem, que é energia vital da busca da renovação, da busca do conhecimento. E é uma intervenção do educador/mediador que permite reconstruir, renovar, refazer os conhecimentos anteriores, dinâmica e qualitativamente. Para entender melhor as questões relacionadas à diretividade no papel do educador, é possível recorrer a Vigotysky. Rego (2001, p. 115), nos lembra que a diretividade para o professor/mediador é um dos pilares das teses de Vygotsky e diz que:

> (...) o professor é o parceiro privilegiado, justamente porque tem maior experiência, informações e a incumbência, entre outras funções, de tornar acessível ao aluno o patrimônio cultural já formulado pelos homens e portanto, desafiar através do ensino os processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Brandão (2002, p. 215) também traz a mesma idéia, dizendo que o educador é o agente da mediação entre a dimensão da *cultura objetiva*, criada e acumulada pelo homem no

unesp

decorrer da história e da *cultura subjetiva*, existente no cotidiano da vida social do mundo em que vive. Assim completa:

> O educador cria contextos através dos quais a experiência vivida do cotidiano, entre ele próprio e seus alunos, pode ser pensada e pode encontrar os seus múltiplos e mutáveis significados. Mais ainda. O trabalho de ensinar-aprender tem muito pouco a ver com qualquer outro tipo de habilitação de planos especializados de desempenhos humanos, ou mesmo com a acumulação progressiva de compartimentos de conhecimentos. Ele se realiza, na verdade, como um 'alargamento' de círculos de comunicação entre pessoas e elas mesmas, entre elas e seus outros, e entre elas, os outros e seus mundos, através do adensamento da aprendizagem.

São ensinamentos como os de Brandão (2002), sobre este rico e intenso processo educativo, que nos possibilitam tecer, recolhendo também alguns fios da experiência, reflexões sobre este exercício de educar. Exemplos como os que Gomes (2002, p. 77) descreve servem também de inspiração para compreender esta tarefa e, assim, possibilitar a construção mediada do conhecimento. Referindo-se a observação de uma flor como ponto de partida do processo de ensinar e aprender, o autor diz:

> O conteúdo transmitido refere-se não apenas à informação sobre a flor, mas também evoca no receptor uma transformação no modo de perceber a realidade, através de uma observação mais precisa e detalhada, de uma atenção dirigida, de uma intenção de análise, de fatores imbricado em um envolvimento motivacional e na construção de um significado. A mensagem proferida por um emissor busca transformar o estado do funcionamento cognitivo do indivíduo receptor, incitando-o a uma exploração diferenciada. Mais importante que isso: há um emissor-mediador com uma intenção muito clara, incitando o receptor a perceber como ele percebe, a interpretar o mundo como ele interpreta, a significar como ele significa. Há um mediador – um ser humano – que seleciona, filtra, organiza, nomeia, dá significados ao mundo dos objetos. O mediador transmite sua visão de mundo ao mediado para que ele possa estabelecer a sua própria visão. É no conflito entre os conhecimentos prévios do mediado e o saber do mediador que se produz uma nova forma de interpretação por parte do mediado.

Portanto, para adentrar ainda mais nas questões do desenvolvimento do indivíduo, da aprendizagem, Gomes (op. cit.) fala sobre as teorias que trazem uma explicação da dinâmica individual interna que (re)significa o conhecimento. Rego (2001, p. 62) explica esta concepção que é amparada nas teses vygotskyana sobre a psicologia da aprendizagem:

> (...) o desenvolvimento das funções intelectuais especificamente humanas é mediado socialmente pelos signos e pelo outro. Ao internalizar as experiências fornecidas pela cultura, a criança reconstrói individualmente os modos de ação realizados externamente e aprende a organizar os próprios processos mentais. O indivíduo deixa, portanto, de se basear em signos externos e começa a se apoiar em recursos internalizados (imagens, representações mentais, conceitos etc).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

É óbvio que este conceito não se aplica somente às crianças, mas também, aos adolescentes, aos adultos, aos idosos, ou seja, a toda comunidade aprendente. Mas o mais importante aqui é considerar as condições sócio-históricas do processo educativo. Como foi, na situação pedagógica vivenciada por nós, Grupo de Pesquisadores Comunitários, em que nos víamos à volta de condições de ensinar e aprender. Aprendíamos muito com aqueles moradores que dia a dia iam trazendo seu mundo para dentro do nosso. Saberes formulados, experimentados, vivenciados, lapidados e reconstruídos na prática cotidiana de suas vidas. Estas falas de vidas reais, vinham repletas de valores, aspirações, sonhos, expectativas e até cores, cheiros e sabores. E a partir destes saberes encontrávamos caminhos para colaborar na transformação deste estágio cognitivo em outros, novos e inovados momentos.

Sobre isto, podemos nos lembrar do conceito de desenvolvimento proximal, tão fecundo em Vygotsky e que nas palavras de Brandão (2003, p. 116-117) também ganham significado:

> Em qualquer situação, tanto em cada pessoa, individualmente, quanto conectivamente, no interior de pequenos grupos ou equipes dentro de uma turma de alunos, ou envolvendo toda a turma, há um trânsito contínuo entre o-que-já-se-sabe e o-que-se-vai-saber: um intervalo desigualmente sempre transponível entre aquilo que se reconhece como um-saber-da-turma (de um grupo e, na seua unidade menor, de um aluno individualmente), como algo já-aprendido, e aquilo, muito próximo, que-ainda-não-se-sabe: aquilo que está-para-ser-aprendido, que vai-ser-aprendido. Que será aprendido como a fração cultural do saber socialmente disponível. A fração de algum conhecimento, valor ou o que seja, vindo da experiência vivida, vindo de algum ramo da ciência, vindo da literatura, vindo de... que o contexto das interações entre as pessoas 'ali' criou. E que, então, cada um individualmente, cada pequena unidade afetiva e relacional de um 'turma de alunos' irá incorporar aos seus processos e às suas estruturas cognitivas de conhecimento-aprendido-e-agora-sabido.

Incorporar a pesquisa ao conhecimento que aqueles moradores tinham sobre suas realidades era nossa intenção mais forte. Propusemos, então, que aqueles moradores se tornassem pesquisadores de sua própria realidade. Discutimos em grupo muitos temas sobre pesquisa, procurando entender suas concepções mais gerais, seus delineamentos e seus métodos. Dos dados narrados no item: "**A pesquisa: como investigar para conhecer**", destaco mais um exemplo que ilustra como estruturou-se o diálogo entre nós, pesquisadoras acadêmicas e os pesquisadores comunitários, neste processo mediado:

unesp

Nadja: *"Então falando disto mais ainda, se a gente quer saber a história da fazenda do bairro, a gente vai chegar com a nossa percepção e conversar com ele de forma natural, ou a gente vai com um questionário pronto? Será que se a gente levar um questionário pronto, a gente consegue saber sobre as impressões?"*
Joel: *"Assim seria mais próprio e mais fácil. Se você levar o questionário pronto, a pessoa vai se sentir limitado, você entendeu."*
Nadja: *"Pode até haver um roteiro prévio, mas não é uma coisa objetiva, é bem aberto."*
Ronie: *"As pesquisas feitas pelo jornal da cidade, quando eles estiveram aqui no bairro, foram todas gravadas. Daí eles perguntam: você pode dar uma entrevista para o jornal da cidade? Outro dia eu tinha chegado de São Paulo e me pegaram de calça curta(...)*
Joel: *"Uma coisa que eu acho errado também, é no caso da TV TEM. Outro dia atrás a TV TEM veio aí e eu conversei com a Taís né, queria mostrar o geralzão do bairro... buracos, vielas, tudo isto aí. Mas não, ela veio indicando a praça, veio pra isto, se for pra fazer outra reportagem eu vou embora, você entendeu."*
Isadora: *"Essas são experiências que talvez a gente não possa repetir. Então a gente tem que estudar qual a melhor forma que a gente vai abordar as pessoas. Então temos que nos preparar para abordar as pessoas, de forma mais natural possível."*
Ricardo: *"Oh, voltando ao questionário é o seguinte: as pessoas se sentem até com desconfiança com o questionário.(...)"*
Isadora: *"Você percebeu que isto não dá certo?"*
Ricardo: *"Isto!"*
Isadora: *"Então a gente chegou a uma conclusão que temos que saber abordar as pessoas, todo mundo já citou um exemplo que não é legal. A gente vai ter que não fazer dessa forma, então. Vamos pensar como vamos faze isto na prática... como vocês estão pensando? Fazer isto em grupos, em duplas? Em quantos somos? Quantas pessoas serão entrevistadas? Quem serão estas pessoas? Somos em 6 e são 5.000 moradores. Um número imenso. Seria interessante entrevistarmos quem? Os adultos, crianças, adolescentes?"*
Ricardo: *"Na minha opinião seriam os adultos né, porque conhecem mais a história do bairro."*

Assim, os moradores foram trazendo o que compreendiam sobre a tarefa de investigação na pesquisa, enquanto avançávamos nos conceitos. A partir do que conheciam sobre a forma de se realizar uma entrevista, colocamos as diferentes técnicas de entrevista realizadas na pesquisa social e descritas na literatura especializada, escolhendo, coletivamente, aquela mais adequada às nossas necessidades. Por meio de demonstrações, explicações, justificativas, abstrações e questionamentos promovíamos situações que incentivavam a curiosidade, possibilitando, assim, troca de informações sobre as técnicas entre o grupo. Procurávamos contribuir para o desenvolvimento, em todos nós, de um conceito, (re)formulado, refletido, (re)apropriado sobre o processo de pesquisa.

Portanto, não há como deixar de caracterizar o processo educativo que se realizou como uma forma de educação pela pesquisa. Sem dúvida, todo o desenvolvimento da construção coletiva de conhecimento sobre a realidade ambiental da comunidade do bairro "Bauru 2000" se mostrou muito próximo às discussões que apontam a importância da pesquisa como maneira própria de educar, no sentido do processo de formação da competência

histórica humana. O reconhecimento desta articulação vem como conseqüência natural a partir da compreensão da proximidade entre: conhecer de forma organizada por meio de questionamentos que é ofício próprio da pesquisa; e intervir politicamente na promoção de mudanças, pretensão de uma educação cidadã. É um horizonte no qual "a pesquisa e a educação coincidem, ainda que, no todo, uma não possa reduzir-se a outra" (DEMO, 2003, p. 8). Na intenção de desenhar um roteiro teórico-prático do desafio de educar pela pesquisa do ponto de vista metodológico, Demo (2003) apresenta um estudo propedêutico no qual encontram-se razões que amparam a articulação. Para isto vale a transcrição completa que mostra este caminho coincidente:

> a) ambas se postam contra a 'ignorância', fator determinante da massa de manobra; enquanto a pesquisa busca o conhecimento, para poder agir na base do saber pensar, a educação busca a consciência crítica, marca essencial de quem se sabe e sabe da realidade.
> b) ambas valorizam o 'questionamento', marca inicial do sujeito histórico; enquanto a pesquisa se alimenta da dúvida, de hipóteses alternativas de explicação e da superação constante de paradigmas, a educação alimenta o aprender a aprender, fundamento da alternativa histórica;
> c) ambas se dedicam ao 'processo reconstrutivo', base da competência sempre renovada; enquanto a pesquisa pretende, através do conhecimento inovador, manter a inovação como processo permanente, a educação, usando o conhecimento inovador como instrumento, busca alicerçar uma história de sujeitos e para sujeitos;
> d) ambas incluem a confluência entre 'teoria e prática', por uma questão de realidade concreta; enquanto a pesquisa busca na prática a renovação da teoria e na teoria a renovação da prática, a educação encontra no conhecimento a alavanca crucial da intervenção inovadora, agregando-lhe sempre o compromisso ético;
> e) ambas se opõem terminantemente à 'condição de objeto', por ser a negação da qualidade formal e política; enquanto a pesquisa usa a transmissão de conhecimento como ponto de partida e se realiza em sua construção permanente, a educação exige ultrapassar o mero ensino, instrução, treinamento, domesticação.
> f) ambas se opõem a 'procedimentos manipulativos', porque estes negam o sujeito; enquanto a pesquisa supõe ambiente de liberdade de expressão, crítica e criatividade, a educação exige a relação pedagógica interativa e ética, marcada pela qualidade formativa;
> g) ambas condenam a 'cópia, porque esta consagra a subalternidade; enquanto a pesquisa persegue o conhecimento novo, privilegiado como seu método o questionamento sistemático crítico e criativo, a educação reage contra o mero ensino copiado para copiar, privilegiando o saber pensar e o aprender a aprender.

E por compartilharem tais pressupostos é que "a pesquisa como forma de ensino permite alterar a lógica e a estrutura de toda uma prática de ensino/aprendizagem/ensino a partir da interação de um complexo de atividades dialógicas" (BRANDÃO, 2002, p. 166).

unesp

Vejamos como pudemos avançar em conceitos importantes sobre objetividade e subjetividade nos ancorando no ensino pela pesquisa:

Isadora: *"Então quais são os métodos, os instrumentos de coleta de dados na pesquisa social?"*
Nadja: *"Como a gente vai trabalhar com pessoas... a gente quer coletar dados sobre a vida delas, da experiência delas. E como que a gente faz? É só observando ou perguntando para as pessoas para conseguirmos estes dados."*
Isadora: *"Bom, vamos pensar em uma coisa. Se a gente quer saber quando é que foi feito o asfalto aqui, será que é mais fácil a gente ir na Prefeitura perguntar, procurar documentos oficiais, ou perguntar para as pessoas?"*
Joel: *"Bom eu tenho dados aqui para vocês que é empreiteira.... a gente vai lá conversa com o Marcelo e coleta esses dados."*
Isadora: *"Neste caso, nós vamos estar querendo saber coisas mais objetivas, por exemplo: quero saber em que ano que foi construído o bairro."*
Nadja: *"Diferente de a gente querer saber quais eram as situações daquele momento... que eram vividas no bairro quando o bairro foi construído."*
Joel: *"Então tem duas pessoas: tem uma pessoa e outra pessoa que vinha aqui, chupava manga, que nadava no rio que não era poluído...eu bato um papo com ele e ele diz... é mais ou menos por aí?"*
Isadora: *"Joel, você chegou num ponto muito legal."*
Joel: *" Se você quiser outros dados, é só ir lá e está tudo prontinho."*
Nadja: *"E a gente precisa desses dois pontos, tanto aqueles dados objetivos, diretos como..."*
Isadora: *"É aquele que você vai lá e pergunta.... é o Joel matou a charada, nós estamos falando de coisas objetivas, vamos dar nome a isto, o objetivo então é saber: quando..."*
Ricardo: *"Quantos quilos de asfalto."*
Joel: *"Quantas pessoas..."*
Isadora: *"E o outro seria o subjetivo. Vamos pensar assim: o subjetivo seria aquilo que é mais interno das pessoas, mais de sentimentos."*
Nadja: *"A pessoa dando o depoimento."*

No entanto, de forma geral, não era somente para colaborar para o conhecimento, por aquele grupo, daquelas informações técnicas, que se fazia tal situação pedagógica. O que nos impulsionava era a escolha intencionada por uma "educação cidadã", na qual o desafio não estava na formação apenas de agentes investigadores, mas também com a "gestação de tipos de pessoas humanas sob a forma de sujeitos de algum modo co-responsáveis pela criação de seus próprios mundos sociais" (BRANDÃO, 2002, p. 217). Assim, a "educação deve deixar de ser uma espécie de meio-para-alguma-coisa, e deve de fato se transformar em um fim-em-si-mesmo. Melhor ainda, em um meio cujo fim não é alguma espécie de crescimento ou mesmo de desenvolvimento econômico, mas é o desenvolvimento humano" (BRANDÃO, op. cit., p. 189).

E foi assim, em entorno de todas estas preocupações, que assumimos nosso papel de educadoras, assumimos a diretividade como educadoras-mediadoras e pudemos avançar no

unesp

processo da participação. Foram estes reconhecimentos coletivos que nos ajudaram a resolver nossos conflitos internos e nossas indagações.

> Um perguntar que se estende aos próprios sujeitos a quem em geral dirigimos tantas respostas prontas. Um ir-e-vir de sensibilidades e de buscas de compreensão do outro tão verdadeiramente dialógico que nós próprios, educadores, saibamos aprender com nossos educandos uma boa parte da direção e do sentido do trabalho de ensinar que praticamos. (BRANDÃO, 2002, p. 224).

As respostas sobre quem fomos ou quem somos começam a aparecer e novas indagações fazem-se configurar. Somos múltiplas interrogações de infindáveis buscas de conhecer e viver.

APRENDER A PENSAR NA ESTEIRA DEIXADA PELO PENSAMENTO DO OUTRO:

memória do ambiente

"... lembrar não é reviver, mas re-fazer.
É reflexão, compreensão
do agora a partir do outrora;
é sentimento, reaparição do feito e do ido,
não sua mera repetição."
Marilena Chaui

Nossa busca irmanou-se a busca dos outros, do grupo, dos recentes moradores daquele bairro que num curto período de tempo escrevia sua própria história naquele ambiente. História atual e presente que se refaz dia-a-dia num instante de vida urbana de um bairro de periferia da cidade de Bauru. No ano de 2000, inúmeras vidas, distantes e desconectadas, se entrecruzaram para compartilhar de um mesmo lugar, um núcleo de habitantes de um bairro popular. Novos vizinhos, nova paisagem, novas necessidades e porque não, novos sonhos? Ao chegarem, as escolas ainda não existiam, a ponte que ligava aos bairros vizinhos ainda era um desejo, mas o rio, o córrego, o Barreirinho já estava lá. Hoje, um fio de água ainda corre no riacho, mas o fundo dá para ver: é terra que escorre, vem de cima, do barranco.

Por quê? Nem tão fácil perceber. Mas alguém há de saber...



A água do Barreirinho ainda insiste em correr



A ponte feita pelos moradores facilitou a passagem para o outro lado do córrego.

O Grupo de Pesquisadores Comunitários constituído, entre outras coisas, para viver a experiência de investigação da memória daquele ambiente, revestiu-se de questionamentos e foi à procura dos fios que tecem aquela história que a nova comunidade reflete mas não viveu. Para os três moradores que participavam do grupo era mais do que uma atividade de investigação social, era um reconhecimento de si mesmo, de quem eram, diante daquele ambiente que é sua história, mas que resulta, também, da história de outros homens e outras mulheres. Munidos de seus roteiros de entrevista e de gravadores, ouviram histórias e histórias de histórias e assim, versões e visões vividas, pensadas e relembradas. Um mesmo ambiente, mas espaços de tempos diferentes. O passado distante e aquele mais recente. De um tempo rural, de produção familiar, a um tempo moderno, da construção civil.

O que há no presente de reconhecimento e estranhamento quando se ouve alguém contar do passado? Como é que, revestir-se da memória do já acontecido faz dar significados à realidade cotidiana, quando se acompanha as lembranças saudosas de Sr. Guerino? Como encontrar no passado, situações que ensinam a lidar com os problemas atuais, revivendo a 'memória política' de Waldir? São dinâmicas próprias do lembrar-se que recolhem de outras épocas um alento para que não nos faça sentir diminuir e morrer?

Ecléia Bosi (1983, p. 370) nos presenteia com belíssimos ensinamentos sobre a importância da memória para a sociedade e fala dos povos primitivos que na verdade somos nós mesmos. "Há algo na disposição espacial que torna inteligível nossa posição no mundo, nosso trabalho, nossa ligação com a natureza. Este relacionamento cria vínculos que as mudanças abalam, mas que persistem em nós como uma carência". E naquele espaço social, foi o ambiente, modificado, que persistiu. Foi o posicionamento, privilegiado e ao mesmo tempo, inadequado, do terreno que, por um lado permite avistar a cidade de Bauru, que mesmo de longe, faz fortalecer um sentimento de pertencimento cidadão nos moradores, e, contraditoriamente, por outro lado, esse mesmo posicionamento leva parte da vida cotidiana do bairro, nas enxurradas, ao rio, impedindo que ele corra vigoroso como antes. Aqui temos uma síntese do dinamismo sócio-ambiental dos ambientes urbanos, construídos e (re)construídos na vida cotidiana da relação dos sujeitos com o meio. A paisagem, urbanizada, ainda recolhe resquícios de fazenda, de riacho, de árvores. Um espaço cravado no pé de um morro que agora é sentido pelos olhos já cansados de Sr. Guerino, pelos ouvidos atentos de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

quem acabara de chegar e os pés despertos das crianças e adolescentes das novas escolas conquistadas pela comunidade. Sobre o ambiente que evidencia traços do passado, Bosi (1983, p. 331) nos lembra que:

> É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas idéias, não são originais; foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato da entrada em nossa vida. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal. Na maioria dos casos creio que este não seja um processo consciente.

Reconhecer na memória daquelas pessoas que trabalharam e constituíram seus valores, suas lutas, suas conquistas, na construção/interação com aquele ambiente, foi resultado de uma tarefa grupal de unir e (re)configurar, com múltiplos fios do passado, novas meadas. Do passado lembrado e vivo e daquele datado, escrito e 'confirmado' em recortes de jornal. Encontro nas falas de Bosi (1983, p.370) grande identificação com a tarefa a que nos propusemos:

> Destruídas a parte de um bairro onde se prendiam lembranças da infância do seu morador, algo de si morre junto com as paredes ruídas, os jardins cimentados. Mas a tristeza do indivíduo não muda o curso das coisas: só o grupo pode resistir e recompor traços de sua vida passada. Só a inteligência e o trabalho de um grupo [uma sociedade de amigos de bairro, por exemplo] podem reconquistar as coisas preciosas que se perderam, enquanto estas são reconquistáveis. Quando não há essa resistência coletiva os indivíduos se dispersam e são lançados longe, as raízes partidas.

Entendo que éramos sim uma forma de comunidade de amigos de bairro, de pactos construídos na amizade e nos compromissos sociais e políticos que aceitamos ao nos dedicarmos a trocar experiências, a pesquisar, a contemplar a realidade daquele mundo, olhando para fora e às vezes também para dentro, não por um único lugar, através de uma única janela (BRANDÃO, 2002). Qualquer análise do vivido no resgate da memória ambiental daquele espaço coletivo tem que partir do entendimento de que as memórias individuais de Sr. Guerino e de Waldir são apenas leituras, próprias e singulares, do vivido. Uma leitura feita com certa amargura das modificações assistidas, que revela um tom de contradição entre o passado-presente e o presente-passado, que contrasta o antes e o agora, mas que dá exemplos de perseverança, esperança e beleza. E outra, mais politizada, testemunha da história, da ocupação urbana, que não se contenta em narrar os fatos e quer também interpretar, reafirmando que não há participação neutra, ensinando o caminho político da conquista popular. Estes depoentes, na verdade, foram co-autores do trabalho de investigação, pois deram início a um importante

unesp

processo que pretendeu gerar conhecimentos, análises, idéias e interpretações. Temos, então, mais parceiros em nossa empreitada!

Estas versões são partes da composição complexa de uma história local repleta de interações, de histórias de vida, de pequenas e grandes histórias, que dão continuidade ao anterior, fazendo-se novo. As vidas vindas de outros lugares se misturaram e construíram histórias do presente, humanizando-o. Pesquisar o presente também foi nosso jeito de fazer história, queríamos saber quais as necessidades atuais, quais os desejos da comunidade, quais as prioridades, quais suas possibilidades históricas: "a história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos" (BOSI, 1983, p. 48). Assim há uma integração do começo e do fim, ligando o que foi e o que está por vir: "Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que é se não for capaz de sair das determinações atuais" (BOSI, op.cit., p. 39).

Reconhecer-se naquele ambiente, revivendo a história do outro e a (re)construindo como referência de nossa própria história, apropriando-se do que parece do outro, mas é nosso também, se identificando nesta narrativa como personagem ativo que pode pensar o presente e recriar o futuro, foi o caminho que trilhamos com aquela comunidade. Organizar-se para construir a história do futuro foi o que sempre quis a antiga diretoria da Associação de Moradores e o grupo GPC. Nós, pesquisadoras/educadoras/participantes, tivemos sincera e profunda vontade de ajudá-los a construir este sonho, de ajudá-los a olhar para o ambiente que é social, e cuidá-lo, mostrando que podíamos produzir conhecimentos e saberes pela pesquisa local da memória ambiental, que foi construída pela relação daqueles homens e mulheres e destes com o entorno. E agora que a academia nos exige a finalização do que não termina, queremos continuar contribuindo para que aquela comunidade possa compreender melhor sua história presente e suas necessidades, ou seja, tentamos criar condições com eles e para eles, para que o futuro possa construir uma história mais justa e igualitária entre os moradores e deles com o ambiente.

A divulgação na comunidade, do livro produzido, pode ser uma forma de fazer circular este saber criado por nós, para que este processo, iniciado por um pequeno grupo de pesquisadores, possa se alargar. Que seja um ponto de partida e impulsione o desenvolvimento de novos processos de envolvimento comunitário, de novas criações de saberes, de novas

unesp

interações e interpretações. Que atinja também os alunos da escola do bairro, para que este patrimônio próprio de vida popular seja reconhecido como uma história comum entre a escola e a comunidade que a acolhe. Pois, "o lugar físico, o lugar socioambiental, o lugar sociocultural, onde uma escola está e existe, é de uma comunidade que a acolhe" (BRANDÃO, 2002 p. 203). Que a história do local não se torne um 'lugar redutor', mas sirva de inspiração para a comunidade aprendente buscar a compreensão de outras realidades sócio-ambientais, em outros campos e esferas de nossa vida humana. Que o saber popular seja também tratado nas salas de aula como elemento educativo, para que possa colaborar na formação crítica e cidadã dos alunos, permitindo que estes participem da mudança da realidade em que vivem.

> Neste sentido, a preparação para a vida social é exigência fundamental, especialmente porque um dos pontos fortes da chamada sociedade pós-moderna é a emergência de movimentos localizados, baseados em interesses comunitários mais restritos, no bairro, na região, nos pequenos grupos, organizados em associações civis, entidades não governamentais, etc. (LIBÂNEO *et al*, 2003, P. 119).

Enfim, que a escola seja mais uma parceira na construção de um entendimento do conceito de ambiente que não é só natural, mas, principalmente, resultado de um processo histórico construído pelo trabalho humano.

Esta compreensão histórica da relação do homem com a natureza, que é base para a produção de formas próprias de cultura dos grupos sociais é proposta para o tratamento da educação ambiental, elaborada por Grün (1996). Para ele o desvinculamento da história, o esquecimento do termo ambiental nos currículos da educação moderna e a supervalorização do presente, do moderno em detrimento da tradição, que é vista como ultrapassada, é resultado de uma forma de conceber o mundo, influenciada pelo cartesianismo. Portanto, se a educação ambiental quer construir nova ética, nova visão de mundo, novas formas de relacionamento com o ambiente, deve se abrir aos horizontes da historicidade. Partir da explicitação e compreensão dos temas "não ditos" no mundo moderno e, portanto, na educação, como a transformação do ambiente realizada pelo homem na esteira da história e suas conseqüências, para, então, relativizar o conceito de progresso e produzir narrativas biorregionais. Vejo que foi também neste sentido que entendemos a necessidade de propor para os moradores do "Bauru 2000" a reconstituição da memória ambiental daquele espaço. Acreditamos que foi uma tentativa fecunda de criar caminhos para que a produção destas narrativas biorregionais se faça de forma mais participativa possível. É na realidade local que

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

pode estar a energia latente que dá impulso a criação de novos saberes, mais criativos e efetivos para um outro tratamento do ambiente, pelos homens. No interior destes mundos, há também riqueza histórica de pequenos personagens que nos ensinam.

> Pouco a pouco aprendemos a relativizar a história de longos ciclos, centradas em grandes feitos, grandes momentos e grandes heróis, para nos voltarmos às múltiplas histórias culturais de antecedentes, contemporâneos e consócios como nós mesmos. Nós ao lado de tantas pessoas 'sem nome em placas de rua' mas de um passado remoto, os verdadeiros heróis da 'nossa história', porque a geração de mulheres e homens são os construtores cotidianos do que esteve e está aí como uma cultura. A nossa cultura. Habitantes de carne e osso da criação de cotidianos que são, de uma comunidade de Belém Velho a Porto Alegre ao Rio Grande do Sul, ao Brasil, a outros amplos círculos de nosso Mundo, antes e agora, criadores de sociedades, de culturas e de histórias, tanto ou mais do que heróis montados a cavalo. E então, poderemos descobrir, junto com as inúmeras pessoas das muitas comunidades populares, que aqueles heróis esporadicamente aparecem em momentos de uma história cujo dia-a-dia somos nós, as pessoas comuns, quem constrói e quem, portanto, pode dar sentido e transformá-la.(BRANDÃO, 2002, p. 188).

E que sentido tem o conhecimento se não para ajudar a transformar, a melhorar a vida? Para isto temos que olhá-la mais de perto, talvez de dentro dela. Como nos mostra o filme "Nós que aqui estamos por vós esperamos", a história é feita também pelo homem comum, por mim, por você, pela dona de casa, pelo sapateiro, pela mulher que sai para trabalhar: "Numa guerra não morre um milhão de homens. Morre um que era gay, outro que gostava de spaghetti e outro que tinha namorada..." A produção científica está aprendendo a valorizar este tipo de saber, pois "há mais maneiras confiáveis de se viver uma pesquisa do que as que estão situadas dentro do que chamamos em geral de investigação científica" (BRANDÃO, 2002, p. 73).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

E ENTÃO... O QUE FICA?

Diante da narrativa do vivido e da tentativa de compreender aquilo que nos aconteceu nesta rica experiência de pesquisa, a pergunta é: e então... o que fica? O que modifica? O que permanece? Para mim, para os outros, para o grupo, para a ciência? Perguntas que me fazem refletir, que permitem um balanço final. Por isto, remetem às lembranças, aos momentos significativos, às angústias e limitações. Vivemos no processo, porque dinâmico, conflitos, conquistas, frustrações, avanços, retrocessos, cansaço e coragem. No início destas análises, falava de minhas preocupações em enfrentar a prática da pesquisa-ação-participativa, pois temia a incoerência, a falta de experiência e a incerteza da mobilização daqueles moradores. No agora, hoje, vejo que estes medos são importantes, pois nos obrigam a rever e refletir permanentemente sobre o modo de fazermos e de agirmos diante das mais diversas situações vividas em campo. Desafios novos a cada momento foram vividos intensamente por mim, pela Nadja e por aqueles que arriscaram envolver-se nesta aventura. Sabemos das dificuldades que enfrentaram para estar conosco nesta empreitada e somos solidárias às tentativas que sempre empreenderam para proporcionar melhoria de vida para suas famílias e para aquela comunidade. Por isto, e por tudo mais, fica aqui nossa profunda gratidão e nosso sincero reconhecimento de que juntos nos esforçamos para aprender o exercício de compartilhar, de ouvir, de ensinar, de participar. Se contribuímos com algo na vida destas pessoas, não podemos dizer com certeza, mas pudemos sentir, em alguns momentos, como foram capazes de refletir juntos, mesmo que de forma mais imediata, a uma provocação do grupo ou a uma história contada pelo vizinho, a um momento em que um de nós teve que ouvir o outro, ao instante em que alguém se sentiu contrariado por idéias com as quais não concordava e não se calou, ou simplesmente à hora em que, cansado de um longo dia de trabalho, teve que sair de sua casa, em noite fria, para mais um de nossos encontros.

É verdade que chegamos a um momento em que o grupo se desfez. Mas, podemos nos perguntar: será que esta já não era mesmo a hora de nos afastarmos? Será que aqueles moradores sentiam que a tarefa estava cumprida? Será que se sentiam impotentes frente à falta de participação da comunidade? Afinal, o que poderíamos fazer para contar à comunidade aquilo que descobrimos? Como pedir participação para realizar um mutirão de limpeza das ruas,

unesp

se ninguém do bairro parecia querer ajudar? Como escrever um livro daquela história, sozinhos? Como mostrar isto à comunidade?

Dificuldades que agora, tomadas à distância, ganham menor intensidade, pois o que fica já é saudade, já é desejo de continuar, já é certeza de que em nossas vidas não é mais possível a separação do que éramos e daquilo que hoje somos. Pois, estamos repletos de vivência, de novos saberes. Como educadoras ambientais, estamos imersas na certeza de que é mais que necessário uma prática participativa para alcançarmos qualquer objetivo de mudança social, para um mundo mais justo e igualitário, entre os homens e destes com o ambiente. Diante da repugnante imagem da desigualdade social e dos jogos de poder que construímos em nossa sociedade e que todos os dias nos saltam aos olhos, não podemos nos eximir e nos desresponsabilizar. Esta atitude covarde que é mascarada, às vezes, por um discurso esvaziado, só reforça a alienação e a manutenção da pobreza de muitos em virtude da riqueza de poucos, da promoção de oportunidades para alguns em virtude do esquecimento de todos os outros. Se não é papel do pesquisador, é profundo desejo para mim colaborar para a criação de uma nova ética social, marcada pela melhor convivência dos seres no planeta. É a necessidade que me permite ser cidadã, que me permite aprender a ser mais solidária, mais justa, mais generosa. Se estas falas parecem muito românticas e utópicas, que sejam lidas, por outros, com olhos mais centrados, mais realistas, mais racionais, mas que não me tirem a liberdade de sonhar!

Sinto que este trabalho me permitiu sonhar e me transportar ao mundo daquela comunidade. Mesmo acompanhada pela insegurança, senti-me acolhida por Joel, por Dr. Ronie, pelo Ricardo e principalmente pela Nadja. Se for descrever agora uma imagem que reflete este sentimento, penso em nós duas, chegando naquele lugar, de mãos dadas. Ela me ensinou a ouvir mais, porque muitas vezes eu não consegui conter a fala, ela ajudou a relativizar, ela foi companheira. Foram inúmeras as horas de conversa,de trocas enquanto tentávamos refletir sobre a reunião anterior e sobre o planejamento do encontro seguinte. Lembro-me das conversas e da satisfação de poder trocar idéias e angústias, desejos e decepções. Lembro-me dos momentos de entusiasmo, quando constatávamos a evolução do grupo, o fortalecimento da identidade e a conquista da participação. Crescemos muito, juntas!

Assim, encerramos, sem encerrar, pois o que nos impulsionou a escolher a pesquisa-ação-participativa para dar aporte ao nosso trabalho, foi o profundo desejo, como educadoras

unesp

ambientais, de pensar e agir na perspectiva da continuidade. Para que o processo coletivo vivido não se torne mais uma atividade pontual, pragmática, com características de ensino, de transmissão de conhecimentos, abordagem esta que tanto criticamos na educação ambiental, nos propusemos a viver esta experiência *bem vivida*, em um desafio de educar, pesquisar e participar.

E o que fica então? É isto, o que fica... continuar!

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, I.P. **Contando sobre a vida à beira do rio Tietê:** conteúdos históricos de Educação Ambiental. 1999. (Monografia para obtenção do título de licenciado em Ciências Biológicas) – Instituto de Biociências, UNESP, Campus de Botucatu, 1999.

ÁNGEL, J. B. **La investigación-acción:** Un reto para el professorado. 2. ed. Barcelona, Espanha: INDE Publicaciones, 2000.

BORDENAVE, J. E. B. **O que é participação.** 6. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

BRANDÃO, C. R. **O afeto da terra.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

BRANDÃO, C. R. **A educação popular na escola cidadã.** Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BRANDÃO, C. R. **A pergunta a várias mãos:** a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.

BRÜGGER, P. Os novos meios de comunicação: uma antítese da educação ambiental? In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Org.) **Educação ambiental:** repensando o espaço da cidadania. 2. ed. São Paulo, 2002. p. 143-177.

CAPRA, F. **O ponto de mutação:** a ciência, a sociedade e a cultura emergente. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

DEMO, P. Metodologias Alternativas: algumas pistas introdutórias. In: DEMO, P. **Metodologia científica em Ciências Sociais.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989. p. 229-257.

DEMO, P. **Participação é conquista.** São Paulo: Cortez, 2001.

DEMO, P. **Educar pela conquista.** 6. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.

DUARTE, R. A. P. **Marx e a natureza em O Capital.** São Paulo: Loyola, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GOMES, M. A. G. **Feuerstein e a construção mediada do conhecimento.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

GRÜN, M. **Ética e educação ambiental:** a conexão necessária. Campinas: Papirus, 1996.

GRÜN, M. O conceito de holismo em ética ambiental e educação ambiental. In: II Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental: abordagens epistemológicas e metodológicas, 2003, São Carlos. **Anais do II Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental:** abordagens epistemológicas e metodológicas. UFSCar, São Carlos: EPEA, 2003. CD-ROM.

HERCULANO, S. C. Do desenvolvimento (in)suportável à sociedade feliz. In: GOLDENBERG, M. (org.) **Ecologia e política.** Rio de Janeiro: Revan, 1992.

JANKE, N. **Pesquisa-ação-participativa:** compartilhando conhecimentos. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência, área de concentração Ensino de Ciências da UNESP/Campus de Bauru, 2005.

LARROSA, J. Notas sobre a Experiência e o Saber da Experiência. **Leituras da Secretaria Municipal de Campinas.** Campinas, São Paulo, n. 4, 2001, s/p.

LIBÂNEO, C.; OLIVEIRA, F. F.; TOSCHI, M. S. **Educação escolar:** políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental.** São Paulo: Cortez, 2004.

MARX, K. **Manuscritos Econômicos Filosóficos.** Coleção Obra Prima de Cada Autor. São Paulo: Martin Claret, 2003.

REGO, T. C. **Vygotsky:** uma perspectiva histórico-cultural da educação. 12. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências.** 7. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice:** o social e o político na pós-modernidade. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, B. S. **A Universidade no século XXI:** para uma reforma democrática emancipatória da Universidade. São Paulo: Cortez, 2004.

SATO, M. Um mergulho na cultura pantaneira. **Cultura Pantaneira.** Mimeo. (s. d.)

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. 6. ed. São Paulo: Autores Associados, 1997.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** 10. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2000.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Educação ambiental:** natureza, razão e história. Campinas, São Paulo: Autores Associados , 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. Pesquisa qualitativa. In: **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1990.

VIEZZER, M. L.; OVALLES, O. **Manual latino-americano de Educ-ação Ambiental**. São Paulo: Gaia, 1995.

WUNDER, A. A educação ambiental: entornos pós modernos. In: II Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental: abordagens epistemológicas e metodológicas, 2003, São Carlos. **Anais do II Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental:** abordagens epistemológicas e metodológicas. UFSCar, São Carlos: EPEA, 2003. CD-ROM.

ANEXOS

ANEXO 1

Transcrição do vídeo "Faça Parte"

Muitas vezes a ação voluntária se confunde com boa ação, mas voluntariado não é só isto. É importante saber que podemos ir além, principalmente quando trabalhamos com um projeto. Podemos construir um projeto em 7 etapas. Vamos ver:

1. A primeira etapa é a CONVOCAÇÃO.

Convocar é convidar, chamar, informar, integrar alunos, professores, funcionários, as famílias, a comunidade. Todos têm com que contribuir. Parece pouco, mas não é. Quando convidamos alguém para qualquer coisa, já transmitimos uma mensagem, despertamos um desejo. Todos nós gostamos de fazer parte e convocar para o trabalho voluntário é dar oportunidade para mais e mais gente poder fazer parte. Formado o grupo a segunda etapa é definir o quê fazer.

2. DIAGNÓSTICO

Diagnosticar é identificar quais são as reais necessidades daquela pessoa, grupo ou organização social que receberá a ação voluntária. O diagnóstico é fruto de nossas observações, de nossa análise, de discussões. Não é um procedimento que precisa passar por especialistas. Da mesma forma é necessário descobrir também nossas próprias motivações, o tempo que teremos e as habilidades que cada um dos envolvidos poderá colocar à disposição do projeto. Este gosta de contar histórias, aquela adora ensinar, este outro é super organizado. Tudo isto deve ser levado em conta. Diagnóstico pronto, chega de conversa.

3. É hora de fazer um PROJETO de voluntariado.

Não é difícil fazer um projeto, basta responder às seguintes perguntas: porquê fazer?; o que motiva esta ação voluntária?; (JUSTIFICATIVA); o quê fazer?; o quê se quer realizar? (OBJETIVO); quem está disposto a fazer parte? (GRUPO DE TRABALHO); a quem se destina o projeto (PÚBLICO ALVO); como fazer?; quais são as ações e fases necessárias? (PLANO DE AÇÃO); quanto?; quais os parceiros e os recursos necessários? (RECURSOS: HUMANOS, MATERIAIS); quando?; qual o tempo previsto para cada fase? (CRONOGRAMA). Pronto!!! Mãos à obra.

4. É hora da AÇÃO.

Executar a ação agora não será um pulo no escuro, pois temos um projeto. Vocês podem ter decidido por projetos na área de meio ambiente, educação, cultura, saúde, assistência social, lazer, defesa de direitos, cidadania. Podem também ter considerado todas estas áreas com diferentes públicos como crianças, jovens, adultos, idosos, comunidade, em organizações sociais ou não. Mas, é bom lembra, agir e refletir são processos inseparáveis.

5. Vamos a etapa seguinte: REFLEXÃO.

Perguntas como: Será que o espaço para a apresentação é bom? O que fazer se no curso que montamos o número de inscritos for maior que o de vagas? E se chover? Como vamos divulgar as conquistas para conseguir mais parceiros? Sempre que for necessário o grupo deve trocar impressões, idéias para ver se o resultado da ação corresponde ao esperado. Avaliem e reavaliem sempre o que está acontecendo, em conversas informais ou em reuniões.



6. Mas para que este trabalho possa ser compartilhado é preciso REGISTRÁ- LO.

A experiência poderá ser divulgada e ampliada se o que for feito for documentado. Escrevendo, fotografando, ou gravando. A partir destes registros é formada uma base comum de conhecimentos, disponível para quem quiser conhecer melhor o projeto para apoiar e também participar. Todos os voluntários se envolveram muito.

7. É hora de RECONHECER todo este empenho e COMEMORAR.

Reconhecendo e comemorando o projeto ganha mais vida e energia para continuar. Cada grupo escolhe como reconhecer. Existem muitas formas e comemorar é um rito da vida social que marca etapas e leva a diante.

Pronto! Estas são dicas que podem ajudar o desenvolvimento de projetos de voluntariado mais estáveis. Mas é claro, não são limites, na prática a teoria é outra e é bom que seja assim. Um projeto é uma referência que deve se adaptar a realidade e não o contrário. Viu, agora você já sabe como fazer um projeto. Isto vai ser útil para o resto da sua vida. Faça parte!

ANEXO 2

DICAS PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

1. O entrevistador deve se apresentar (como integrante do grupo de pesquisadores comunitários – GPC) e explicar as intenções da entrevista (conhecer a história do bairro desde antes de sua origem até dias atuais; pesquisar sobre as necessidades e desejos dos moradores do bairro – qualidade de vida)
2. O entrevistador deve se referir ao entrevistado sempre pelo nome
3. O entrevistador deve pedir permissão para gravar a conversa e pedir que assine o termo de permissão
4. A entrevista deve ser como uma conversa bem solta para que o entrevistado se sinta à vontade de contar sua história
5. O roteiro servirá neste caso somente como um guia para ajudar o entrevistador a estimular a conversa.
6. O acompanhante do entrevistador deve anotar no roteiro:
   - o nome do entrevistado
   - idade
   - qual a papel na família (se esposa, marido, filho, etc)
   - quantas pessoas há na família que são moradoras do bairro
   - deve estar muito atento e anotar as reações do entrevistado como: emoção; como o entrevistado se refere às coisas do passado (se com saudades, raiva, felicidade, tristeza, indiferença, etc);
7. O entrevistador deve estar atento ao término da fita e utilizar o outro lado se precisar. O uso do gravador é simples: basta apertar o REC para começar a gravação do início da fita.
8. O gravador deve estar em posição que capte bem a conversa.
9. É importante agradecer pela entrevista e dizer que ela servirá para nossos estudos que serão apresentados para toda a comunidade posteriormente.
10. Perguntar se o entrevistado conhece mais pessoas que poderiam contar sobre a história do bairro (pessoa mais antigas). Assim podemos construir a "rede de entrevistados."

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

ANEXO 3

AUTORIZAÇÃO

Autorizo que minha entrevista seja gravada e sirva como dados para a pesquisa do Grupo de Pesquisadores Comunitários – GPC.

Nome: _____

Data: _____

_____

assinatura

ANEXO 4

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SOBRE A HISTÓRIA DO BAIRRO

1. Você conhecia este local antes da criação do Bauru 2000?
2. Se conhecia, como era este local?
3. Caso conte da fazenda, como ela funcionava? Se tinha um dono só, empregados, tamanho, etc....
4. Quando você se mudou para o bairro?
5. Como era viver aqui antes?
6. Porque você se mudou para cá?
7. Como foi a criação do bairro?
8. Havia energia elétrica?
9. Haviam escolas, posto de saúde, transporte, etc?
10. Como era o ambiente natural- área verde, rio, etc.?
11. Como as crianças viviam?
12. Sua casa foi comprada ou é alugada?
13. Como foi a negociação para compra ou aluguel?



ANEXO 5

PLANILHA DE ANOTAÇÃO SOBRE HISTÓRIA DO BAIRRO

NOME DO PESQUISADOR: _____

DATA: _____

NOME DO ENTREVISTADO:	
IDADE:	
POSIÇÃO FAMILIAR:	
QUANTAS PESSOAS MORAM NA CASA:	

Espaço reservado para anotações sobre a dinâmica da entrevista:


0810001298